



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

QUANTO MAIS ME BATES MAIS GOSTO DE TI:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A
VIOLÊNCIA NO NAMORO

CATARINA MORGADO CRISTÓVÃO

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM EDUARDO NUNES SÁ

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM EDUARDO NUNES SÁ

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do
grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA APLICADA
Especialidade em Psicologia Clínica

2012

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Joaquim Eduardo Nunes Sá, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que possibilitaram o meu percurso académico, por todo o seu amor, dedicação e por nunca deixarem de acreditar em mim.

À minha Família que sempre me escutou e ajudou.

À Cláudia Cristóvão e ao Daniel Gomes pela paciência, amor e apoio incondicional.

Aos meus amigos, por toda a ajuda e paciência, e por todo o apoio que me deram.

A todos os alunos, pelo seu apoio, pela partilha de experiências e de dúvidas e sobretudo pela sua amizade.

Ao Prof. Dr. Eduardo Sá, por toda a mestria e dedicação.

E finalmente, a todos os Jovens que participaram neste estudo, que sem eles, tal não seria possível.

Se você demora mais um pouco
Eu fico louco esperando por você
E digo que não me preocupa
Procuro uma desculpa
Mas que todo mundo vê
Que é ciúme, ciúme de você
Ciúme de você, ciúme de você
Se você põe aquele seu vestido
Lindo e alguém olha pra você
Eu digo que já não gosto dele
Que você não vê que ele está ficando démodé
Mas é ciúme, ciúme de você
Ciúme de você, ciúme de você
Este telefone que não para de tocar
Está sempre ocupado quanto eu penso em lhe falar
Quero então saber logo quem lhe telefonou
O que disse, o que queria e o que você falou
Só de ciúme, ciúme de você
Ciúme de você, ciúme de você
Se você me diz que vai sair
Sozinha eu não deixo você ir
Entenda que o meu coração
Tem amor demais meu bem e essa é a razão
Do meu ciúme, ciúme de você
Ciúme de você, ciúme de você.

Ciúme de Você

Roberto Carlos

Composição: Luiz Ayrão

RESUMO

Tema: Quanto mais me bates mais gosto de ti: um Estudo Exploratório sobre a Violência no Namoro. *Problema:* A violência no namoro constitui um problema social muito importante nas relações românticas dos jovens e adultos. O comportamento do jovem vai estabelecer os padrões de relacionamento pessoal e relacional no futuro quando forem adultos. Recentemente, pesquisas têm vindo a observar que as relações amorosas dos adolescentes estão marcadas cada vez mais por comportamentos de violência. *Objectivo:* analisar a prevalência da violência dos adolescentes e identificar as estratégias de resolução de conflitos abusivas e positivas do próprio e do seu parceiro(a), assim como observar as crenças e atitudes dos jovens sobre a violência física, psicológica e sexual nos relacionamentos íntimos de namoro. *Método:* O estudo foi composto por 629 estudantes do ensino secundário de duas Escolas do centro de Lisboa, de ambos os géneros e com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. A recolha de dados quantitativos foi realizada através dos instrumentos Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) e a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). *Resultados:* Verificou-se que apenas 4,2% dos jovens não tem comportamentos abusivos nas suas relações e que apenas 38,8% dos jovens não tem comportamentos violentos na díade. O tipo de violência mais presente nas relações íntimas dos jovens é a Violência Emocional/Verbal, e a menos presente é a Violência Física. Observou-se que quanto maior a legitimação da crença da violência, maior a prevalência de comportamentos violentos na relação. Também se verificou que os indivíduos que consomem drogas e álcool reportam comportamentos mais violentos do que os sujeitos que nunca consumiram.

Palavras-Chave: Violência, Namoro, Adolescentes, Prevalência, Crenças.

ABSTRACT

Subject: “The more you hit me, the more I like you”: an Exploratory Study on Violence in Dating. *Problem:* Dating violence is a very important social problem in both young and adult romantic relationships. The young person’s behavior will establish relational and personal relationship patterns in the future when they become adults. Recently, researchers have been observing that adolescent romantic relationships are increasingly marked by violent behavior. *Objective:* To analyze the prevalence of adolescent violence and identify positive and abusive conflict resolution strategies in both oneself and his/her partner, as well as observe young people’s beliefs and attitudes on physical, psychological and sexual violence in intimate dating relationships. *Method:* The study consisted of 629 high school students from two schools in the center of Lisbon, both male and female between 14 and 20 years old. Data collection was conducted through two quantitative instruments: Inventory Conflict in Dating Relationships among Teens (CADRI) and the Scale of Attitudes about Violence in Dating (EAVN). *Results:* It was found that only 4.2% of young people do not have abusive behavior in their relationships and that only 38.8% of young people do not have violent behaviors in the dyad. The most prevalent kind of violence in young people’s intimate relationships is Emotional/Verbal Violence, and least prevalent is Physical Violence. It was observed that the greater the belief legitimacy in violence, the greater the prevalence of violent behavior in relationships. It was also found that individuals who consume drugs and alcohol reported more violent behavior than those who do not.

Keywords: Violence, Dating, Adolescents, Prevalence, Beliefs.

ÍNDICE

I.	INTRODUÇÃO	11
II.	REVISÃO DE LITERATURA	13
1.	A Violência.....	13
1.1.	Conceito de Violência.....	13
1.2.	Tipologia da Violência	14
1.3.	Factores Associados à Violência.....	16
2.	Violência no Namoro.....	18
2.1.	Violência no Namoro e Adolescência.....	18
2.2.	Violência nos Relacionamentos Íntimos dos Jovens.....	21
2.3.	Consequências da Violência no Namoro.....	23
2.4.	Prevalência da Violência nas Relações Íntimas dos Jovens	24
2.5.	Género.....	27
2.6.	Crenças a Atitudes dos Jovens face à Violência no Namoro.....	28
III.	FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E DAS HIPÓTESES.....	34
	Objectivo do Estudo.....	34
	Hipóteses.....	34
IV.	MÉTODO.....	36
	Delineamento.....	36
	Participantes	37
	Instrumentos.....	38
	Procedimentos	40
	Análise de Dados.....	41
V.	RESULTADOS	42
	Prevalência dos Comportamentos Abusivos	42
	Prevalência dos Comportamentos Violentos.....	43
	Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas e Positivas	44
	Atitudes acerca da Violência nas Relações de Namoro	47
	Relação entre as Atitudes e os Comportamentos Violentos	52
	Género Masculino	53
	Género Feminino	57
	Relação entre Consumo de Drogas e os Comportamentos Violentos.....	62
	Consumo de Drogas	62
	Consumo de Álcool	63

Prevalência de Violência no Namoro e de Conhecimento de Violência no Namoro no Grupo de Pares	64
Prevalência de Violência no Namoro.....	64
Conhecimento de Violência no Namoro no Grupo de Pares.....	65
VI. DISCUSSÃO.....	66
VII. CONCLUSÃO.....	75
Contribuições e Limitações do estudo.....	75
Futuras Investigações	76
VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
IX. ANEXOS.....	83
Anexo I – Questionário Sociodemográfico	84
Anexo II - CADRI	85
Anexo III – EAVN	89
Anexo IV – Autorização Escolas	93
Anexo V – Carta de Consentimento Informado.....	94
Anexo VI - Objectivo 1.....	95
Anexo VII - Objectivo 2.....	100
Anexo VIII - Objectivo 3.....	113
Anexo IX - Objectivo 4.....	126
Anexo X - Objectivo 5.....	134
Anexo XI - Objectivo 6.....	146
Anexo XII - Objectivo 7.....	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 <i>Caracterização da Amostra em função da idade, género e escolaridade (N= 629)</i>	37
Tabela 2 <i>Frequência de Comportamentos Abusivos</i>	42
Tabela 3 <i>Frequência de Comportamentos Abusivos por género</i>	42
Tabela 4 <i>Frequência de Comportamentos Violentos</i>	43
Tabela 5 <i>Frequência dos Comportamentos Violentos por género</i>	43
Tabela 6 <i>Frequência dos Tipos de Violência</i>	44
Tabela 7 <i>Frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas</i>	44
Tabela 8 <i>Frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas</i>	45
Tabela 9 <i>Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas, entre géneros.</i>	46
Tabela 10 <i>Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas, entre géneros</i>	46
Tabela 11 <i>Teste de Mann-Whitney</i>	47
Tabela 12 <i>Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Psicológica Masculina</i>	48
Tabela 13 <i>Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Física Masculina</i>	48
Tabela 14 <i>Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Sexual Masculina</i>	49
Tabela 15 <i>Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Psicológica Feminina</i>	50
Tabela 16 <i>Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Física Feminina</i>	51
Tabela 17 <i>Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Sexual Feminina</i>	52
Tabela 18 <i>Coeficiente de Correlação de Spearman</i>	53
Tabela 19 <i>Coeficiente de Correlação de Spearman</i>	54
Tabela 20 <i>Coeficiente de Correlação</i>	55
Tabela 21 <i>Coeficiente de Correlação</i>	56
Tabela 22 <i>Coeficiente de Correlação</i>	56
Tabela 23 <i>Coeficiente de Correlação</i>	56
Tabela 24 <i>Coeficiente de Correlação</i>	57
Tabela 25 <i>Coeficiente de Correlação</i>	58
Tabela 26 <i>Coeficiente de Correlação</i>	59
Tabela 27 <i>Coeficiente de Correlação</i>	60
Tabela 28 <i>Coeficiente de Correlação</i>	61
Tabela 29 <i>Coeficiente de Correlação</i>	62
Tabela 30 <i>Relação entre a Variável Consumir Drogas e os Comportamentos Violentos do Próprio</i>	63
Tabela 31 <i>Comparação dos Comportamentos Violentos com o Consumo de Drogas</i>	63
Tabela 32 <i>Relação entre a Variável Consumir Alcool e os Comportamentos Violentos</i>	63

Tabela 33 <i>Comparação dos Comportamentos Violentos com o Consumo de Alcool</i>	64
Tabela 34 <i>Frequência de Vítima de Violência no Namoro</i>	64
Tabela 35 <i>Frequência das Vítimas de Violência no namoro por género</i>	64
Tabela 36 <i>Frequência de Conhecer vítimas de Violência no Namoro no Grupo de Pares</i>	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 <i>Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Psicológica Masculina dos Rapazes (n=273) e das Raparigas (n=356)</i>	48
Figura 2 <i>Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Sexual Masculina dos Rapazes (n=273) e das Raparigas (n=356)</i>	49
Figura 3 <i>Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Psicológica Feminina dos Rapazes (n=273) e das Raparigas (n=356)</i>	50
Figura 4 <i>Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Física Feminina dos Rapazes (n=273) e das Raparigas (n=356)</i>	51
Figura 5 <i>Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Sexual Feminina dos Rapazes (n=273) e das Raparigas (n=356)</i>	52
Figura 6 <i>Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Masculina</i>	53
Figura 7 <i>Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Feminina</i>	54
Figura 8 <i>Diagrama de Dispersão da Violência Física Masculina</i>	55
Figura 9 <i>Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Feminina</i>	57
Figura 10 <i>Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Feminina</i>	58
Figura 11 <i>Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Masculina</i>	59
Figura 12 <i>Diagrama de Dispersão da Violência Física Masculina</i>	60
Figura 13 <i>Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Feminina</i>	61

I. INTRODUÇÃO

Um dos maiores paradoxos da natureza humana é o facto de que algumas das ofensas pessoais mais severas ocorrem nas relações de amor (Arriaga & Stuart, 1999, cit. por Oliveira & Sani, 2005). A violência, enquanto acto violento e de agressão, existe desde o início da Humanidade (Machado, 2010), e a violência entre pessoas com relações íntimas existe desde os tempos mais remotos (Gelles, 1997, cit. por Oliveira & Sani, 2005).

A definição do conceito de violência percorreu várias décadas, sendo que tem sido uma tarefa difícil a delimitação do conceito devido à sua constante modificação provocada pelo avanço cultural, pois o que antes era considerado “normal” ou “legítimo” na sociedade (e.g., violência como comportamento de honra ou desafio) passou a ser punível por lei (Oliveira & Manita, 2003, cit. por Machado, 2010).

A violência no namoro integra-se no conjunto de estudos que têm como objectivo a tentativa de compreender a etiologia dos comportamentos violentos nas relações amorosas, sendo consideradas múltiplas variáveis que analisam os agressores e as vítimas de modo a elucidar o problema. Através destes estudos é possível prevenir a ocorrência deste fenómeno socialmente perturbador e causador de sofrimento a tantos indivíduos e famílias.

É do conhecimento científico e geral que “as relações íntimas, quer sejam maritais, coabitacionais ou de namoro, são por vezes pautadas pela presença de algum índice de disfunção e de abuso” (Gelles & Straus, 1988, cit. por Paiva & Figueiredo, 2003, p. 165).

A violência no namoro não é um fenómeno recente, mas o aumento do foco de atenção para a violência nas relações de intimidade juvenil é muito recente, tendo sido iniciado em Portugal nos anos 90 (Caridade & Machado, 2006). Inicialmente, a “comunidade científica centrou-se exclusivamente na violência exercida no contexto marital, negligenciando outras dimensões da violência e outros contextos relacionais, como é o caso da violência nas relações de intimidade juvenil” (Caridade, 2008, p.1).

Havendo-se verificado que a violência não se circunscreve exclusivamente às relações conjugais, foi possível observar que, de uma forma geral, os casamentos abusivos são precedidos de relações de namoro violentas e caracterizados por estratégias de controlo e restrição do outro (Caridade & Machado, 2006). A violência na fase de namoro pode constituir um importante factor de previsibilidade de ocorrência futura de violência conjugal (Hamby, 1998). Assim, a violência no namoro é um importante preditor da violência conjugal, sendo muito importante a prevenção desta em fases relacionais precoces.

Actualmente é consensual que os comportamentos violentos nas relações de namoro constituem um problema social relevante (Callahan, Tolman & Saunders, 2003 cit. por Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). A adolescência é caracterizada por ser uma “passagem perigosa”, de grande instabilidade emocional e de grandes alterações no desenvolvimento, sendo por isso um período de grande vulnerabilidade para a ocorrência de abuso na intimidade (Caridade, 2008). É na adolescência que se “estabilizam os papéis de género e se acentua o narcisismo, sendo também um período em que os mitos sobre o romance e a intimidade são de alguma forma "agidos" e postos à prova” (Jackson, Cram, & Seymour, 2000 cit. por Caridade, 2008, p.2).

O presente estudo tem como objectivo contribuir para uma melhor compreensão do fenómeno, analisando a prevalência e as crenças dos adolescentes relativamente ao fenómeno da violência, procurando explorar as diferenças existentes ao nível das suas representações sociais face ao fenómeno da violência interpessoal.

O trabalho será organizado em duas partes, sendo que a primeira consiste na revisão teórica sobre a temática, e a segunda parte é dedicada ao estudo empírico. A primeira parte tentará compreender o que é a violência, discriminar as diferentes formas de manifestação, identificar os factores de risco que estão associados, assim como analisar as possíveis crenças dos adolescentes face a este fenómeno. A segunda parte apresentará os objectivos e variáveis, a metodologia do estudo, nomeadamente os participantes, dos instrumentos usados e dos procedimentos adoptados na investigação, a análise dos resultados obtidos, a discussão dos mesmos e a conclusão.

II. REVISÃO DE LITERATURA

1. A Violência

1.1. Conceito de Violência

Existem várias dificuldades na realização dos estudos sobre a violência no namoro: (a) a própria definição de violência no namoro, (b) a dificuldade de acesso a esta população, (c) e a escassa produção académica sobre o tema. (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

A violência é um fenómeno dinâmico que não se limita a grupos sociais, económicos ou geográficos específicos, sendo a sua definição complexa e paradoxal, pois é um fenómeno dinâmico e em constante modificação (Machado, 2010). Waiselfisz (2002, cit. por Machado, 2010) refere que, hoje em dia, não existe uma “violência”, mas sim uma multiplicidade de manifestações de violência ou de actos violentos, sendo que a dificuldade de definição do conceito advém dos diferentes actos que possuem um enquadramento subtil, como é o caso da violência emocional ou do abuso verbal.

O termo “violência”, do ponto de vista etimológico, deriva do latim *violentia*, que significa carácter bravo, força (Machado, 2010). O verbo *violare* significa tratar com violência, violar, infringir, sendo um acto de brutalidade, abuso, opressão, desrespeito, discriminação, obstrução, coacção, ofensa, proibição, agressão física, psíquica, moral ou patrimonial contra alguém, indicando relações intersubjectivas e sociais definidas pela ofensa, intimidação, medo e terror (op. Cit., 2010). O termo violência deriva da palavra latina *vis* (força), sendo considerado que todo o “acto violento” compreende o uso de força extrema ou de enorme intensidade (Ribeiro & Sani, 2008).

Khan (1978, cit. por Dias, 2004) refere que o termo violência não diz somente respeito ao uso de uma força física, mas também a toda uma acção, comportamento, tratamento ou costume com a intenção de ferir ou causar danos a pessoas ou bens, ou até mesmo retirar pela força a liberdade de um sujeito. Sugarman e Hotaling (1989, cit. por May, 2002) definem a violência como o uso ou a ameaça de força física ou restrição feita com a intenção de causar dor ou lesão aos outros.

Sá (1999) define violência como o uso de uma força intensa, que priva a vítima de algo, sendo sentido e representado, consciente ou inconscientemente, pelo agressor e/ou vítima. Segundo Oliveira e Manita (2003), a violência é o “uso intencional da força, coacção ou intimidação contra terceiros ou de toda a forma de acção intencional que, de qualquer modo, lese os direitos e as necessidades dessa pessoa” (p.217). Deste modo, a violência é associada a situações que envolvem relações de força e abuso de poder (Silva, Lopes & Carvalho, 2008).

De acordo com Machado (2010), a “violência surge, muitas vezes, como uma tentativa de controlo e domínio sobre a outra pessoa, através de actos físicos, assim como de formas de

controlo/domínio que garantem o sentido de onipotência do agressor tais como a violência psicológica – a qual pode surgir através do isolamento, do limitar ou controlar o exercício de determinadas tarefas ou papéis, de verbalizações insultuosas, do controlo e domínio por ameaça de danos a si próprio ou a outros, intimidação, ciúme, entre outros – e a violência sexual” (p.7).

Segundo Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009) a violência resulta do uso de agressão, do poder, da influência física e psicológica, e de ameaças, contra um indivíduo, grupo ou comunidade, com a intenção de ferir física ou psicologicamente o outro, manipulando e seduzindo, forçando e mostrando o seu domínio e poder.

De entre todas as definições anteriormente descritas, a violência é entendida como um acto de abuso físico e psicológico para com o outro. Neste estudo, a violência será estudada nas relações íntimas juvenis, sendo por isso a violência definida como o uso de abuso físico, psicológico ou sexual perpetrado pelo parceiro ou ex-parceiro. A violência no namoro é entendida como qualquer acção ou acto, quer seja de natureza física, psicológica, verbal, moral ou mesmo de natureza simbólica, que cause morte, dano ou sofrimento ao outro (Nascimento & Cordeiro, 2011).

1.2. Tipologia da Violência

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2002, cit. por Machado, 2010) os principais tipos de violência realizados nas sociedades actuais estão agrupados nas seguintes categorias essenciais: *violência autodirigida*, *violência interpessoal* e *violência colectiva*. A *violência autodirigida* refere-se ao tipo de violência que o agressor inflige sobre si próprio, podendo ser subdividida em comportamento suicida ou auto-abuso (WHO, 2002, cit. por Machado, 2010). A *violência interpessoal* refere-se a todo o tipo de violência perpetrada por uma pessoa ou por um pequeno grupo de pessoas contra outra(s) pessoa(s), subdividindo-se em violência familiar, violência nos relacionamentos íntimos e violência comunitária (op. Cit., 2010). A *violência colectiva*, como o próprio nome indica, refere-se a todo o tipo de violência realizada por grupos de maiores dimensões, como organizações terroristas, o Estado, partidos políticos, entre outros, podendo ser subdividido em violência social, violência política e violência económica (op. Cit., 2010).

Segundo WHO (2002, cit. por Machado, 2010), os actos violentos podem ser de natureza física, psicológica, sexual ou estarem relacionados com a privação ou com a negligência. Deste modo, a violência nas relações de intimidade pode ser definida como a “violência física, sexual, ameaças de violência física/ sexual e abuso psicológico/ emocional perpetrado pelo cônjuge ou ex-cônjuge ou equiparado, ou qualquer outro parceiro ou namorado/a do mesmo ou do sexo oposto” (Saltzman et al., 1999, cit. por Matos, 2006). A violência nas relações de intimidade pode ocorrer de várias formas (física, psicológica e sexual), em diversos contextos relacionais (conjugal, pós-separação, união de

facto, namoro) e em diferentes estratos socioeconómicos (O’Keefe, 2005). Segundo Barreiros (2009), a violência no namoro surge, frequentemente, como precursora da violência conjugal, sendo caracterizada por três tipos de violência – abuso físico, violência psicológica e abuso sexual – os quais podem surgir concomitantemente.

O abuso físico ocorre quando o agressor socorre-se da ameaça, da força física ou da restrição, para provocar dor, injúria a outrem, com recurso a actos como empurrar, agarrar, bater, esmurrar, sufocar, ameaçar com uma faca ou arma, entre outros (Barreiros, 2009; Machado, 2010). A violência psicológica sucede quando o agressor recorre de um padrão de comunicação verbal ou não verbal, com o intuito de causar sofrimento psicológico no outro, desrespeitando-o constantemente – é um tipo de violência caracterizado por acções contínuas como insultos e ameaças verbais, ciúmes doentios e isolamento, formas subtis de controlo, manipulação e submissão, humilhação, ameaças contínuas de separação, abandono ou traição, assim como destruição ou dano de objectos pessoais (Barreiros, 2009; Machado, 2010). O abuso sexual refere-se a toda a pressão física ou psicológica exercida por outrem, com o objectivo de obrigar a condutas sexuais não desejadas, com recurso à coerção, intimidação, humilhação, subordinação ou falta de defesa, sendo um tipo de violência que inclui a violação e o assédio sexual (Barreiros, 2009; Machado, 2010).

De acordo com a literatura, o tipo de violência mais investigada cinge-se à violência física, sendo que foram poucos os estudos que investigaram a violência psicológica (Jackson, 1999, cit. por Oliveira & Sani, 2005).

Segundo Renzetti (1993, cit. por Matos, 2006), a violência íntima trata-se de um fenómeno de género, sendo que as mulheres experienciam mais essa vitimação do que os homens. Corsi (1995, cit. por Matos, 2006) refere que apenas 2% dos casos de abuso na intimidade são perpetrados contra o homem.

“A definição do conceito de violência tem sido alvo de alguma controvérsia ao nível da literatura, assistindo-se à emergência de diferentes conceptualizações que originam uma disparidade de dados de prevalência” (Arriaga & Oskamp, 1999, cit. por Caridade & Machado, 2006, p.486). Devido à pouca padronização na enunciação do conceito “violência”, surgiram inúmeros instrumentos e metodologias utilizadas para medir os comportamentos violentos, a ausência de estudos longitudinais, as diferenças verificadas ao nível da amostragem e um foco preponderante na medição do abuso físico, como explicações plausíveis para a grande variedade de valores que são exibidos na investigação que é realizada no âmbito da violência nas relações de namoro (Caridade & Machado, 2006). Apesar disto, sabe-se que os adolescentes envolvidos em relações amorosas experimentam múltiplas formas de abuso (e.g., físico, psicológico, verbal, sexual).

1.3. Factores Associados à Violência

Inúmeros trabalhos têm vindo a tentar identificar os factores que podem desenvolver condutas violentas nas relações amorosas juvenis (Caridade & Machado, 2006). Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009) referem que, devido à generalização do fenómeno da violência, nenhum indivíduo ou grupo social está imune às suas consequências, já que a violência resulta da junção de inúmeros factores ao nível da vida e do ambiente do indivíduo.

Um dos factores associado à violência é a pobreza e a adolescência, sendo que ao longo do tempo tem-se constatado uma tendência cada vez mais elevada (Machado, 2010). Matos, Gonçalves e Gaspar (2005) referem que os adolescentes portadores de um estatuto social e económico mais baixo apresentam mais comportamentos violentos. Matos, Negreiros, Simões e Gaspar (2009) referem outros factores que poderão predispor os jovens ao envolvimento de comportamentos violentos, como agressores ou como vítimas, sendo: o historial de agressão precoce; o consumo de tabaco/álcool e/ou drogas; o baixo nível cognitivo; o reduzido envolvimento escolar e o insucesso escolar precoce; o nível elevado de ousadia; o envolvimento familiar deficitário; a criminalidade parental; a separação dos pais e a supervisão parental débil; a carência de apoio dos professores e a ausência de disciplina na sala de aula; a discriminação e a exclusão social na escola e na comunidade; e a pertença a uma comunidade com sérias carências socioeconómicas e de infra-estruturas.

Uma revisão de literatura sobre os factores de risco para a perpetração de violência nas relações de namoro realizada por Sugarman e Hotalling (1989, cit. por Caridade & Machado, 2006) identificou a importância da auto-estima, do estatuto da relação (e.g., duração, estabilidade), de outras experiências anteriores de relacionamento e das capacidades de comunicação interpessoal. A falta de experiência relacional, associada à necessidade de emancipação e de independência dos jovens nesta fase, muitas vezes não facilita o reconhecimento de uma condição de vitimização (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). Outros trabalhos acrescentam diferentes factores susceptíveis de conduzir o desenvolvimento de comportamentos violentos nas relações íntimas tais como o funcionamento familiar e ausência de práticas educativas adequadas, bem como o isolamento social e a falta de competências de resolução de problemas, a associação entre o abuso de álcool ou drogas e condutas violentas de namoro (Caridade, 2008). O isolamento imposto pelo parceiro/a durante o namoro é também um importante factor de risco para a violência, embora na maior parte das vezes este não ser reconhecido pelos jovens (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). O isolamento e até mesmo alguns comportamentos de *stalking* (e.g., impedir contactos sociais com os pares) são alguns dos sinais de risco para a violência, sendo na maior parte das vezes confundidos como manifestações de amor do parceiro (Levy, s.d., cit. por Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). Segundo O'Keefe (2005), o uso de álcool e drogas tem sido um dos factores associado à violência no namoro para ambos os sexos. Outro factor relacionado com a violência são os comportamentos de risco, como os comportamentos

sexuais de risco (e.g., ter múltiplos parceiros sexuais e o não uso de preservativos (Silverman et al., 2001, cit. por O’Keefe, 2005).

Muitos autores consideram a existência de uma relação entre a violência interpaparental e a violência na intimidade juvenil como o impacto da exposição a múltiplas formas de violência familiar (e.g., maus-tratos a menores, violência conjugal) ao nível da vitimização e perpetração da violência nas relações futuras (Caridade & Machado, 2006). Segundo Gelles (1997) a família é entendida como uma entidade que pode viabilizar certos comportamentos agressivos nos seus membros e que pode levá-los a interiorizar determinados valores ideológicos e sociais (e.g., atitudes e crenças sobre os papéis de género e a violência) promotores de condutas violentas. Existem estudos que registam a violência interpaparental como um preditor directo da violência no namoro, e outros que consideram o seu papel indirecto pelo impacto que esta tem nos jovens (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). O’Keefe (2005) refere que uma das variáveis importantes face à violência no namoro é a estrutura familiar, podendo expor os adolescentes a modelos de agressão em relacionamentos íntimos. Offenbauer (2011) também refere que a exposição das crianças face à violência conjugal entre os pais pode influenciar as crenças do adolescente, podendo levar o adolescente a considerar aceitável o uso da violência nas suas relações de namoro.

Segundo o trabalho de O’Keefe e colaboradores (1986, cit. por Caridade & Machado, 2006), mais de 50% dos adolescentes vítimas de abuso na intimidade tinham presenciado violência interpaparental. Wolf e Foshee (2003, cit. por Caridade & Machado, 2006) consideram que os adolescentes expostos à violência familiar tendem a desenvolver estilos de expressão da raiva, tornando-se propensos à perpetração de comportamentos violentos nas suas relações amorosas. Os dados empíricos sugerem que a exposição precoce à violência pode ser moderado pelo género, sendo que O’Keefe (1998, cit. por Caridade & Machado, 2006) refere que a exposição à violência interpaparental constitui um factor de risco para a vitimização nas relações de intimidade juvenil, essencialmente no caso das raparigas. Nos rapazes, o efeito é o oposto, sendo que quando testemunham violência interpaparental há uma maior probabilidade de virem a exibir comportamentos agressivos para com as suas companheiras (op. Cit., 2006).

Deste modo, segundo Caridade e Machado (2006, cit. por Nascimento, 2009) os factores de risco que facilitam a violência entre namorados são: a duração do relacionamento (a violência tende a ocorrer com maior frequência ou com maiores agravantes conforme a duração da relação, sendo que quanto maior o tempo para que ocorra o primeiro episódio de violência, maior a probabilidade do vínculo manter-se pois os laços afectivos tendem a se estreitar, o que dificulta a tomada de decisão do rompimento da relação), a idade (a adolescência é uma fase propícia a maiores danos físicos e psicológicos, devido a factores como a carência, pouca experiência, o desejo de independência, aliança e confiança em pares que são inexperientes quanto eles, o que irá limitar as suas habilidades para

responder à violência, havendo deste modo uma maior probabilidade de desenvolver violência na relação de namoro), a vivência de namoros violentos durante a adolescência (pode aumentar o risco de continuidade na vida adulta, como vítima ou perpetrador), factores psicológicos (e.g., a baixa auto-estima, os comportamentos de raiva, os conflitos no relacionamento, os problemas de comunicação são factores que podem facilitar o desenvolvimento relações íntimas violentas), violência intrafamiliar (a vivência de violência no seio da família pode ser um factor de pré-disposição de relações violentas, como vítima ou como perpetrador), o *Stalking* (o isolamento que muitas vezes é imposto pelo parceiro e que não é reconhecido durante o namoro ou mesmo após o término), a dificuldade de reconhecer que pode ser vítima (as crenças face á violência como acreditar que a violência é uma forma de expressão do amor que sente, naturalizando a violência, e permanecendo nesta relação), e o abuso de álcool e drogas (o abuso destas substâncias propicia um comportamento mais violento e, conseqüentemente, contribui para a violência na relação).

2. Violência no Namoro

2.1. Violência no Namoro e Adolescência

A adolescência é entendida como um período crítico em termos de mudanças e de conflitos de papéis, sendo uma fase de grandes mudanças e transições que desempenham um papel fulcral no desenvolvimento dos jovens (Caridade & Machado, 2006). É nesta fase que os jovens incrementam a construção de relações fora do contexto familiar, procurando autonomia e definição da sua identidade (Caridade & Machado, 2006; Duarte & Lima, 2006). Contudo, os jovens podem ser confrontados com situações relacionais inesperadas, pautadas por comportamentos violentos e outras formas de coerção, face aos quais poderão ser levados a adoptar uma postura de legitimação, criando práticas e considerando os abusos como uma manifestação de amor e/ou ciúme (Caridade & Machado, 2006; Duarte & Lima, 2006; Barroso, 2007). Deste modo, é essencial continuar a estudar o fenómeno, de modo a prevenir os jovens para este tipo de práticas abusivas.

Black e Weiz (2003, cit. por Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006) fazem referência a alguns autores que alertam para o facto de ser na adolescência que se podem exacerbar as diferenças entre os papéis de género, sendo nesta fase que se pode consolidar a aceitação da violência como uma versão do amor ou como “admissível” em certas circunstâncias e, ainda, como um período especialmente favorável à adesão a alguns mitos “perigosos” sobre as relações “românticas”, como a associação do amor ao sofrimento.

A adolescência é um período fulcral na interiorização de mensagens veiculadas quer pela família, quer pelos grupos sociais onde o jovem está inserido, sendo que muitas vezes apelam às

diferenças de gênero (valorizando ou privilegiando o poder patriarcal), podendo ser um processo que vai contribuir para o recurso à violência nos relacionamentos íntimos (Vidal, 2008, cit. por Machado, 2010). É neste período que é solicitado aos jovens uma experimentação de novos e diferenciados papéis no mundo dos “adultos”, sendo que este “mundo” é caracterizado em termos relacionais por determinados estereótipos (e.g., podem considerar a mulher como o ser submisso e o homem como ser dominante) que podem ser preditores de violência na intimidade (Schwartz & Dekeseredy, 1997, cit. por Machado, 2010). Segundo Lerner et al (1998, cit. por Saavedra, 2010) as decisões erradas que são tomadas durante a adolescência tendem a ter consequências mais graves do que na infância, na medida que ao adolescente já é imputada mais responsabilidade pelas decisões e consequências destas.

A adolescência é um período de desafio para o indivíduo, sendo o período de desenvolvimento com maior probabilidade para o envolvimento em comportamentos de risco, mas também é uma fase de exploração e experimentação, sendo uma altura ideal para a educação e aprendizagem de competências (Saavedra, 2010). Deste modo, é nesta fase que se devia prevenir a ocorrência de violência nos relacionamentos juvenis, pois é um período caracterizado pela ocorrência de experiências relacionais que promovem a emergência e a clarificação de identidades sexuais e de gênero (Paul & White, 1990, cit. por Saavedra, 2010).

A adolescência é um estágio de transição e de maior instabilidade, sendo que os jovens podem estar mais receptivos e predispostos à mudança e à experimentação de diferentes papéis e estratégias de relacionamento com os outros (Wolfe et al., 2006, cit. por Saavedra, 2010). Segundo Wolfe, Jaffe e Crooks (2006, cit. por Saavedra, 2010), os relacionamentos dos jovens e a sua cultura de pares têm um papel fundamental na compreensão de muitas das motivações e crenças que estão na base de escolhas saudáveis ou de risco. Durante este período, os pares representam, progressivamente, um referencial central onde se comparam modelos comportamentais, se debatem e partilham crenças, normas, expectativas, ideias e pensamentos íntimos dos indivíduos relativamente às interações sociais (Vidal, 2008, cit. por Machado, 2010). Offenhauer (2011) refere que o grupo de pares tem bastante influência nos comportamentos e crenças dos jovens, já que são os pares que vão ser modelos de comportamento. O adolescente, tal como qualquer outra pessoa, sente necessidade de ser aceite por parte de todos aqueles que o rodeiam, procurando ser “ideal” aos olhos do outro, fazendo de tudo para corresponder a essa imagem que ele considera ideal para ele, podendo ser um grave problema (e.g., uso da violência como veículo para alcançar a imagem do ideal do Ego) (Tyrode & Bourcet, 2002, cit. por Machado, 2010).

Os estudos realizados em Portugal, apontam para níveis de violência preocupantes. Um estudo recente realizado em Portugal sobre a violência no namoro, com 4667 estudantes (do ensino secundário, do ensino profissional e do ensino superior) obteve que 25.4% dos jovens,

entre os 13 e os 29 anos, referiram ter sido vítimas de violência na sua relação de namoro durante o último ano (Machado, Caridade, & Martins, 2010). Neste estudo um elemento relevante observável foi as atitudes de minimização ou legitimação da violência e os comportamentos de vitimação e de agressão, sendo que as crenças erradas acerca da violência parecem promover a culpabilização da vítima, a desresponsabilização do agressor e ser importantes preditores do envolvimento em relacionamentos abusivos (op. Cit., 2010).

A preocupação pela violência nos relacionamentos íntimos é apresentada em 1977, por Jessor e Jessor, como parte de um dos factores de risco que têm lugar na adolescência (cit. por Saavedra, 2010). Algumas das investigações indicam que 25% dos adolescentes, antes de atingirem a maioridade, já se envolveram em comportamentos potencialmente perigosos para si ou para outros, e que outros 25% estarão em risco moderado de o fazerem – concluindo que 50% dos adolescentes estão em risco (Giarratano-Russell, 1998, cit. por Saavedra, 2010). Os comportamentos desviantes, como a utilização de violência, consumo de substâncias (álcool, tabaco ou outras drogas) ou comportamentos sexuais de risco, não surgem de forma isolada, mas frequentemente coexistem nos adolescentes e apresentam trajectórias em tudo similares (Wolfe et al., 2006, cit. por Saavedra, 2010).

A adolescência é um “período marcado por uma progressiva aproximação ou identificação com os pares, sendo óbvio o poder que estes têm sobre as suas escolhas, sobre as opções relacionais que tomam e também na forma como se assumem como os seus principais recursos quando os adolescentes buscam apoio ou aconselhamento” (Saavedra, 2010, p.24). “As relações entre pares podem constituir um factor para o envolvimento em comportamentos de risco, já que, não raras vezes a informação que partilham entre si é errada ou pouco precisa ou, em algumas circunstâncias, é legitimadora ou minimizadora da violência” (Saavedra, 2010, p.24). Contudo, os pares podem também assumir um factor protector e promotor do envolvimento em comportamentos saudáveis, uma vez que relacionamentos positivos entre pares fornecem estruturas relacionais fundamentais para as relações de maior intimidade (Wolfe et al., 2006, cit. por Saavedra, 2010).

Namorar é uma das actividades centrais nas vidas de muitos adolescentes e jovens, cujas identidades dependem, em parte, das diferentes experiências que estes têm (e.g., incluindo interacções românticas) (Oliveira & Sani, 2005). De acordo com Aldrighi (2004, cit. por Nascimento & Cordeiro, 2011) o namoro é uma relação que envolve “encontro para uma interacção social, em actividades conjuntas e com intenção implícita ou explícita para continuar o relacionamento”. Segundo Makepeace (1997 cit. por May, 2002) o namoro é um processo pré-nupcial, sendo que as pessoas procuram encontrar um parceiro e ter uma relação íntima, pensando sempre no futuro da relação. Na maior parte das vezes, os adolescentes iniciam as suas

relações com expectativas de amor, amizade, sexo e felicidade (Oliveira & Sani, 2005). Segundo Sugarman e Hotaling (1991, cit. por Oliveira & Sani, 2005) o namoro embarca três dimensões: o compromisso, a interação futura e a intimidade física, podendo existir uma variação considerável entre estas dimensões.

A adolescência será um bom período para a prevenção da violência nos relacionamentos juvenis e para circunscrever futuras trajetórias violentas, uma vez que a maioria dos adolescentes, mesmo que não namorem nem tenham ainda namorado, anseia o início desta experiência (Saavedra, 2010). Deste modo, a adolescência é um período de transição dinâmico da infância para a vida adulta, sendo uma fase onde ocorrem mudanças físicas, psicológicas, emocionais e cognitivas, e é também um período próprio à experimentação, o que poderá propiciar algum risco (Giarratano-Russell, 1998, cit. por Saavedra, 2010).

2.2. Violência nos Relacionamentos Íntimos dos Jovens

O interesse empírico pelo estudo deste fenômeno surge nos anos 80, sendo usualmente referenciado na literatura internacional como “dating violence” ou “courtship violence” (Caridade, 2008). Nas últimas décadas, a violência no namoro emergiu como um problema de saúde pública e social (O’Keefe, 2005). A violência no namoro é um problema significativo, não só devido à sua alarmante prevalência e as consequências para a saúde física e mental, mas também porque ocorre numa fase de vida onde se iniciam as relações românticas e são aprendidos padrões relacionais que podem transitar para a vida adulta (op. Cit.,2005).

De acordo com os resultados empíricos, a violência na intimidade dos jovens pode ter início na pré-adolescência, ser experienciada na adolescência e transportada para a idade adulta (Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000 cit. por Caridade e Machado, 2006). Segundo Berry (2000, cit. por Matos, 2006), 20% a 30% dos adolescentes envolvidos em relações de namoro experienciam violência. Deste modo, a violência durante as relações de namoro não é uma problemática rara. Diversos estudos têm revelado a existência de níveis preocupantes de violência nas relações de namoro, incluindo violência física, sendo que, de acordo com as pesquisas internacionais, estima-se uma prevalência situada entre os 21,8% e os 60% (Straus, 2004, cit. por Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

O primeiro estudo foi realizado por Makepeace em 1981, no qual comprovou que um em cada cinco estudantes universitários eram afectados por este tipo de abuso e 61% da amostra revelou conhecer alguém com experiências amorosas abusivas (cit. por Caridade, 2008). Os estudos iniciais centraram a sua investigação no ensino universitário (Clevand, Herrera, & Stuewig, 2003, cit. Caridade, 2008). O aumento da pesquisa bibliográfica sobre agressão e violência no namoro criou motivos de preocupação acerca da violência que existia nas relações universitárias por todos os Estados Unidos,

sendo que a pesquisa alargou o conhecimento existente, focando-se não apenas na incidência e nos tipos de violência, mas também nas consequências, nos factores contribuidores e nas diferenças entre os géneros (Oliveira & Sani, 2005). Nos primeiros estudos foram administrados inquéritos de vitimação a diferentes grupos sociais e/ou etários, sendo que foi possível demonstrarem a existência de níveis preocupantes de violência na intimidade juvenil e comprovar que este tipo de abuso não existe apenas nas relações conjugais (Price, Beyers, & Dating Violence Research, 1999, cit. por Caridade, 2008). Para além disso, os estudos demonstram que nestas situações, e caso a relação se prolongue no tempo, a violência tende a aumentar em termos de frequência e gravidade (Hamberg, Holtzworth-Munroe, 1994, cit. por Caridade & Machado, 2006).

Ao longo das investigações nesta área, percebeu-se que o abuso íntimo também ocorria durante os anos mais iniciais da formação dos jovens (e.g., ensino secundário) ou com o início na adolescência (Cano, Avery-Leaf, Cascardi, & O’Leary, 1998, cit. por Caridade, 2008). A gravidade da violência no namoro prende-se com o facto de esta funcionar como um precursor da violência quando a relação está mais consolidada e institucionalizada (Gonzalez-Ortega; Echeburúa e Paz de Coral, 2008; cit. por Dixe, Rodrigues, Freire, Rodrigues, Fernandes & Dias, 2010).

Segundo Caridade (2008, p.2), “os estudos demonstram que, caso a relação amorosa abusiva se perpetue, a violência tende a aumentar em termos de frequência e gravidade (Hamberg & Holtzworth-Munroe, 1994), constituindo um factor preditor da violência conjugal (Hamby, 1998; Barnes & Acker, 1995) ”. De acordo com Matos (2000), os casamentos abusivos são geralmente antecidos por relações de namoro violentas e pautadas por estratégias de controlo e restrição da autonomia da mulher.

Alguns autores sugerem que a primeira experiência de violência nas relações ocorre no liceu e que a maior parte dos adolescentes experiencia um episódio de violência na relação íntima por volta dos 15 anos (Gover, 2004, cit. por Oliveira & Sani, 2005). Outros autores consideram que, para muitos adolescentes, a primeira experiência de namoro costuma ser no ensino secundário (12%) e no ensino superior (36%), sendo que será nestas primeiras relações o encontro com a agressão ou a violência, quer seja física, sexual e/ou psicológica (Jackson, 1999, cit. por Oliveira & Sani, 2005). Segundo o modelo da transmissão intergeracional do abuso, as experiências anteriores de violência podem funcionar como preditores de comportamentos posteriores, quer no que refere à vitimação, quer à perpetração das agressões (Oliveira & Sani, 2005).

A maior parte das pesquisas efectuadas aponta para uma prevalência, em termos estatísticos, da chamada “violência menor”, a que não deixa sequelas físicas, relativamente à “violência severa” (Caridade & Machado, 2006). No entanto, a informação resultante de um estudo desenvolvido por Johnson (2000, cit. por Caridade & Machado, 2006) permite uma chamada de atenção para o facto de que essa tendência estatística exclui a vivência de formas de agressão mais severas características dos

padrões de comportamento juvenil, que compreendendo múltiplas formas de coerção e de intimidação se reflectem nos planos sexual, físico ou emocional. As consequências psicológicas e sociais deste conjunto de táticas de controlo do outro, que o autor designou como “terrorismo patriarcal”, devem ser consideradas para a compreensão deste fenómeno na sua complexidade (Caridade & Machado, 2006).

Que o homem nem sempre é o agressor e a mulher a vítima, é um facto estabelecido pelos resultados das pesquisas efectuadas nesta área. Caridades & Machado (2006) verificaram que a violência no namoro é marcada por trocas mútuas de agressões. De acordo com O’Keefe (2005), é importante ressaltar que a dinâmica das relações de namoro violentas dos adolescentes parecem ser diferentes dos relacionamentos abusivos dos adultos, sendo que a violência física e psicológica nas relações de namoro na maior parte das vezes envolve a utilização recíproca de violência por parte de ambos os parceiros. A ligação entre o género e a violência conjugal também tem gerado bastante discussão e controvérsia, havendo autores que defendem a simetria entre o género e outros que afirmam que a violência conjugal varia de acordo com o género (cit. por Dias & Machado, 2008).

Se actualmente os dados estatísticos não permitem encontrar uma diferenciação significativa entre os géneros relativa ao uso de violência na fase de namoro, o mesmo não se verifica do ponto de vista qualitativo, em que os dados indicam claras diferenças nos graus de violência exercida sobre a vítima, sendo muito mais severos os resultados das agressões exercidas sobre as mulheres (Worcester, 2002 cit. por Caridade & Machado, 2006). As motivações para recorrer à violência nas relações amorosas parecem estar intimamente relacionadas com o género (Saunders, 2002 cit. por Caridade & Machado, 2006). A relação entre os papéis desempenhados pelo género e a violência nas relações de intimidade divide a comunidade científica. Esta consciência tem contribuído para um aprofundamento do estudo deste fenómeno.

2.3. Consequências da Violência no Namoro

Os estudos que procuram analisar o impacto da violência têm-se centrado na saúde física e psicológica das mulheres adultas agredidas, sendo poucos os estudos realizados ao nível das consequências para as vítimas masculinas e juvenis, bem como para os ofensores (Glass et al., 2003, cit. por Caridade & Machado, 2006). “A investigação tem vindo a demonstrar que a violência contra as mulheres tem consequências significativas para a sua saúde física e mental, sendo a mais severa o homicídio ou o suicídio feminino” (Sharps & Campbell, 1999, cit. por Caridade & Machado, 2006, p.491). Também têm sido identificadas outras sequelas como a desordem de stress pós-traumático, a baixa auto-estima, as reacções psicossomáticas e o decréscimo do rendimento profissional (Chase, Treboux & O’Leary, 2002, cit. por Caridade & Machado, 2006). Tal como na violência marital, a

violência no namoro pode traduzir-se num impacto significativo para a vítima, resultando em danos diversos, a curto e longo prazo, como disfunções do comportamento alimentar, stress pós-traumático, perturbações emocionais, comportamentos sexuais de risco (Glass et al., 2003, cit. por Machado, Caridade & Silva, 2006).

Segundo Matos (2002) a violência na intimidade pode desencadear nas vítimas uma multiplicidade de sentimentos como auto percepção desvalorizada, uma descrença e sentimento de impotência que as impede de se perceberem como indivíduos com poder e direitos.

Um estudo realizado a estudantes do ensino secundário que tinham experienciado violência nas suas relações íntimas comprovou as consequências que este tipo de abuso pode provocar na população juvenil, tais como, depressão, raiva, ansiedade, desordem de stress pós-traumático, isolamento, insucesso escolar e ideação suicida (Glass et al., 2003, cit. por Caridade & Machado, 2006). O impacto da violência nas vítimas não é um processo linear, sendo que depende de um conjunto de factores que poderão agravar ou atenuar os seus efeitos, como a existência de histórias anteriores de vitimização, a frequência, duração e gravidade dos actos de violência, a proximidade ofensor-vítima e os tipos de vitimização sofridos (múltipla, secundária e vicariante) que vão mediar os efeitos negativos da violência (Matos & Machado, 1999, cit. por Caridade & Machado, 2006). Deste modo, os efeitos da violência na intimidade juvenil são especialmente evidentes nos casos em que sucede uma história familiar abusiva, sendo sofrida directa ou indirectamente (Caridade & Machado, 2006).

A violência entre namorados tem semelhanças com a violência entre os cônjuges, existindo apenas algumas particularidades nas relações de namoro, como o facto de a relação não ter um compromisso social, não havendo motivos para que a relação seja mantida quando apresenta comportamentos abusivos (Nascimento & Cordeiro, 2011). Para além disso, no namoro não existe dependência económica, filhos ou bens compartilhados que possam “justificar” a continuidade da relação, mesmo quando há violência (op. Cit., 2011). Deste modo, apercebe-se que a relação violenta é marcada pelo desejo de: (a) dominar o outro, (b) controlar o parceiro, (c) dar a palavra final e (d) fundir-se com o outro, tornando-se um só ser e garantindo que é o único a ocupar os pensamentos do parceiro (op. Cit., 2011). Assim, a violência no namoro é fortemente influenciada pela concepção de amor que é vivenciada pelo casal, o que permitirá, em maior ou menor medida, o uso da violência na relação (op. Cit., 2011).

2.4. Prevalência da Violência nas Relações Íntimas dos Jovens

O primeiro estudo sobre a violência no namoro foi realizado por Makepeace na década de 1980, onde é chamada a atenção para a prevalência da violência nas relações íntimas dos estudantes universitários (May, 2002).

A partir dos anos oitenta, começou a ser estudado o fenómeno da violência nas relações juvenis de intimidade pela comunidade científica internacional (Caridade, 2008). A maior parte dos estudos foca-se na violência física, não havendo muitos estudos sobre a agressão psicológica, que é considerada como sendo precursora de outras formas de violência, especificamente do abuso físico (Hydén, 1995, cit. por Machado, 2010). A agressão de índole sexual na intimidade tem recebido grande atenção por parte da comunidade científica (Caridade, 2008).

A adolescência é um período caracterizado pelas diversas experiências de relacionamento que vão permitir emergir e clarificar as identidades sexuais e de género (Jackson, 1999). Esta fase, por vezes, é marcada por dinâmicas sociais adversas, como é o caso da violência (Caridade & Machado, 2006).

A definição de violência no namoro, como foi referido anteriormente, costuma variar de autor para autor, mas todos os estudos sobre a violência nas relações íntimas dos adolescentes mencionam a prevalência do problema e estão todos de acordo que as taxas do abuso nos relacionamentos dos adolescentes são bastante elevadas (Offenhauer, 2011).

Um estudo realizado por Berry (2000) indicou que 20% a 30% dos jovens envolvidos em relações de namoro experienciam violência. Segundo Moffitt, Caspi, Fagan e Silva (1997), a prevalência da violência entre jovens adultos se situará entre os 21,8% e os 55% (Caridade & Machado, 2006). Offenhauer (2011) refere que o abuso nas relações de namoro é comum entre os adolescentes, sendo que nos Estados Unidos, de acordo com os estudos, 10 a 12% dos adolescentes denunciam abuso físico por parte do parceiro, e 33% dos adolescentes denunciam algum tipo de abuso por parte do parceiro amoroso.

Sugarman e Hotaling (1991, cit. por Caridade & Machado, 2006, p.486) efectuaram uma revisão de literatura a vinte estudos tendo concluído que “28% dos homens e mulheres, em algum momento das suas vidas, terão estado ou estarão inseridos numa relação de namoro que envolva actos de violência, sendo que a ocorrência destes actos abusivos é mais provável em relações afectivas mais duradouras e onde existe coabitação”. De acordo com um estudo realizado em Espanha com mulheres que já tinham recebido apoio devido aos maus-tratos sofridos nas suas relações amorosas, verificou-se que 18,2% dos casos de agressões já se tinham iniciado antes de existir coabitação (Gómez, Méndez-Valdivia, Izquierdo, Muniz, Díaz, Herero & Coto, 2002, cit. por Machado, Matos & Moreira, 2003). Os estudos realizados ao nível nacional corroboram estes dados, sendo que existem estudos realizados com estudantes universitários que demonstraram que uma percentagem significativa de estudantes adopta condutas violentas no contexto das suas relações de namoro (Paiva & Figueiredo, 2004).

Machado, Matos e Moreira (2003) verificaram que, no conjunto dos sujeitos que estavam envolvidos em relacionamentos amorosos, uma percentagem significativa adoptava condutas violentas

no contexto das suas relações íntimas: 15,5% referiram ter sido vítimas de pelo menos um acto abusivo durante o último ano e 21,7% admitiam já ter adoptado este tipo de condutas em relação aos seus parceiros amorosos. Os actos que foram referidos mais frequentemente foram formas aparentemente menos graves de violência (e.g., insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir), mas estavam também presentes comportamentos mais graves com percentagens que variavam os 2.1% e os 3% (e.g., actos sexuais contra a vontade, murros, pontapés ou cabeçadas) (Machado, Matos & Moreira, 2003).

Paiva e Figueiredo (2004) “verificaram que, em termos da perpetuação quer da vitimização, a agressão psicológica é o tipo de abuso mais prevalente na amostra (53.8-50.8%), seguido de coerção sexual (18.9-25.6%) e do abuso físico sem sequelas (16.7-15.4%), sendo o abuso físico com sequelas menos frequente (3.8-3.8%)” (cit. por Caridade & Machado, 2006, p. 487).

A literatura evidencia o mesmo tipo de condutas presentes no contexto marital, ainda que, de acordo com a maioria dos estudos, a violência no namoro é caracterizada, quase sempre, por actos “menos graves” de violência (Gelles, 1997, cit. por Caridade & Machado, 2006). Price, Byers e o Dating Violence Research Team (1999, cit. por Caridade & Machado, 2006) tentaram detalhar os tipos de violência que são experienciados no namoro através da análise de várias investigações, concluindo que o abuso verbal se situa entre os 11% e os 15%, o abuso físico varia entre os 9% e os 43% e o abuso sexual oscila entre os 16% e os 20%. Relativamente ao abuso sexual, diversos estudos, como Berry (2000) verificaram que a violação e outras formas de agressão sexual são mais comuns e/ou mais relatados pelos jovens envolvidos em relações de namoro. Michael (1994, cit. por Machado, Matos & Moreira, 2003) refere que 22% das mulheres que foram inquiridas acerca de experiências de vitimização sexual relatam ter sido forçadas à prática de actos indesejados pelos seus namorados. De acordo com Day (1994, cit. por Caridade & Machado, 2006), 45% das violações que envolvem estudantes universitárias são cometidas pelos seus parceiros amorosos. Nos diversos estudos realizados verificou-se que os comportamentos mais usualmente perpetrados são comportamentos considerados como “formas menores de violência”, tais como insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir, gritar ou ameaçar com intenção de meter medo, partir ou danificar objectos intencionalmente e dar bofetadas (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). A taxa de violência severa é bastante reduzida, embora estivessem presentes actos como apertar o pescoço, actos sexuais contra vontade, murros, pontapés ou cabeçadas, bater com a cabeça na parede ou contra o chão, ameaças com armas (op. Cit., 2006). Segundo Offenhauer (2011), a violência no namoro dos adolescentes, na maioria das vezes, é uma violência recíproca, sendo que os namorados entre eles cometem abusos um com o outro.

Como podemos observar, a violência no namoro pode ser dominante e experienciar formas de abuso mais severas, quer no plano sexual, quer no físico e emocional (Caridade & Machado, 2006). O

“Terrorismo patriarcal” de Johnson (1995, cit. por Caridade & Machado, 2006) também pode ser observado nas relações afetivas da população juvenil (e.g. a coerção, a intimidação, o isolamento e outras táticas de controlo).

Os resultados empíricos confirmam que a violência na intimidade dos jovens pode ser experienciada desde a pré-adolescência, passando pela adolescência, até à idade adulta (Lavoie, Robitaille & Hébert, 2000, cit. Caridade & Machado, 2006). De acordo com alguns autores, 12% a 59% dos estudantes universitários já foram alvo de algum tipo de abuso nas suas relações amorosas (Foshee et al., 1996, cit. por Caridade & Machado, 2006). Englander (1997, cit. por Caridade & Machado, 2006) relata que 20% dos estudantes universitários admitiam ter experienciado violência na sua intimidade. Os estudos empíricos realizados ao ensino secundário evidenciam números de violência que vão desde os 9% aos 46% (Gover, 2004, cit. por Caridade e Machado, 2006).

2.5. Género

“Os estudos desenvolvidos na área da violência na intimidade juvenil vieram contradizer uma alegação comum acerca da essência desta forma de abuso, nomeadamente a de que o homem é o seu perpetrador e a mulher a sua vítima” (Caridade & Machado, 2006, p. 487). De acordo com Caridade e Machado (2006) a maioria das investigações internacionais e nacionais que foram desenvolvidas nesta área revelam que a violência entre os companheiros amorosos é caracterizada por trocas mútuas de agressões, sendo que os estudos referem que as mulheres podem ser fisicamente tão violentas como os homens, e por vezes ainda mais. No estudo realizado por White e Koss (1991, cit. por Jackson, 1999) indicou que 37% dos homens admitiram infligir violência nos seus relacionamentos, sendo que 39% dos homens reportou terem sido vitimizados nos seus relacionamentos pelas suas parceiras. No mesmo estudo, 35% das mulheres admitiram ter perpetrado violência contra os seus companheiros, sendo que 32% reportaram terem sido vitimizadas dos mesmos.

Straus e Medeiros (2002) realizaram uma revisão de literatura sobre os factores de risco que estão associados à violência, tendo constatado que 57% dos factores de risco relacionados com violência severa contra o parceiro envolvem ambos os sexos, sendo que esta simetria de género também foi verificada num estudo realizado por Straus & Ramirez (2002) a uma amostra de sujeitos provenientes de contextos culturais diferentes (cit. por Caridade & Machado, 2006).

Molidor e Folman’s (1998, cit. por Caridade & Machado, 2006) verificaram que não existem diferenças quantitativas entre homens e mulheres relativamente à perpetração dos comportamentos abusivos, mas que do ponto de vista qualitativo estes se diferenciam. O contexto e as consequências do abuso perpetrado diferem consoante o género, sendo que as mulheres experienciam mais níveis elevados de violência severa e reacções emocionais mais acentuadas quando comparadas com os

homens (Caridade & Machado, 2006). Diversos autores evidenciam algum consenso quando consideram o sexo masculino como o mais perpetrador deste tipo de abuso (op. Cit., 2006). Diversos autores, como Nutt (1999, cit. por Caridade & Machado, 2006), referem que as diferenças de gênero acentuam-se sobretudo na adolescência.

Alguns estudos não assinalam distinções significativas quanto a diferenças de gênero, embora no que diz respeito a actos de violência, as mulheres admitissem uma maior taxa de agressão (Allen, 2004, cit. por Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). De acordo com os resultados, as raparigas admitiram praticar mais comportamentos específicos tais como “dar uma bofetada” e “insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir” do que os seus parceiros de sexo masculino (op. Cit., 2006). Os resultados de diversas pesquisas mostram que as raparigas também se envolvem em actos de violência, e os homens também podem ser vitimados no contexto das suas relações amorosas (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

As opiniões são divergentes quanto à questão da existência ou não da simetria da violência nas relações entre namorados, havendo apenas um consenso relativamente aos danos causados pela violência, sendo que a mulher sofre os maiores danos (Nascimento & Cordeiro, 2011).

2.6. Crenças e Atitudes dos Jovens face à Violência no Namoro

Diversos autores consideram que a análise das condutas violentas deve ser realizada num contexto social, histórico e económico, onde tanto os homens como as mulheres desempenham diferentes papéis, oportunidades e posições sociais (Caridade & Machado, 2006). De acordo com May (2002) as crenças dos adolescentes têm influências sociais e culturais, sendo que os comportamentos humanos devem ser entendidos dentro de um contexto social, histórico e cultural. As normas e valores sociais influenciam os adolescentes na gestão do seu relacionamento íntimo, sendo que as crenças que eles têm face à violência e como estas crenças guiam os seus comportamentos, podendo ser uma justificativa para o uso ou não de abuso nos relacionamentos (May, 2002). As crenças emergem das interações humanas e do modo como cada indivíduo percebe o mundo que rodeia, sendo o sujeito influenciado, formulando as suas próprias crenças em função do que ele e os outros dizem, pensam ou escrevem (Machado, 2010). Deste modo, a forma como cada pessoa interpreta os acontecimentos violentos depende da maneira como esta percebe a realidade, compreendendo não só as suas experiências pessoais como toda uma matriz social e cultural onde se encontra inserida (Sani, 2002, cit. por Machado, 2010).

Segundo Nascimento (2009) na violência entre cônjuges, as crenças e as atitudes envolvidas têm um papel importante no desenvolvimento da mesma. Relativamente à legitimação da violência, de um modo geral, os estudos mais quantitativos têm revelado que os adolescentes (quer do sexo

masculino quer do sexo feminino) evidenciam uma baixa concordância com o uso da violência nas relações íntimas (Caridade & Machado, 2006).

Os estudos vão ao encontro dos resultados obtidos pelas pesquisas em Portugal (Caridade & Machado, 2006). Estes resultados podem ser explicados pelo enfoque dos media no fenómeno, assim como aos programas de prevenção que têm sido implementados nas escolas, ainda que em baixo número (Caridade & Machado, 2006). Apesar disso, muitos estudos demonstram, ainda que em minoria, a existência de um número significativo de jovens que concorda com o uso de algum tipo de violência nas relações de namoro (Price et al., 1999, cit. por Caridade & Machado, 2006). Guimarães & Campos (2007) observaram a percepção dos jovens face à violência, demonstrando uma maior propensão para a identificação da violência somente em situações onde ocorriam agressões físicas, sendo que para ocorrer violência os jovens pressupunham um acto agressivo e excluía qualquer outro tipo de comportamento violento, como intimidação, coacção e negligência. Outros estudos “salientam que uma percentagem considerável dos adolescentes (25-35%) interpreta a violência como um acto de amor” (Caridade & Machado, 2006, p.489).

Segundo O’Keefe (2005) o factor mais associado aos jovens a infligir violência contra o parceiro é a crença de que é aceitável o uso de violência. Offenhauer (2011) refere que em diversos estudos muitos adolescentes têm crenças tradicionais sobre os papéis de género masculino e feminino nas relações, sendo um factor de risco para o envolvimento de relações com violência.

Arriaga e Foshee (2004, cit. por O’Keefe, 2005) estudaram a influência do grupo de pares, sendo que os resultados indicaram que os adolescentes que têm amigos com relações violentas estão mais propícios a ter experiências de namoro violentas, como perpetrador ou vítima.

De acordo com Machado, Matos e Moreira (2003), os homens concordam muito mais com as crenças legitimadoras de violência do que as mulheres. Os rapazes subscrevem mais a crença de que a violência poderá ser justificável em função de determinados comportamentos das mulheres, sendo que acham mais importante preservar a privacidade familiar e acreditam que a violência poderá ser atribuída a causas externas e fora do controlo do agressor (e.g., álcool ou a pobreza) (Machado, Matos & Moreira, 2003). Deste modo, a “pequena violência” é minimizada no contexto das relações íntimas (Caridade & Machado, 2006).

Wolfe, Wekerle & Scott (1996, cit. por Caridade & Machado, 2006) demonstraram que os rapazes se auto percebem como possuindo três vezes mais poder que as suas companheiras. Segundo os autores, os rapazes agem de acordo com os modelos dominantes na cultura, tendo uma postura de poder, competitividade e controlo, sendo que esperam encontrar nas suas relações a perpetuação destes papéis de género tradicionais. Segundo Jackson (1999, cit. por Caridade & Machado, 2006), os homens recorrem à violência de modo a manter o controlo e dominar as suas companheiras. Um estudo realizado por Jonhson, Frattanolli e Campbell (s.d., cit. por Machado, 2010)

com jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 24 anos, verificou que os rapazes percebem que os seus semelhantes usam violência como meio de manutenção do poder sobre as suas parceiras, e que as raparigas consideram que ser “vítima do namorado” é apenas uma maneira de comprovar o compromisso que têm para com o seu parceiro, não diferenciando os actos violentos de formas de expressão de amor. Também neste estudo observou-se que quer as raparigas, quer os rapazes revelam grandes dificuldades em distinguir actos violentos de brincadeiras amorosas, percebendo a violência como um acto de amor (Machado, 2010).

Machado, Matos & Moreira (2003) referem que muitas raparigas tendem a confundir ciúme com amor, considerando a violência como um acto de revolta justificável pelo ciúme, e que os rapazes tendem a considerar a violência como aceitável dependendo da situação (e.g., necessidade de privacidade familiar, existência de situações de pobreza, dependência de álcool). Wolfe, Wekerle & Scott (1996, cit. por Caridade & Machado, 2006) também verificaram que as raparigas adolescentes confundem ciúme com amor, encarando a violência como normal ao longo das suas relações. O ciúme desempenha um papel de demonstração de amor, mesmo que de uma forma confusa, e como justificativa para a violência (Barroso, 2007). Black & Weisy (2003, cit. por Caridade & Machado, 2006) verificaram num estudo realizado a estudantes universitários que 75% das mulheres que tinham sido vitimizadas nas suas relações de intimidade continuavam a permitir a perpetração, algo semelhante ao que ocorre no contexto conjugal.

Segundo Gagne e Lavoie (1993, cit. por Machado, Matos & Moreira, 2003) o ciúme parece desempenhar um papel importante nas auto-atribuições para a violência efectuada pelos rapazes, sendo esta também explicada como um acto de revolta, uma experiência de confusão e amor ou como resultado de ciúme. As mulheres têm tendência para achar que os rapazes quando recorrem à violência o fazem devido à intimidação que querem obter, enquanto os rapazes interpretam as suas agressões como resultado das provocações femininas (Gagne & Lavoie, 1993, cit. por Machado, Matos & Moreira, 2003). Deste modo, a violência é observada de maneira divergente para os homens e para as mulheres, sendo que nas raparigas a violência aparece como forma de intimidação e para os rapazes a violência surge em resposta às “provocações” femininas (Caridade & Machado, 2006). Outros estudos revelaram que todos os jovens que acreditam que o uso de violência é aceitável como meio de resolução de conflitos, tendem a agir de modo mais agressivo e violento, mas se os jovens reprovam totalmente o recurso à violência, tendem a evitar esse tipo de conduta (Machado, 2010). Este facto alerta para a enorme importância de analisar as crenças pessoais dos jovens como uma variável determinante a ter em conta no processo da compreensão da violência nas relações íntimas dos jovens (op. Cit., 2010).

Os dados obtidos sobre as atitudes dos jovens face à violência nas relações íntimas juvenis parecem corroborar os resultados encontrados na população adulta (Caridade & Machado, 2006). “A

par de uma atitude geral de reprovação da violência, surgem crenças específicas que diminuem essa reprovação da violência, surgindo crenças específicas que diminuem essa reprovação e legitimam as condutas abusivas” (Caridade & Machado, 2006, p.489). De acordo com Black & Weisy (2003, cit. por Caridade & Machado, 2006), para além do ciúme e da revolta, os conceitos míticos dos jovens acerca do romance, assim como os papéis tradicionais de género são exacerbados, tornando os jovens particularmente susceptibilizáveis face à violência. Price e Byers (1999, cit. por Caridade & Machado, 2006) realizaram um estudo onde analisaram a relação entre as atitudes de género tradicionais e a violência sexual, demonstrando que as jovens, na maior parte das vezes, cedem à pressão dos seus companheiros devido à concepção subordinada do papel da mulher na relação e ao medo de os perderem caso não se submeterem às exigências que lhes são feitas.

Méndez e Hernández (2001, cit. por Nascimento & Cordeiro, 2011) revelam que quanto maior for o tempo para que ocorra o primeiro episódio de violência, maior será a probabilidade de o vínculo manter-se, uma vez que os laços afectivos tendem a se estreitar, dificultando a tomada de decisão de romper com o relacionamento. Na maior parte das vezes, os jovens iludem-se com a crença de que uma relação que se inicia de forma violenta pode melhorar com o tempo (Nascimento & Cordeiro, 2011). Na realidade, os motivos dos conflitos podem mudar, assim como as justificativas para o uso de violência, mas esta não deixará de ocorrer, mesmo que o parceiro procure fazer tudo o que o outro quer, aumentando o risco de reforçar o desejo do outro (Nascimento & Cordeiro, 2011).

Segundo Méndez e Hernández (2001, cit. por Nascimento & Cordeiro, 2011), o desejo de controlar associa-se ao ciúme crónico, à insegurança na relação e à dependência emocional. A violência entre namorados tem, aparentemente, como principal motivação, a crença de que o outro é “seu”, como possuíssem o outro, existindo assim o direito sobre esse outro (Nascimento, 2009).

Várias investigações como Black & Weisy (2003, cit. por Caridade & Machado, 2006) verificaram que os adolescentes que experienciam violência nas suas relações raramente pedem ajuda, sendo que apenas 9% das vítimas jovens recorre ao aparelho judicial para denunciar a situação. Os jovens não recorrem a comportamentos de ajuda por medo de serem culpabilizados, por medo de que a informação não permaneça em sigilo, temerem que os adultos terminem a relação, acharem que não vão ser ajudados, ou temerem punições parentais (Caridade & Machado, 2006). A maior parte das situações são reveladas aos amigos (67% dos casos), sendo que apenas 17% dos casos recorre às mães, 10% aos pais e 2% aos professores (Black & Weisy, 2003, cit. por Caridade & Machado, 2006).

Um estudo sobre as percepções dos adolescentes face à violência no namoro evidenciou que os adolescentes atribuíam parte da responsabilidade pela violência às vítimas (provocação, personalidade) (Lavoie, Robitaille & Research Hébert, 2000, cit. por Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006). Os estudos comprovam a presença de mitos em torno da violência no namoro, sendo que estas “crenças podem ser entendidas como formas estereotipadas de conceber o fenómeno (“a

violência íntima é um assunto privado, deve ser resolvido em casa”), negando-o, normalizando-o (“uma bofetada não magoa ninguém”) ou justificando-o (“os homens batem nas mulheres apenas quando estão de cabeça perdida”)” (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006, p.68). Este tipo de “crenças aumenta o risco de responsabilização da vítima pelas ocorrências, promovem a desculpabilização do agressor, privatizam o problema dos maus-tratos, banalizam a experiência da vítima, negam a gravidade dos maus-tratos, não reconhecem a sua dimensão criminal e podem conduzir a posturas de não denúncia e de não intervenção” (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006, p.69). Deste modo, no namoro, o comportamento abusivo tido pelo jovem tende a ser atribuído pelas vítimas como “comportamentos passageiros”, não sendo identificado como uma conduta violenta, o que agrava a situação e impede a denúncia (Barilari, 2007, cit. por Dixe et al., 2010).

Ribeiro e Sani (2008) realizaram um estudo com 64 estudantes, com idades compreendidas entre os 11 e os 18 anos, que frequentavam o 3º Ciclo do Ensino Básico, numa escola da Zona Norte de Portugal, com o objectivo de estudar as crenças que os jovens tinham face ao uso da violência interpessoal. Os resultados obtidos demonstraram que a violência seria legitimada através de razões de ordem pessoal, tais como as características da vítima, factores externos ao agressor (consumo de álcool e drogas), ou ainda a ausência de uma ligação afectiva entre o agressor e a vítima, havendo uma certa desculpabilização face à conduta violenta (op. Cit., 2008). Apesar disso, os jovens não concordam com o uso de violência como forma de educar as crianças/jovens. Os resultados também indicaram que para os jovens não existem diferenças significativas entre os homens e as mulheres relativamente à apresentação de comportamento violentos e que a violência não consiste num comportamento apreendido (Ribeiro & Sani, 2008). Os jovens também consideraram que o ambiente onde os jovens estão inseridos, como a família, pode influenciar o comportamento (mecanismos de observação, reforço e modelagem ou coacção). Não se observaram diferenças significativas, apesar de os rapazes, comparativamente com as raparigas, mostrarem uma maior aceitação relativamente aos determinantes socioculturais como sendo justificativos para o uso da violência (Ribeiro & Sani, 2008). Os resultados obtidos neste estudo vão ao encontro de resultados adquiridos em estudos anteriores sobre as percepções dos adolescentes, sendo que os outros estudos também evidenciaram a presença de certos “mitos” em torno do fenómeno da violência, como a existência de crenças que justificam ou contestam o fenómeno, o que aumenta o risco de responsabilização da vítima pelo abuso e promove a desculpabilização do agressor (Matos, Machado, Caridade & Silva, 2006).

O estudo realizado por Machado (2010) verificou que os determinantes socioculturais, os determinantes individuais e os determinantes educativos são valorizados de forma diferente pelo sexo masculino e feminino, sendo que o género masculino apresenta crenças mais erróneas relativamente à violência interpessoal.

Segundo Nascimento e Cordeiro (2011) a compreensão dos jovens a respeito dos motivos de discussões, das normas estabelecidas no namoro e daquilo que é inaceitável fornece dados para um melhor entendimento do fenómeno da violência nas relações de namoro e, em muitos momentos, ajuda a entender o porquê de os jovens não reconhecerem a violência existente nos seus relacionamentos.

De acordo com o estudo de Nascimento e Cordeiro (2011), os jovens reconhecem ter vivido a violência em namoros anteriores, mas referem que só conseguiram percebê-la após o término da relação, havendo uma dificuldade de reconhecer a violência quando a relação é actual. A violência nos relacionamentos íntimos para os jovens pode ser entendida de maneira diferente: (a) como a maneira de comunicação do casal como forma de dar a palavra final, (b) procura de integração total com esse outro com quem se relacionam, e (c) forma de controlo, dominação e opressão (Nascimento & Cordeiro, 2011). O controlo exercido pelo namorado ou pela namorada, as desconfianças e o ciúme são decodificados como formas de cuidado e amor, e os insultos, estalos, empurrões e desrespeitos são entendidos como algo que deve ser suportado, porque o amor requer sacrifícios (Nascimento & Cordeiro, 2011).

No namoro a relação é compreendida de forma rígida, estando os sujeitos submetidos a regras e normas que devem ser seguidas, sendo estas “regras” confundidas com cuidado, amor ou até mesmo como parte da relação (Nascimento, 2009). De acordo com os resultados do estudo de Nascimento (2009), o cercar o outro é um dos “direitos” que os namorados têm um sobre o outro.

A maior parte dos estudos realizados em Portugal sobre a Violência no Namoro são realizados a estudantes universitários devido à maior facilidade em obter a amostra. Deste modo, o objectivo do presente trabalho é caracterizar a prevalência das diferentes formas de violência nas relações íntimas da população juvenil, bem como contribuir para uma melhor compreensão das crenças dos adolescentes relativamente ao fenómeno da violência. Procurou-se também analisar a forma como a violência é significada pelos jovens, de modo a saber que actos são representados por estes como violentos.

III. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA E DAS HIPÓTESES

Objectivo do Estudo

Como já foi explicitado na parte teórica deste trabalho, o estudo da violência no contexto das relações íntimas dos jovens é ainda algo muito recente, sobretudo no que toca à realidade portuguesa, sendo que existem poucos estudos face a esta problemática. O interesse por este fenómeno e o alargamento da investigação surgiu após a realização do estudo preliminar em contexto universitário (Machado, Matos, & Moreira, 2003), onde se verificou a relevância social do problema. Deste modo, este estudo pretende recolher dados sobre a prevalência do fenómeno da violência no namoro na população adolescente e avaliar as atitudes e crenças dos jovens face a esta problemática.

Hipóteses

As variáveis presentes neste estudo, categorizam-se em variáveis independentes (que correspondem à ideia de causa) e variáveis dependentes (que correspondem à ideia de efeito produzido).

Neste estudo, foram consideradas como variáveis dependentes os comportamentos dos estudantes do ensino secundário face à violência nas relações amorosas. Foram consideradas as seguintes variáveis independentes relevantes para o estudo: (1) género: feminino e masculino; (2) idade: 14 aos 21 anos; e (3) ano de escolaridade: 10ºano, 11ºano e 12ºano.

Este trabalho irá tentar responder aos seguintes objectivos:

- (1) Verificar a prevalência dos comportamentos abusivos nas relações íntimas dos jovens.
 - 1.1. Verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino.
- (2) Verificar a prevalência de comportamentos violentos nas relações de namoro dos jovens.
 - 2.1.-Verificar as diferenças entre o género Masculino e Feminino.
 - 2.2.-Verificar que tipo de violência (Violência Física, Violência Psicológica, Comportamento Ameaçador, Violência Emocional/Verbal, Violência Relacional) é mais perpetrado pelos jovens nas relações de namoro.
- (3) Verificar o tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas

3.1.-Verificar as diferenças entre o gênero Masculino e Feminino.

- (4) Comparar as atitudes e crenças acerca da violência nas relações de namoro junto da população juvenil, identificando o grau de tolerância/legitimação em relação a estes comportamentos de acordo com o gênero (Feminino e Masculino).
- (5) Analisar a relação entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações de intimidade juvenil.
- (6) Verificar a relação entre o consumo de Drogas e Álcool e a prevalência dos comportamentos violentos nas relações íntimas dos jovens.
- (7) Verificar a prevalência de vítimas de Violência no namoro, e a prevalência do conhecimento de vítimas de violência no namoro entre o grupo de pares dos jovens.

IV. MÉTODO

Delineamento

Segundo Fortin (1999, p.133), “o tipo de estudo descreve a estrutura utilizada segundo a questão de investigação vise descrever variáveis ou grupo de sujeitos, explorar ou examinar relações entre variáveis ou ainda verificar hipóteses de causalidade”. No âmbito da elaboração deste trabalho de investigação e tendo em conta os objectivos, trata-se de um estudo exploratório descritivo transversal com uma abordagem quantitativa.

A abordagem quantitativa utiliza dados numéricos para obter informações, descrever e testar relações (Fortin, 1999), e a “escala de medida permite a ordenação e quantificação de diferenças entre elas” (Marôco, 2010, p.23). Os métodos quantitativos pressupõem a observação de fenómenos, a formulação de hipóteses explicativas desses fenómenos, o controlo de variáveis, a selecção dos sujeitos de investigação (amostragem), a verificação ou rejeição das hipóteses mediante a recolha rigorosa de dados, e que os dados sejam sujeitos a uma análise estatística e uma utilização de modelos matemáticos para testar essas mesmas hipóteses (Carmo & Ferreira, 1998). A investigação descritiva visa descobrir novos conhecimentos, descrever fenómenos existentes, determinar a frequência da ocorrência de um fenómeno numa dada população ou categorizar a informação (Fortin, 1999). O estudo é de natureza transversal, pois os dados foram recolhidos num determinado espaço de tempo pré-definido e a uma determinada população (Fortin, 1999). Todas as medições foram feitas num único momento, não existindo, portanto, um período de seguimento dos indivíduos. Deste modo, inicialmente teve-se de definir a questão a responder, depois, definir a população a estudar e um método de escolha da amostra e, por último, definir os fenómenos a estudar e os métodos de medição das variáveis de interesse. Este tipo de estudos são apropriados para descrever características das populações no que diz respeito a determinadas variáveis e os seus padrões de distribuição (Fortin, 1999).

Os instrumentos utilizados foram dois questionários, uma vez que se pretendia obter uma amostra ampla, mantendo o rigor das informações colhidas com os recursos humanos e materiais disponíveis (Fortin, 1999).

Neste estudo, os questionários são instrumentos de avaliação de auto-relato, uma vez que parecem ser capazes de facilitar a compreensão das crenças dos adolescentes face ao fenómeno da violência.

Segundo Fortin (1999, p.363), a amostra é um “conjunto de sujeitos retirados de uma população”. Deste modo, seguiu-se o método de amostragem, que consiste em escolher um

grupo de elementos que representem a população a ser estudado (Fortin, 1999). Neste estudo, a amostragem é não probabilística ou não aleatória, sendo que a probabilidade de um determinado elemento pertencer à amostra não é igual à dos restantes elementos (Marôco, 2010). A amostra deste estudo é uma amostragem por conveniência, sendo que os elementos foram seleccionados pela sua conveniência, por voluntariado (op. Cit., 2010). Neste estudo, pretendia-se estudar os Jovens do Ensino Secundário, sendo que a amostra apenas foi recolhida em duas Escolas (uma Pública e outra Privada). Deste modo, a escolha da amostra foi por conveniência, e apenas responderam ao questionário os jovens que tinham a autorização do Encarregado de Educação.

Participantes

Este estudo integra 629 estudantes do Ensino Secundário Público (501) e Ensino Secundário Privado (108), tendo sido seleccionados através de uma amostragem não probabilística e que cumpriam cumulativamente os seguintes critérios: a) estudar no Ensino Secundário e b) adquirem a autorização do Encarregado de Educação para a realização do questionário.

Em termos de distribuição por género destaca-se a participação de 273 rapazes (43,4%) e 356 raparigas (56,6%), com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos de idade, sendo a média etária de 16,22, com um desvio padrão de 0,045. Esta distribuição em termos de género aproxima-se razoavelmente da distribuição de géneros na população Portuguesa - 48,3% de homens e 51,7% de mulheres (Censos, 2001, cit. por Caridade, 2008).

Dos 629 sujeitos que integraram a amostra, 206 frequentam o 10.º ano (32,8%), 258 frequentam o 11.º ano (41,0%) e 165 frequentam o 12.º ano de escolaridade (26,2%) (Tabela 1).

Tabela 1 *Caracterização da Amostra em função da idade, género e escolaridade (N= 629)*

		N	Percentagem Válida	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Género	Masculino	273	43,4				
	Feminino	356	56,6				
Idade	14	25	4,0				
	15	145	23,1				
	16	229	36,4				
	17	142	22,6	14	20	16,22	0,045
	18	74	11,8				
	19	12	1,9				
	20	2	0,3				
Ensino Secundário	10º	206	32,8				
	11º	258	41,0				
	12º	165	26,2				

Instrumentos

Para a realização deste estudo foi aplicado um questionário anónimo a estudantes do Ensino Secundário. O questionário foi composto por um inquérito sociodemográfico (Anexo I) - desenvolvido pela pesquisadora - o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) (Anexo II) e a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN) (Anexo III).

O Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes é uma adaptação do *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory* (CADRI), que foi desenvolvido e validado em 2001 por uma equipa de investigadores coordenados por David Wolfe (Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grastey & Straatman, 2001, cit. por Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). O Inventário foi construído e validado para a população Portuguesa por Saavedra, Machado, Martins, e Vieira em 2008. Este instrumento permite avaliar a utilização de estratégias de resolução de conflitos positivas (ou não abusivas) e abusivas nos relacionamentos de namoro entre adolescentes, sendo que faz a distinção entre o comportamento do próprio e o comportamento do(a) parceiro(a) (Saavedra, 2010). O questionário é preenchido individualmente, sendo que os itens deste inventário referem-se aos comportamentos do indivíduo e a aqueles de que é alvo por parte do outro elemento da relação (Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). O questionário também mede a ocorrência de formas específicas de abuso, como o comportamento ameaçador, o abuso relacional, o abuso físico, o abuso sexual e o abuso emocional ou verbal (Lewis, 2010). A escala dirige-se a jovens com experiência actual ou passada de envolvimento em relações amorosas, sendo dirigida a alunos do ensino secundário ou com idade superior a 14 anos de idade (Saavedra, 2010). A CADRI surgiu devido à necessidade de encontrar instrumentos apropriados para avaliar este tema junto da população juvenil, sendo que os jovens expressavam algumas dificuldades ao nível de compreensão dos temas e da formulação dos itens nos instrumentos utilizados anteriormente (Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). Deste modo, a CADRI permite recolher dados acerca da prevalência do fenómeno da violência no namoro na população juvenil, sendo que os conteúdos e a linguagem do tema são adaptados e dirigidos à população adolescente (Fischer & Corcoran, 2007). O inventário é composto por duas dimensões: a primeira dimensão é composta por 35 itens onde são avaliadas as estratégias de resolução de conflitos que são utilizadas pelo sujeito; e a segunda dimensão é também composta por 35 itens que avaliam as estratégias de resolução de conflitos das quais o sujeito relata ser alvo por parte do parceiro(a) (Saavedra, 2010). Em ambas as dimensões são avaliados dois factores: as estratégias de

resolução de conflitos positivas ou não abusivas e as estratégias de resolução de conflitos abusivas (Saavedra, 2010).

Cada item da escala avalia os actos abusivos ou não abusivos entre os relacionamentos dos adolescentes, existindo para cada item um conjunto de hipóteses de resposta apresentadas num formato tipo Likert, com 4 opções, definidas como 0 – Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento, 1 – Raramente: isto aconteceu 1-2 vezes no teu relacionamento, 2 – Às Vezes: isto aconteceu 3-5 vezes no teu relacionamento e 3 – Frequentemente: isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento. A CADRI é um inquérito composto por um modelo de cinco factores onde se incluem as diferentes formas de abuso: a) violência física (abrange os itens 8, 25, 30 e 34), b) violência sexual (abrange os itens 2, 13, 15 e 19), c) violência emocional ou verbal (abrange os itens 9, 12, 17, 24, 28 e 32), d) comportamentos de ameaça (abrange os itens 5, 29, 31 e 32), e e) abuso relacional (abrange os itens 3, 20, 21 e 35) (Jouriles, McDonald, Garrido, Rosenfield & Brown, 2005; Saavedra, 2010; Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). Os factores Violência Física e Violência Sexual podem ser considerados como um factor de Violência Severa (Saavedra, 2010). O inquérito também pode ser analisado por outros 2 factores: as Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas (abrange os itens 3, 4, 7, 9, 12, 17, 20, 21, 23, 24, 28, 32 e 35) e Estratégias de Resolução de Conflitos não abusivas ou positivas (abrange os itens 1, 6, 10, 11, 14, 16, 18, 22, 26 e 27) (Saavedra, 2010; Machado, Gonçalves, Almeida & Simões, 2011). A CADRI também permite analisar os comportamentos violentos (abrange os itens 2, 5, 8, 13, 15, 19, 25, 29, 30, 31, 33 e 34). A pontuação é obtida através da soma de todos os itens para cada subescala, sendo que uma pontuação alta indica uma utilização de estratégias abusivas para a resolução de conflitos nos relacionamentos de namoro entre adolescentes (Saavedra, 2010).

A Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro é uma adaptação da *Attitudes Toward Dating Violence Scale* (EAVN), que foi desenvolvido e validado em 1999 por Price, Byers e *The Dating Violence Research Team*. O Inventário foi construído e validado para a população Portuguesa por Saavedra, Machado e Martins em 2008. É um instrumento de auto-relato, com um total de 76 itens que estão organizados em três subescalas de atitudes face à violência masculina no namoro e três subescalas de atitudes face à violência feminina no namoro (Saavedra, 2010). A EAVN mede as atitudes dos sujeitos face à violência psicológica, física e sexual nestas relações. Deste modo, permite aferir de uma forma específica o nível de legitimação para cada tipo de violência, bem como a tolerância face à violência perpetrada quer pelos rapazes, quer pelas raparigas. É uma escala, que como o nome indica, avalia as atitudes dos adolescentes, podendo ser aplicada a alunos do 9º ano de escolaridade ou com idade superior a 13 anos de idade, sendo que a capacidade de resposta não implica a necessidade de experiência relacional de namoro (Saavedra, 2010). A EAVN é composta por

setenta e seis itens, divididos em seis subescalas – (1) Atitudes acerca da violência psicológica masculina (VPM – parte A), com 15 itens; (2) Atitudes acerca da violência física masculina (VFM – parte B), com 12 itens; (3) Atitudes acerca da violência sexual masculina (VSM – parte C), com 12 itens; (4) Atitudes acerca da violência psicológica feminina (VPF – parte D), com 12 itens; (5) Atitudes acerca da violência física feminina (VFF – parte F), com 13 itens; e (6) Atitudes acerca da violência sexual feminina (VSF – parte E), com 12 itens. Cada item da escala avalia as atitudes e as crenças dos jovens face ao fenómeno da violência no namoro (física, psicológica e sexual) (op. Cit., 2010). Para cada item existe um conjunto de hipóteses de resposta apresentadas num formato tipo Likert, com 5 opções, definidas como 1 – Discordo Totalmente, 2 – Discordo, 3 – Não Concordo Nem Discordo, 4 – Concordo e 5 – Concordo Totalmente. Nos itens 1, 2, 5, 9, 10 e 13 da subescala VPM; 1, 3, 5 e 7 da subescala VFM; 2, 4, 5 e 12 da subescala VSM; 1 e 2 da subescala VPF; 7, 8, 10 e 12 da subescala VFF; e 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9 e 10 da subescala VSF a cotação é invertida, sendo codificados de forma invertida: 1 – Concordo Totalmente, 2 – Concordo, 3 – Não Concordo Nem Discordo, 4 – Discordo e 5 – Discordo Totalmente. O valor de cada subescala será calculado pela soma dos seus itens, sendo que uma pontuação elevada aponta para uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos.

Procedimentos

Para a elaboração do presente estudo vários foram os procedimentos adoptados. Inicialmente, foi marcada uma reunião com a direcção de ambos os Liceus onde foi explicado o objectivo do estudo e pedido a autorização para que a recolha de dados fosse possível. Após a autorização de ambas as escolas (Anexo IV), contactou-se o director do Ensino Secundário de modo a saber a melhor estratégia, local e datas da colheita de dados. De acordo com as propostas das direcções das escolas, foi possível realizar os questionários em todas as turmas de ambas escolas. A Carta de Consentimento Informado (Anexo V) e o questionário foram iguais para todos os participantes, sendo que foi entregue e administrado aos alunos no decorrer das aulas, tendo-se obtido a autorização prévia por parte da direcção das escolas, dos docentes das respectivas turmas e o consentimento informado dos encarregados de educação de modo a permitir a condução do estudo.

Num primeiro momento, de turma em turma e com o consentimento do professor que leccionava a respectiva aula, foi explicado o estudo e foi entregue a todos os alunos as autorizações para os seus respectivos Encarregados de Educação assinarem, de modo a tomarem conhecimento e darem autorização ao seu educando na participação do estudo. No segundo momento, o questionário foi administrado de forma colectiva, em contexto de sala de aula, apenas aos alunos que traziam a autorização do Encarregado de Educação. Antes da administração do questionário foi explicado o

objectivo do estudo, assim como o carácter anónimo e voluntário da participação. Terminado o preenchimento do questionário, os sujeitos entregavam os questionários ao responsável da investigação. O tempo médio para o preenchimento do questionário foi de cerca de 20-30 minutos. Os estudantes, assim como os pais, foram informados acerca do carácter anónimo e confidencial dos dados, bem como da sua participação voluntária. A entrega de autorizações e a recolha de dados decorreu durante 4 semanas no Liceu Camões (de 26 de Setembro de 2012 a 24 de Outubro de 2012) e durante 3 semanas no Colégio Sagrado Coração de Maria (de 29 de Outubro de 2012 a 12 de Novembro de 2012).

Análise de Dados

O tratamento estatístico dos dados foi realizado por computador, através do programa *Statistical Packagr for the Social Sciences* (SPSS) – versão 20.0 para *Windows*. De modo a verificar-se quais os testes estatísticos a aplicar, foram apurados os critérios de normalidade estatística, através do Teste Kolmogorov-Smirnov, e de homogeneidade de variâncias, através do Teste Levene. As condições dos testes paramétricos não se verificaram, utilizando-se por isso Testes Não-Paramétricos. De forma a responder aos objectivos propostos, foram aplicados alguns procedimentos estatísticos. Assim, de modo a responder à questão 1, 2 e 6 foi utilizada a Análise de Estatística Descritiva e Análise de Correlação de Spearman. Para a questão 3 foi utilizada a Análise de Estatística Descritiva e um Teste de Chi-Quadrado. Para a questão 4, foi utilizado o Teste Não Paramétrico Mann-Whitney U Test e a Análise de Caixas de Bigodes. Para a questão 5, foi utilizada a Análise de Correlação de Spearman. Para a questão 7, foi utilizada Análise Estatística Descritiva.

V. RESULTADOS

Prevalência dos Comportamentos Abusivos

De modo a dar resposta ao objectivo (1) “*Verificar a prevalência dos comportamentos abusivos nas relações íntimas dos jovens*” foi realizada uma Análise Estatística Descritiva (Anexo VI).

Tabela 2 *Frequência de Comportamentos Abusivos*

Comportamentos Abusivos (Pontuação)	Frequência	Percentagem Válida
0	21	4,2

No que diz respeito ao objectivo (1), podemos observar através da Tabela 2 que dos 503 sujeitos que responderam ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI), apenas 21 sujeitos (4,2%) não têm comportamentos abusivos nas suas relações íntimas. Todos os outros 482 sujeitos (95,8%) reportam comportamentos abusivos, ainda que poucos. O total mínimo da variável foi 0, e o máximo foi 67, indicando que não existem comportamentos abusivos frequentes na díade.

De modo a responder ao objectivo (1.1.) “*Verificar as diferenças, da prevalência dos comportamentos abusivos, entre o género Masculino e Feminino*”, foi realizada a Análise Estatística Descritiva e a Análise de Correlação de Spearman (Tabela 3).

Tabela 3 *Frequência de Comportamentos Abusivos por género*

Género	Comportamentos Abusivos (pontuação)	N	Frequência	Percentagem Válida
Masculino	0	216	12	5,6
Feminino	0	287	9	3,1

De acordo com a tabela 3, podemos observar que os rapazes reportam relações de namoro mais saudáveis do que as raparigas, sendo que 5,6% destes considera que, no seu namoro, não existem comportamentos abusivos na díade. Apenas nove raparigas (3,1%) reportam a existência de namoros sem comportamentos abusivos. As diferenças observadas não são significativas ($p=0,179$), não sendo, portanto, estas diferenças generalizáveis à população.

Prevalência dos Comportamentos Violentos

De modo a dar resposta ao objectivo (2) “*Verificar a prevalência dos comportamentos violentos nas relações de namoro dos jovens*” foi realizada Análise Estatística Descritiva (Anexo VII).

Tabela 4 *Frequência de Comportamentos Violentos*

Comportamentos Violentos (pontuação)	Frequência	Percentagem Válida
0	195	38,8
1-35	308	61,2

De acordo com a Tabela 4, dos 503 sujeitos que responderam ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI), 195 sujeitos (38,8%) não têm comportamentos violentos por parte do próprio e do parceiro(a) na relação íntima. Todos os outros 308 sujeitos (61,2%) da amostra, apresentam comportamentos violentos no relacionamento. Para além destes dados, podemos observar que não existe nenhum sujeito com pontuação máxima de comportamentos violentos (a pontuação máxima para esta escala é de 72 pontos).

De modo a responder ao objectivo (2.1.) “*Verificar as diferenças, da prevalência dos comportamentos violentos, entre o género Masculino e Feminino*”, foi realizada a Análise Estatística Descritiva e a Análise de Correlação de Spearman (Tabela 5).

Tabela 5 *Frequência dos Comportamentos Violentos por género*

Género	Comportamentos Violentos (pontuação)	N	Frequência	Percentagem Válida
Masculino	0	216	85	39,4
Feminino	0	287	110	38,3

No que diz respeito ao objectivo (2.1.), podemos observar que os rapazes reportam, nas suas relações de namoro, comportamentos menos violentos do que as raparigas. De acordo com os resultados, 39,4% dos rapazes e 38,3% das raparigas referem não haver comportamentos violentos nas suas relações por parte da díade. A percentagem de namoros sem comportamentos violentos é maior para os rapazes, apesar de o valor não ser muito diferente. As diferenças observadas não são significativas ($p=0,815$), não sendo, portanto, estas diferenças generalizáveis à população.

De modo a responder ao objectivo (2.2.) “*Verificar que tipo de violência (Violência Física, Violência Psicológica, Comportamento Ameaçador, Violência Emocional/Verbal, Violência Relacional) é*

mais perpetrado pelos jovens nas relações de namoro”, foi realizada Análise Estatística Descritiva (Tabela 6).

Tabela 6 *Frequência dos Tipos de Violência*

Tipos de Violência	Comportamentos Violentos (pontuação)	Frequência (N=503)	Porcentagem Válida
Violência Física	0	398	79,1
Violência Sexual	0	278	55,3
Comportamento Ameaçador	0	181	36,0
Violência Emocional/ Verbal	0	63	12,5
Violência Relacional	0	356	70,8

Relativamente à questão (2.2.), podemos verificar que o tipo de violência mais presente nas relações de namoro dos Jovens é a Violência Emocional/ Verbal, sendo que apenas 63 sujeitos (12,5%) reportam não acontecer no seu relacionamento íntimo.

O tipo de Violência que está menos presente nos relacionamentos dos jovens é a Violência Física (79,1%), seguida da Violência Relacional (70,8%) e da Violência Sexual (55,3%).

Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas e Positivas

De modo a responder ao objectivo (3) “*Verificar o tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas*”, foi realizada Estatística Descritiva (Anexo VIII).

Tabela 7 *Frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas*

Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas	Pontuação do CADRI	Frequência (N=503)	Porcentagem Válida
Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas (do próprio)	0 [0-13]	29 438	5,8 87,1
Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas (do parceiro(a))	0 [0-13] 38	30 429 1	6,0 85,3 0,2

De acordo com os resultados (Tabela 7) 29 sujeitos (5,8%) consideram que não estratégias de resolução de conflitos abusivas no seu relacionamento. E 30 sujeitos (6,0%) consideram que o seu parceiro não tem estratégias de resolução de conflitos abusivas no relacionamento. Através destes resultados, também se pode verificar que existe um sujeito que refere que o seu parceiro(a) tem um elevado número de comportamentos abusivos, sendo que

de acordo com o resultado 38 (pontuação máxima é 39), o sujeito respondeu “frequentemente” em todos os itens, à exceção de uma pergunta em que respondeu “às vezes”. Deste modo, o sujeito pode ser considerado uma vítima de comportamentos abusivos por parte do seu parceiro(a).

A pontuação acima de 13, indica que os comportamentos ocorrem mais do que raramente. Deste modo, podemos referir que 87,1% dos sujeitos considera que não cometem comportamentos abusivos para com o seu parceiro(a), ou que cometem alguns comportamentos abusivos raramente. Para os comportamentos do parceiro(a), 85.3% dos sujeitos considera que não são alvos de comportamentos abusivos por parte do parceiro(a), ou que são alvo desses comportamentos raramente.

De acordo com a Tabela 8, podemos observar que 6,2% dos sujeitos acham que têm estratégias de resolução de conflitos positivas raramente nas suas relações de namoro, e 7,8% dos sujeitos acham que o seu parceiro(a) tem estratégias de resolução de conflitos positivas raramente.

A tabela também nos indica que 162 sujeitos (32.2%) consideram que têm comportamentos positivos frequentemente e que 310 (61,6%) sujeitos consideram que têm comportamentos positivos às vezes nas suas relações íntimas. E que 123 sujeitos (24,5%) acham que o seu parceiro(a) tem comportamentos positivos frequentemente e que 341 sujeitos (67,8%) consideram que o seu parceiro(a) tem comportamentos positivos às vezes nas suas relações de namoro.

Tabela 8 *Frequência de Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas*

Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas	Pontuação do CADRI	Frequência (N=503)	Percentagem Válida
Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas (do próprio)	[0,10]	31	6,2
	[10,20]	310	61,6
	>20	162	32,2
Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas (do parceiro(a))	[0,10]	39	7,8
	[10,20]	341	67,8
	>20	123	24,4

De modo a responder ao objectivo (3.1.) “*Verificar as diferenças de género no tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas*”, foi realizada a Análise de Correlação de Pearson. (Tabela 9).

Tabela 9 *Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas, entre géneros.*

Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas	Pontuação do CADRI	Feminino	Masculino	Teste de χ^2 (Valor <i>p</i>)
Ter Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas (do próprio)	Sim	276 (96,2%)	198 (91,7%)	0,035*
	Não	11 (3,8%)	18 (8,3%)	
Ter Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas (do parceiro(a))	Sim	273 (95,1%)	200 (92,6%)	0,258**
	Não	14 (4,9%)	16 (7,4%)	

Nota.*correlação é significativa porque $p < 0,05$

** correlação não é significativa porque $p > 0,05$

De acordo com a Tabela 9, observamos que há diferenças significativas nas raparigas e nos rapazes relativamente ao “ter estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio”, logo diferem no ter comportamentos abusivos. De acordo com os dados, 18 rapazes (8,3%) considera não ter estratégias de comportamentos abusivas para com o seu parceiro, sendo que este valor é significativamente mais alto do que o das raparigas (3,8%). Deste modo, as raparigas reportam ter mais comportamentos abusivos para com os seus parceiros. Para a variável “ter estratégias de resolução de Conflitos Abusivas”, as raparigas e os rapazes não apresentam diferenças significativas na forma como relatam os comportamentos abusivos dos seus parceiros.

Relativamente às Estratégias de Resolução de conflitos Positivas podemos observar através da Tabela 10 que existem diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas, sendo que os comportamentos positivos do próprio e do parceiro(a) diferem em termos de género. Apenas cinco rapazes (2,3%) reportam não ter e que a sua parceira não tem estratégias de resolução de conflitos positivos. Contrariamente, as raparigas reportam que tanto elas como os seus parceiros têm sempre estratégias de comportamento positivo (100%). Deste modo, as raparigas reportam ter e que o seu parceiro(a) tem mais comportamentos positivos na relação.

Tabela 10 *Comparação das Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas, entre géneros*

Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas	Pontuação do CADRI	Feminino	Masculino	Teste de χ^2 (Valor <i>p</i>)
Ter Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas (do próprio)	Sim	287 (100%)	211 (97,7%)	0,014 *
	Não	0	5 (2,3%)	
Ter Estratégias de Resolução de Conflitos Positivas (do parceiro(a))	Sim	287 (100%)	211 (97,7%)	0,014 *
	Não	0	5 (2,3%)	

Nota.*correlação é significativa porque $p < 0,05$

Atitudes acerca da Violência nas Relações de Namoro

De modo a responder ao objectivo (4) “Comparar as atitudes e crenças acerca da violência nas relações de namoro junto da população juvenil, identificando o grau de tolerância/legitimação em relação a estes comportamentos de acordo com o género (Feminino e Masculino)” foi realizado o teste não paramétrico Mann-Whitney e a Análise de Caixas de Bigodes (Anexo IX).

Tabela 11 *Teste de Mann-Whitney*

	VPM	VFM	VSM	VPF	VFF	VSF
Mann-Whitney U	29270,000	45212,500	27202,500	37310,000	36778,500	19241,500
Wilcoxon W	92816,000	108758,500	90748,500	100856,000	100324,500	82787,500
Valor p	0,000*	0,133**	0,000*	0,000*	0,000*	0,000*

Nota.*Há diferenças significativas porque $p < 0,05$

**Não há diferenças significativas porque $p > 0,05$

VPM= Violência Psicológica Masculina; VFM= Violência Física Masculina; VSM= Violência Sexual Masculina; VPF= Violência Psicológica Feminina; VFF= Violência Física Feminina; VSF= Violência Sexual Feminina

De acordo com a Tabela 11, as variáveis VPM; VSM; VPF; VFF e VSF apresentam diferenças significativas entre o género, logo as atitudes são diferentes entre os rapazes e as raparigas. A variável VFM não apresenta diferenças significativas, sendo que os rapazes e as raparigas não apresentam diferenças na forma como percebem a Violência Física Masculina.

A variável Violência Psicológica Masculina (VPM) apresenta diferenças estatisticamente significativas entre o género ($U=29270,000$; $W=92816,000$; $p=0,000$), sendo que os rapazes e as raparigas diferem nos resultados obtidos na Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). A figura 1 ilustra a distribuição dos scores totais no género feminino e no género masculino, sendo que podemos observar que os rapazes têm os valores mais altos. Os rapazes apresentam valores entre os 15 e os 60 pontos, e as raparigas entre os 15 e os 45 pontos. Os rapazes têm tendência para legitimar mais a violência masculina do que as raparigas. Através do gráfico 1 e da tabela 12, observa-se que a caixa de bigodes das mulheres é mais pequena e a mediana é mais baixa (27,00), sendo que apresentam valores de legitimação deste tipo de comportamentos mais baixos.

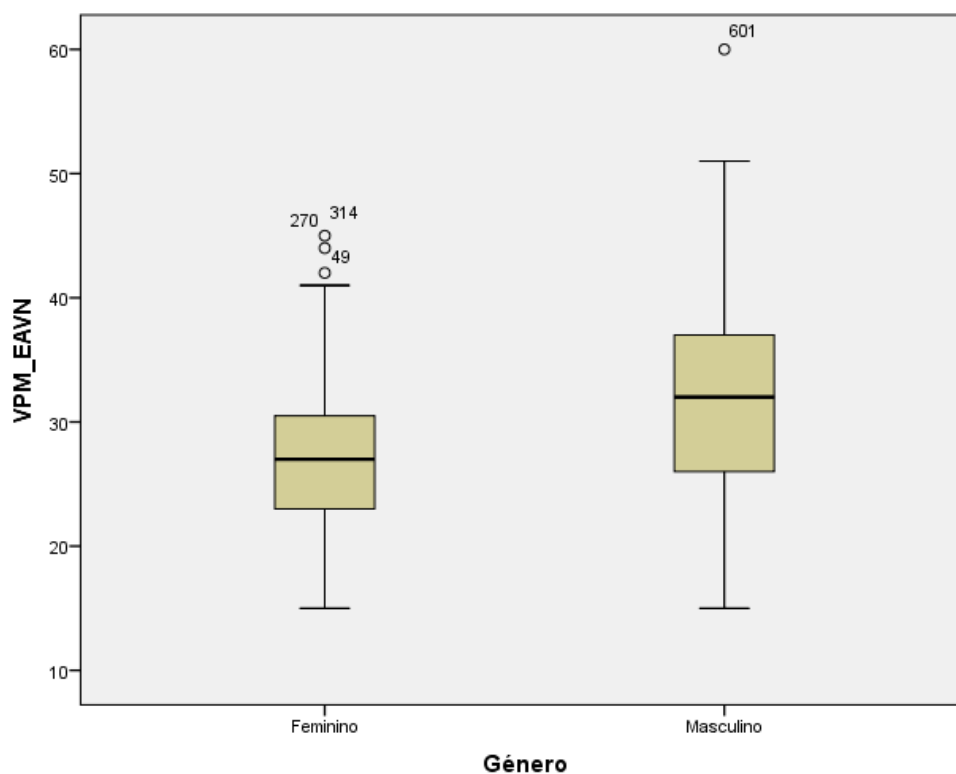


Figura 1 Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Psicológica Masculina dos Rapazes ($n=273$) e das Raparigas ($n=356$)

Os rapazes têm pontuações mais altas de violência psicológica (60), sendo que têm maiores atitudes legitimadoras da Violência Psicológica Masculina do que as raparigas (45) (Tabela 12).

Tabela 12 Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Psicológica Masculina

Gênero	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	27,00	15	45
Masculino	32,00	15	60

A variável Violência Física Masculina (VSM) não apresenta diferenças significativas ($U=45212,500$; $W=108758,500$; $p=0,133$), sendo que as pontuações não variam entre os rapazes como para as raparigas (Tabela 13). Os rapazes exibem pontuações entre os 10 e os 42 pontos, e as raparigas entre os 12 e os 38 pontos.

Tabela 13 Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Física Masculina

Gênero	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	18,00	12	38
Masculino	19,00	10	42

A variável Violência Sexual Masculina (VSM) apresenta diferenças significativas entre o gênero ($U=27202,500$; $W=90748,500$; $p=0,000$, sendo que no geral, os rapazes têm tendência para legitimar mais este tipo de comportamentos do que as mulheres (Tabela 14). A caixa de bigodes dos rapazes (Figura 2) é maior e a mediana é mais alta, sendo que estes apresentam valores de legitimação mais altos que as mulheres.

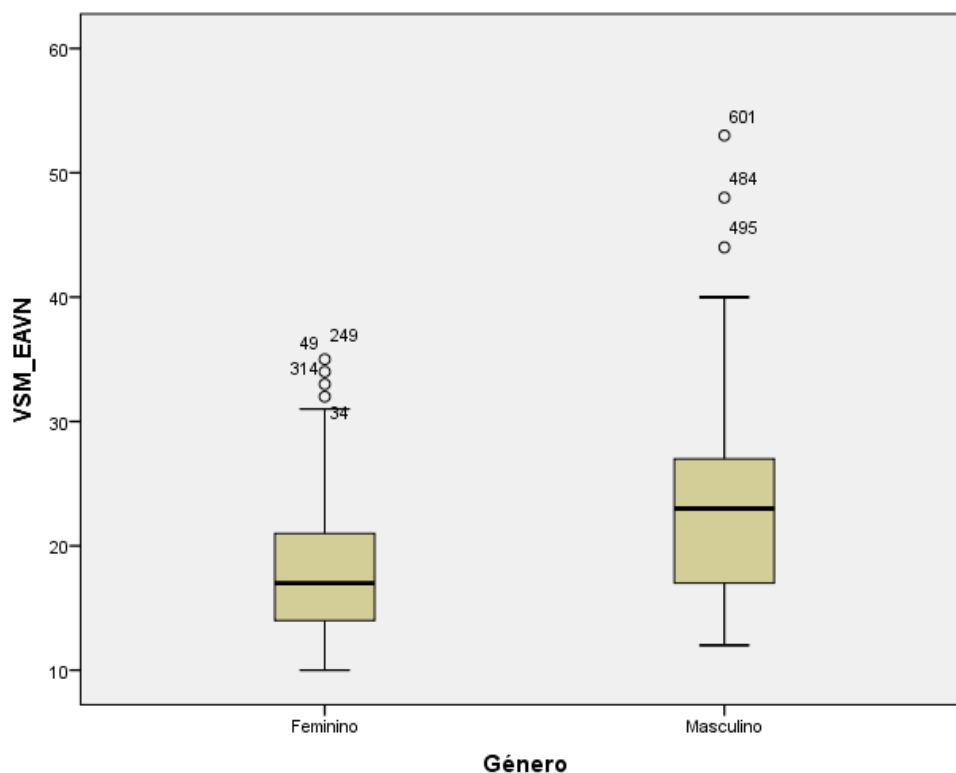


Figura 2 Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Sexual Masculina dos Rapazes ($n=273$) e das Raparigas ($n=356$)

Os rapazes têm os valores mais altos, sendo que exibem valores entre os 12 e os 53 pontos, e as raparigas entre os 10 e os 35 pontos (Tabela 14). Assim, os rapazes têm maiores resultados de Violência Sexual Masculina, tendo maiores atitudes legitimadoras deste tipo de Violência.

Tabela 14 Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Sexual Masculina

Gênero	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	17,00	10	35
Masculino	23,00	12	53

A variável Violência Psicológica Feminina (VPF) apresenta diferenças significativas entre o gênero ($U=37310,000$; $W=100856,000$; $p=0,000$). De acordo com a Figura 3, os

rapazes apresentam uma caixa de bigodes e o valor da mediana (29,00) maior, indicando que têm pontuações mais altas face a esta variável. Os rapazes têm as pontuações mais altas, sendo que exibem valores entre os 13 e os 44 pontos, e as raparigas entre os 12 e os 44 pontos. Assim, os rapazes legitimam mais este tipo de violência comparativamente com as raparigas (Tabela 15).

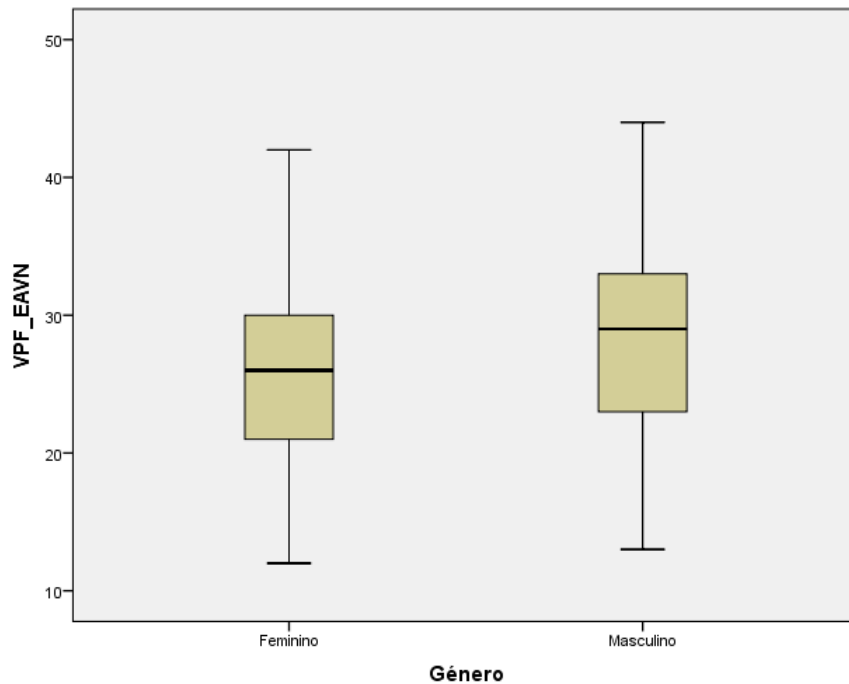


Figura 3 Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de *Violência Psicológica Feminina dos Rapazes* ($n=273$) e das *Raparigas* ($n=356$)

Tabela 15 *Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Psicológica Feminina*

Género	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	26,00	12	42
Masculino	29,00	13	44

A variável *Violência Física Feminina* (VFF) apresenta diferenças significativas entre o género ($U=36778,500$; $W=100324,500$; $p=0,000$). Através da tabela 16, podemos observar que os rapazes têm os valores mais altos, sendo que exibem valores entre os 15 e os 60 pontos, e as raparigas entre os 15 e os 45 pontos. Os rapazes têm tendência para legitimar mais a violência física feminina do que as raparigas. A caixa de bigodes das mulheres (Figura 4) é mais pequena e a mediana é mais baixa (27,00), sendo que apresentam valores de legitimação deste tipo de comportamentos mais baixos do que os rapazes (Tabela 16).

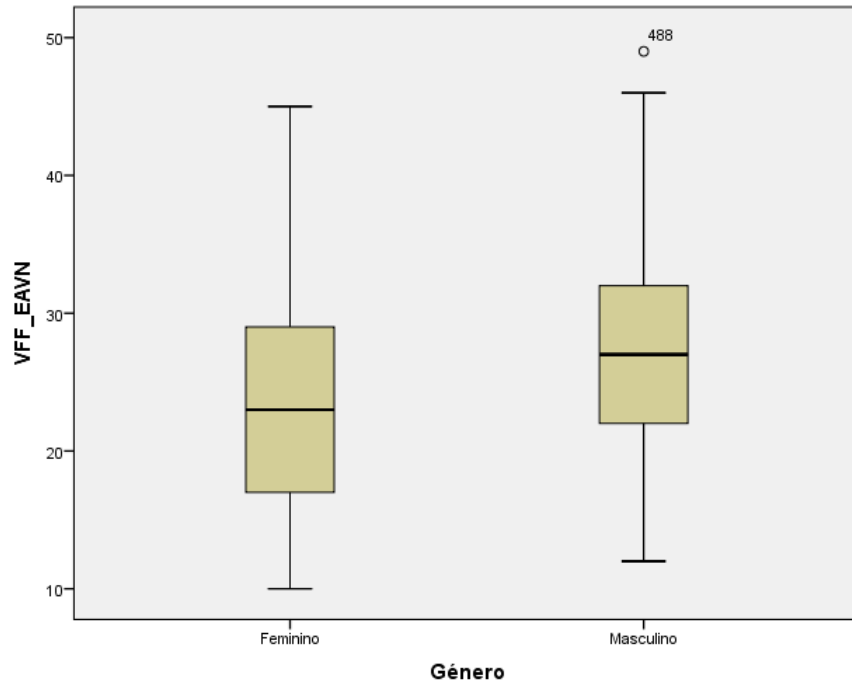


Figura 4 Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Física Feminina dos Rapazes ($n=273$) e das Raparigas ($n=356$)

Tabela 16 Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Física Feminina

Gênero	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	23,00	10	45
Masculino	27,00	12	49

A variável Violência Sexual Feminina (VSF) apresenta diferenças significativas entre o gênero ($U=19241,500$; $W=82787,500$; $p=0,000$), existindo diferenças entre os rapazes e as raparigas. Através da tabela 17, podemos observar que os rapazes têm os valores mais altos, sendo que exibem valores entre os 12 e os 52 pontos, e as raparigas entre os 10 e os 34 pontos. Os rapazes têm tendência para legitimar mais a Violência Sexual Feminina do que as raparigas. Através da figura 5 e da tabela 17, observa-se que a caixa de bigodes das mulheres é mais pequena e a mediana é mais baixa (18,00), sendo que apresentam valores de legitimação deste tipo de comportamentos mais baixos do que os rapazes.

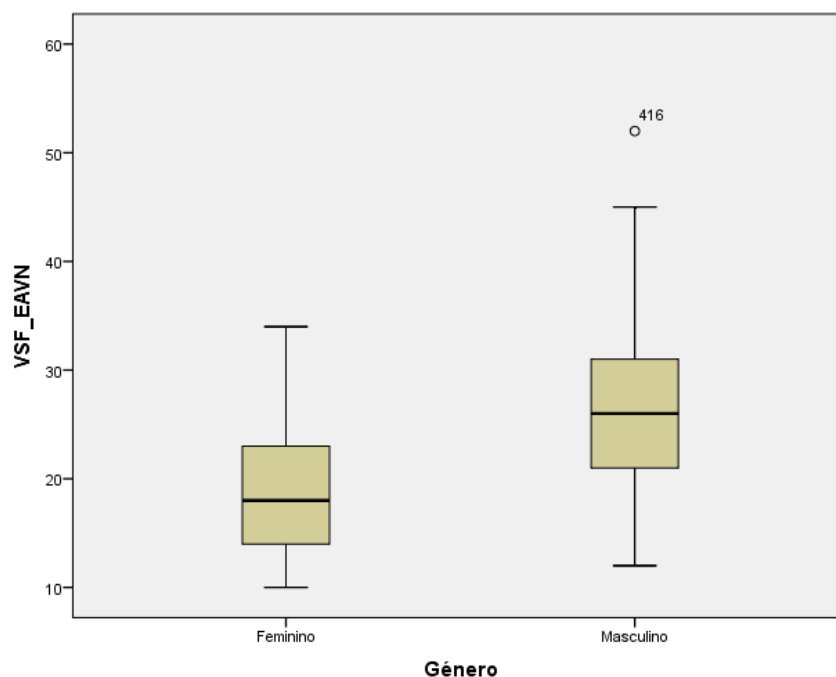


Figura 5 Diagrama de extremos e quartis dos scores totais de Violência Sexual Feminina dos Rapazes ($n=273$) e das Raparigas ($n=356$)

Tabela 17 Mediana, Pontuação máxima e mínima da Violência Sexual Feminina

Gênero	Mediana	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima
Feminino	18,00	10	34
Masculino	26,00	12	52

Ao longo desta análise de resultados, é visível pelas caixas de bigodes e pelas tabelas que os rapazes legitimam mais os diferentes tipos de violência do que as raparigas, sendo que apresentaram em todas as variáveis pontuações mais altas e medianas mais altas. Deste modo, podemos concluir que os rapazes legitimam mais os comportamentos de violência em todas as variáveis.

Relação entre as Atitudes e os Comportamentos Violentos

De modo a responder ao objectivo (5) “Analisar a relação entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações de intimidade juvenil” foi realizado a Análise de Correlação de Spearman. Pretende-se saber se há relação entre estas duas variáveis, sendo que se existir, quanto mais os jovens legitimam a violência, mais comportamentos são realizados (Anexo X).

Género Masculino

De modo a compreender a relação entre a variável Violência Psicológica Masculina (EAVN) e os Comportamentos Abusivos (CADRI) foi realizada análise descritiva e uma Análise de Correlação de Spearman. De acordo com os resultados da tabela 18, observa-se que há diferenças significativas, existindo uma correlação positiva entre as duas variáveis.

Tabela 18 *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Psicológica Masculina (Rapazes)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do próprio)	Correlação de Spearman	0,404
	Valor <i>p</i>	0,000*
	N	216

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

Deste modo, foi verificado que quanto mais os rapazes legitimam a atitude da Violência Psicológica Masculina, mais a praticam, havendo mais comportamentos abusivos. Podemos assim afirmar que quanto maior a legitimação da crença da Violência Psicológica Masculina, maior a prevalência de comportamentos abusivos. De acordo com a Figura 6, a dispersão dos resultados é grande, sendo que a maior parte dos sujeitos masculinos têm comportamentos abusivos nas relações de acordo com as suas legitimações. Também se observa, rapazes que legitimam bastante a violência psicológica mas que nos seus relacionamentos não se comportam de acordo com a sua legitimação.

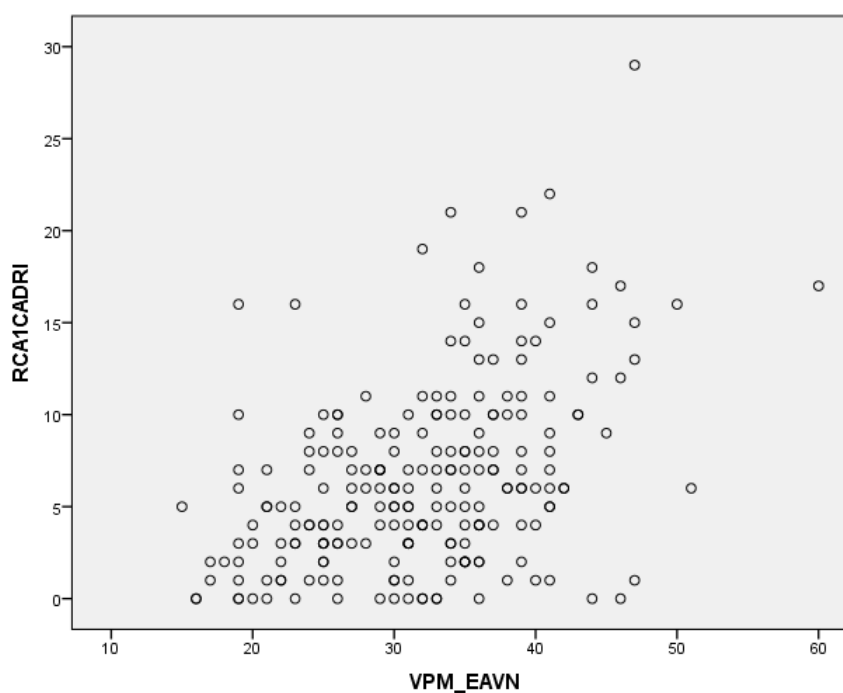


Figura 6 *Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Masculina*

Relativamente à opinião dos rapazes face à Violência Psicológica Feminina e observando o comportamento abusivo das suas companheiras na relação de namoro, observa-se através da tabela 19 verifica-se que existe uma correlação positiva significativa entre as duas variáveis. Os rapazes quanto mais legitimam a Violência Psicológica Feminina, mais os seus parceiros/as realizam este tipo de comportamentos abusivos.

Tabela 19 *Coefficiente de Correlação de Spearman*

		Violência Psicológica Feminina (Rapazes)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do parceiro(a))	Correlação de Spearman	0,113
	Valor <i>p</i>	0,049*
	N	216

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

De acordo com a Figura 7, os sujeitos masculinos que legitimam a Violência Psicológica Feminina, mais são vítimas desses comportamentos por parte dos seus parceiros/as.

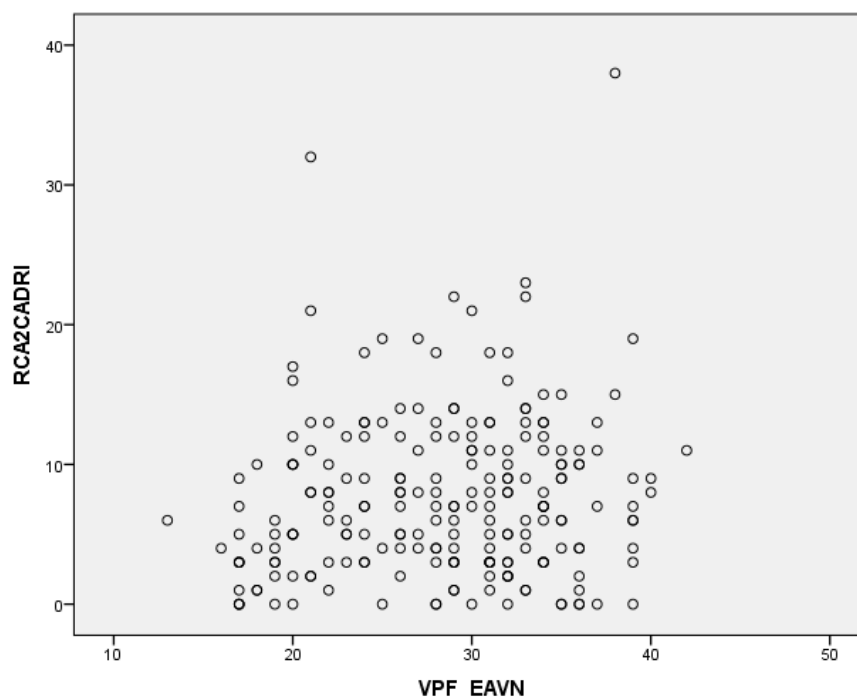


Figura 7 *Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Feminina*

De modo a compreender a relação entre a variável Violência Física Masculina (EAVN) e a Violência Física (CADRI) foi realizada análise descritiva e uma correlação de Spearman. De acordo com os resultados da tabela 20, observa-se que não há correlação positiva significativa entre as duas variáveis.

Tabela 20 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Física Masculina (Rapazes)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do próprio)	Correlação de Spearman	0,018
	Valor <i>p</i>	0,399*
	N	216

Nota. *correlação não é significativa porque $p > 0,05$

Pela Figura 8, observa-se que os rapazes, na sua maioria, mesmo legitimando a violência física Masculina não têm comportamentos de violência física nas suas relações íntimas.

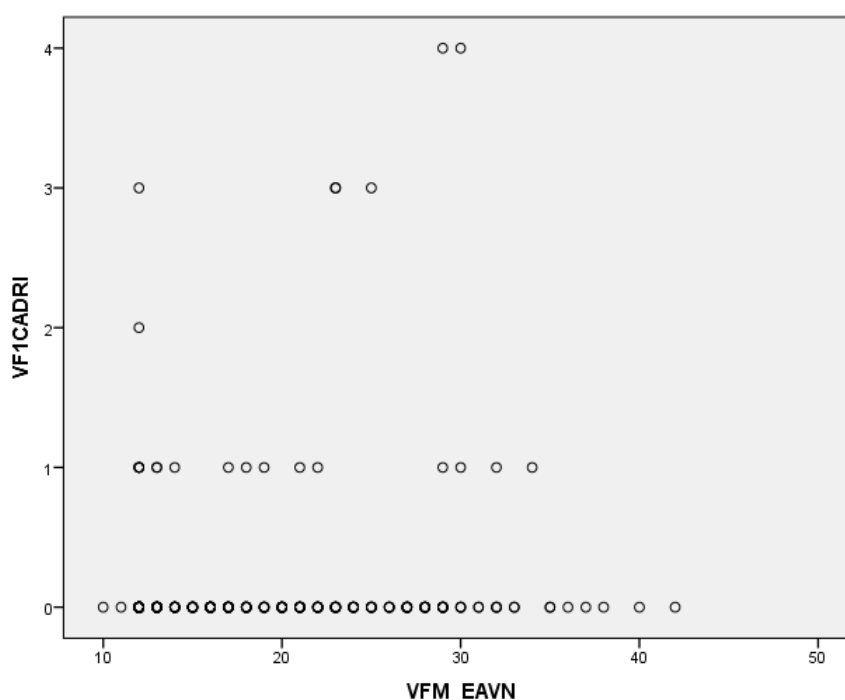


Figura 8 *Diagrama de Dispersão da Violência Física Masculina*

Através da correlação da variável Violência Física Feminina (EAVN) e observando o comportamento de Violência Física das suas companheiras na relação de namoro, observa-se através da tabela 21 que não existe correlação significativa. Os rapazes, na sua maioria, legitimam a Violência Física Feminina mas as suas parceiras não cometem comportamentos de violência física nas suas relações de namoro.

Tabela 21 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Física Feminina (Rapazes)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do parceiro(a))	Correlação de Spearman Valor <i>p</i>	0,091
	N	0,090*
		216

Nota. *correlação não é significativa porque $p > 0,05$

De modo a compreender a relação entre a variável Violência Sexual Masculina (EAVN) e a Violência Sexual (CADRI) foi realizada análise descritiva e uma correlação de Spearman. De acordo com os resultados da tabela 22, observa-se que a correlação é positiva e significativa entre as duas variáveis. Os rapazes quanto mais legitimam a Violência Sexual Masculina, têm mais comportamentos de violência física nas suas relações.

Tabela 22 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Sexual Masculina (Rapazes)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do próprio)	Correlação de Spearman Valor <i>p</i>	0,262
	N	0,000*
		216

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

Através da correlação da variável Violência Sexual Feminina (EAVN) e observando o comportamento de Violência Sexual das suas companheiras na relação de namoro, observa-se através da tabela 23 que existe correlação significativa entre as duas variáveis.

Tabela 23 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Sexual Feminina (Rapazes)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do parceiro(a))	Correlação de Spearman Valor <i>p</i>	0,197
	N	0,002*
		216

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

Pelo Figura 9, observa-se que, no geral, mesmo que os rapazes legitimem a Violência Sexual Feminina, não são vítimas de comportamentos de violência sexual nas suas relações pelas suas parceiras. Pode-se observar a existência de um sujeito que apesar de legitimar pouco este tipo de violência, é vítima de violência sexual por parte do seu parceiro/a.

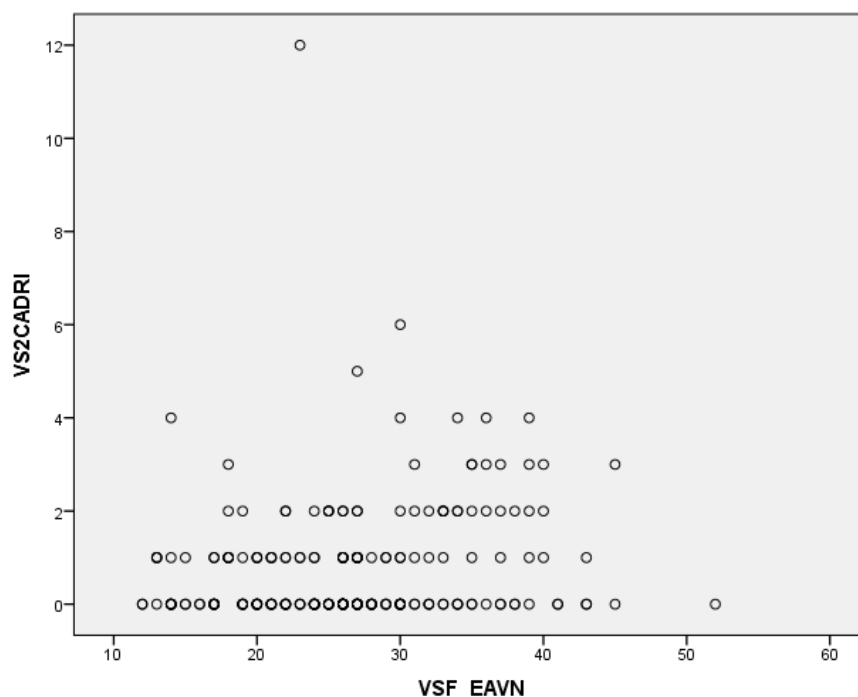


Figura 9 Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Feminina

Gênero Feminino

De modo a compreender a relação entre a variável Violência Psicológica Feminina (EAVN) e os Comportamentos Abusivos (CADRI) foi realizada análise descritiva e uma Análise de correlação de Spearman. De acordo com os resultados da tabela 24, observa-se que há uma correlação positiva e significativa entre as duas variáveis.

Tabela 24 Coeficiente de Correlação

		Violência Psicológica Feminina (Raparigas)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do próprio)	Correlação de Spearman	0,333
	Valor <i>p</i>	0,000*
	N	287

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

Deste modo, foi verificado que quanto mais as raparigas legitimam a atitude da Violência Psicológica Feminina, mais a praticam, havendo mais comportamentos abusivos. Podemos assim afirmar que quanto maior a legitimação da crença da Violência Psicológica Feminina, maior a prevalência de comportamentos abusivos (Figura 10). De acordo com o gráfico, a dispersão dos resultados é grande, sendo que a maior parte dos sujeitos femininos

têm comportamentos abusivos nas relações de acordo com as suas legitimações. Também se observa, raparigas que legitimam bastante a violência psicológica mas que nos seus relacionamentos não se comportam de acordo com a sua legitimação.

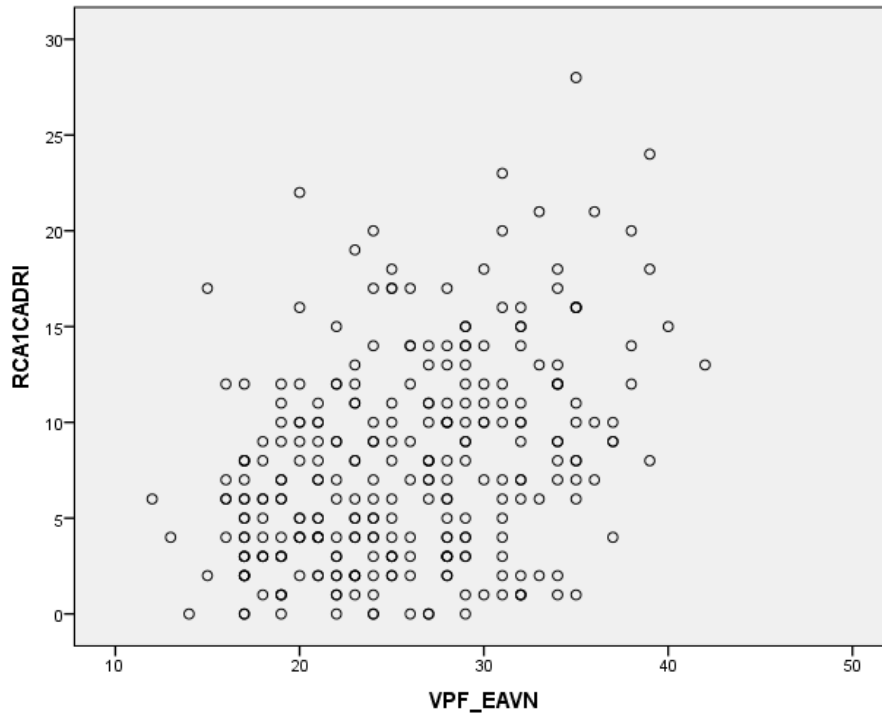


Figura 10 *Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Feminina*

Relativamente à opinião das raparigas face à Violência Psicológica Masculina e observando o comportamento abusivo dos seus companheiros na relação de namoro, observa-se através da tabela 25 que existe uma correlação significativa e positiva entre as duas variáveis. As raparigas legitimam a Violência Psicológica, e quanto mais legitimam, mais os seus parceiros/as realizam esse tipo de comportamentos abusivos.

Tabela 25 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Psicológica Masculina (Raparigas)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do parceiro(a))	Correlação de Spearman	0,338
	Valor <i>p</i>	0,000*
	N	287

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

De acordo com a Figura 11, observa-se um sujeito feminino que tem uma baixa legitimação da Violência Psicológica Masculina, mas o seu parceiro/a comporta-se de forma

abusiva. No geral, a legitimação que as raparigas têm face a este tipo de violência, está de acordo com o comportamento do seu parceiro/a.

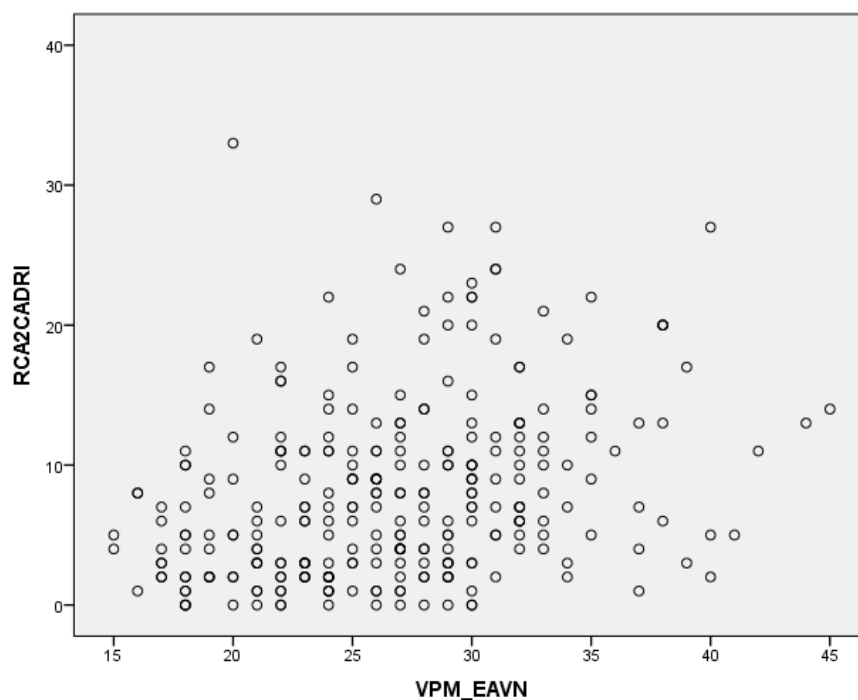


Figura 11 *Diagrama de Dispersão da Violência Psicológica Masculina*

De modo a compreender a relação entre a variável Violência Física Feminina (EAVN) e a Violência Física (CADRI) foi realizada análise descritiva e uma correlação de Spearman. De acordo com os resultados da tabela 26, observa-se que existe uma correlação positiva significativa entre as duas variáveis.

Tabela 26 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Física Feminina (Raparigas)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do próprio)	Correlação de Spearman	0,236
	Valor <i>p</i>	0,000*
	N	287

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

As raparigas quanto mais legitimam este tipo de violência, mais cometem comportamentos de violência física nas suas relações íntimas.

Através da correlação da variável Violência Física Masculina (EAVN) e observando o comportamento de Violência Física dos seus companheiros na relação de namoro, observa-se

através da Tabela 27 que existe uma correlação positiva significativa entre as duas variáveis. As raparigas mesmo legitimando a Violência Física Masculina, não são vítimas dela por parte dos seus parceiros.

Tabela 27 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Física Masculina (Raparigas)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do parceiro(a))	Correlação de Spearman	0,166
	Valor <i>p</i>	0,002*
	N	287

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

Pela figura 12, observa-se que a legitimação das raparigas face a este tipo de violência varia, apesar de não existir muitos comportamentos de Violência física por parte dos seus parceiros(as).

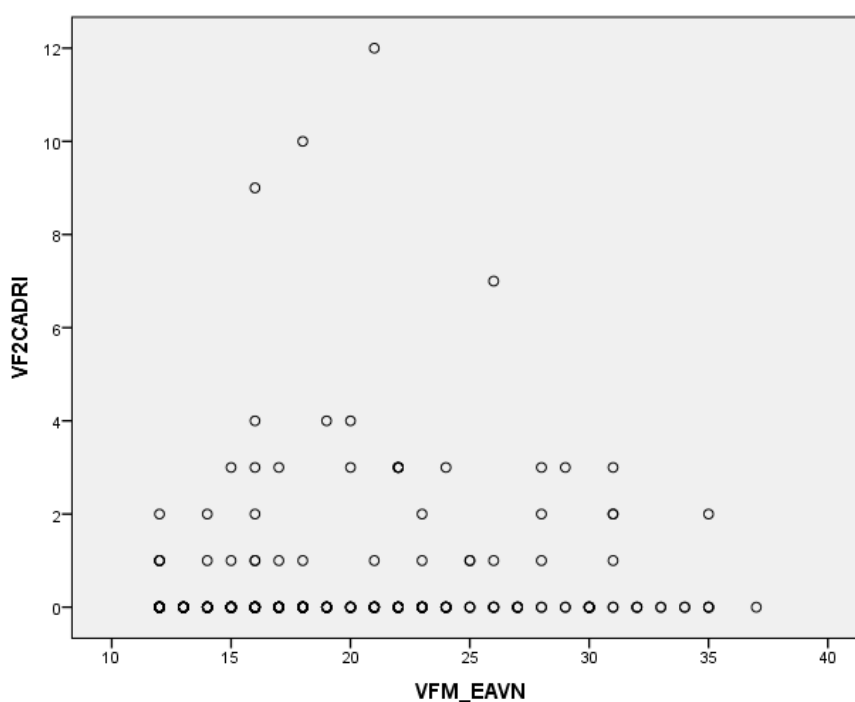


Figura 12 *Diagrama de Dispersão da Violência Física Masculina*

De modo a compreender a relação entre a variável Violência Sexual Feminina (EAVN) e a Violência Sexual (CADRI) foi realizada análise descritiva e uma correlação de Spearman. De acordo com os resultados da tabela 28, observa-se que existe uma correlação positiva significativa entre as duas variáveis.

Tabela 28 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Sexual Feminina (Raparigas)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do próprio)	Correlação de Spearman	0,158
	Valor <i>p</i>	0,004*
	N	287

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

Através da Figura 13, observa-se que as raparigas têm tanto mais comportamentos de Violência Sexual nas suas relações de namoro, quanto mais legitimam algumas atitudes deste tipo de violência.

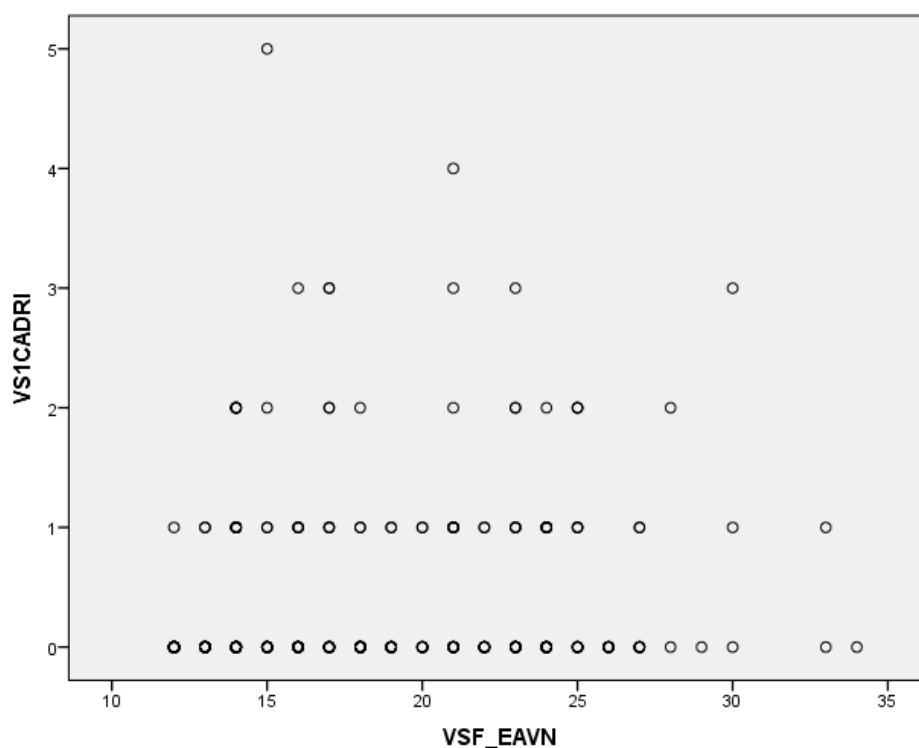


Figura 13 *Diagrama de Dispersão da Violência Sexual Feminina*

Através da correlação da variável Violência Sexual Masculina (EAVN) e observando o comportamento de Violência Sexual dos seus companheiros/as na relação de namoro, observa-se através da tabela 29 que existe uma correlação positiva significativa entre as duas variáveis.

Tabela 29 *Coefficiente de Correlação*

		Violência Física Masculina (Raparigas)
Resposta de Comportamentos Abusivos (do parceiro(a))	Correlação de Spearman	0,179
	Valor <i>p</i>	0,001*
	N	287

Nota. *correlação é significativa porque $p < 0,05$

As raparigas, no geral, quanto mais legitimam a Violência Sexual Masculina mais os seus parceiros/as têm comportamentos de violência sexual nas suas relações.

De acordo com os resultados, tanto os rapazes como as raparigas, quanto mais legitimam a violência, mais a cometem ou mais os seus parceiros comentem esse tipo de comportamentos abusivos e violentos. Deste modo, existe uma relação entre as atitudes dos jovens face à violência e a sua prevalência nas relações de namoro.

Relação entre Consumo de Drogas e os Comportamentos Violentos

De modo a responder ao objectivo (6) “*Verificar a relação entre o consumo de Drogas e Álcool e a prevalência dos comportamentos violentos nas relações íntimas dos jovens*” foi realizada uma Análise de Estatística Descritiva (Anexo XI).

Consumo de Drogas

De acordo com a Tabela 30, os sujeitos que já consumiram Drogas, reportam comportamentos mais violentos do que quem nunca tenham consumido. Observa-se que 2,9% dos sujeitos que consumiram drogas apresentam comportamentos violentos às vezes e frequentemente nas suas relações de namoro, sendo que essa percentagem é bastante menor para os sujeitos que nunca consumiram drogas (0,5%). Também se observa que a média entre os sujeitos é diferente, sendo que quem já consumiu droga apresenta uma média de 2,25 de comportamentos violentos, e quem nunca consumiu droga apresenta uma média de 1,19. A pontuação máxima para quem consumiu droga é de 18, e a pontuação máxima para quem nunca consumiu droga é de 17.

Tabela 30 *Relação entre a Variável Consumir Drogas e os Comportamentos Violentos do Próprio*

Consumir Drogas	Comportamentos Violentos	Frequência	Porcentagem Válida	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima	Média	Desvio Padrão
Sim	>12	133	97,1	0	18	2,25	0,266
	<12	4	2,9				
Não	>12	363	99,5	0	17	1,19	0,108
	<12	2	0,5				

De acordo com a tabela 31, existem diferenças significativas entre as duas variáveis ($p=0,000$), sendo que os sujeitos que consomem drogas ou já consumiram, apresentam valores mais altos para a variável comportamentos violentos.

Tabela 31 *Comparação dos Comportamentos Violentos com o Consumo de Drogas*

	Teste de χ^2 (Valor p)
Ter Comportamentos Violentos (do próprio)	0,000*

Nota.*correlação é significativa porque $p<0,05$

Consumo de Álcool

De acordo com a Tabela 32, os sujeitos que já consumiram Álcool, reportam comportamentos mais violentos do que quem nunca tenham consumido. Observa-se que 1,5% dos sujeitos que consumiram álcool apresentam comportamentos violentos às vezes e frequentemente nas suas relações de namoro, sendo que os sujeitos que nunca consumiram álcool apenas apresentam comportamentos violentos raramente. A média entre os sujeitos é diferente, sendo que quem já consumiu álcool apresenta uma média de 1,73 de comportamentos violentos, e quem nunca consumiu álcool apresenta uma média de 0,97. A pontuação máxima para quem consumiu álcool é de 18, e a pontuação máxima para quem nunca consumiu álcool é de 7.

Tabela 32 *Relação entre a Variável Consumir Álcool e os Comportamentos Violentos*

Consumir Álcool	Comportamentos Violentos	Frequência	Porcentagem Válida	Pontuação Mínima	Pontuação Máxima	Média	St. Error
Sim	>12	329	98,5	0	18	1,73	0,149
	<12	5	1,5				
Não	>12	168	100	0	7	0,97	0,117
	<12	0	0				

De acordo com a tabela 33, existem diferenças significativas entre as duas variáveis ($p=0,001$), sendo que os sujeitos que consomem álcool apresentam valores mais altos para a variável comportamentos violentos.

Tabela 33 *Comparação dos Comportamentos Violentos com o Consumo de Álcool*

	Teste de χ^2
	(Valor p)
Ter Comportamentos Violentos (do próprio)	0,001*

Nota.*correlação é significativa porque $p<0,05$

Prevalência de Violência no Namoro e de Conhecimento de Violência no Namoro no Grupo de Pares

De modo a responder ao objectivo (7) “Verificar a prevalência de vítimas de Violência no namoro, e a prevalência do conhecimento de vítimas de violência no namoro entre o grupo de pares dos jovens” foi realizada uma Análise de Estatística Descritiva (Anexo XII).

Prevalência de Violência no Namoro

De acordo com a tabela 34, observa-se que 36 sujeitos (5,8%) da amostra já foram ou são vítimas de violência no namoro.

Tabela 34 *Frequência de Vítima de Violência no Namoro*

Vítima de Violência no Namoro	Frequência	Percentagem Válida
Sim	36	5,8
Não	588	94,2

As vítimas de violência no namoro foram 31 raparigas e 5 rapazes. O género feminino relata mais casos de violência no namoro (86,11%) (Tabela 35).

Tabela 35 *Frequência das Vítimas de Violência no namoro por género*

Vítima de Violência no Namoro	Frequência	Percentagem Válida
Masculino	5	13,89
Feminino	31	86,11

Conhecimento de Violência no Namoro no Grupo de Pares

De acordo com a Tabela 36, 119 sujeitos (19%) da amostra relatam conhecer alguém no seu grupo de pares que já tenha sido vítima de um namoro violento.

Tabela 36 *Frequência de Conhecer vítimas de Violência no Namoro no Grupo de Pares*

Conhecer vítimas de Violência no Namoro no Grupo de Pares	Frequência	Porcentagem Válida
Sim	119	19%
Não	508	81%

VI. DISCUSSÃO

As pesquisas e investigações realizadas sobre a Violência no Namoro dos Jovens são recentes, na realidade portuguesa, sendo importante a realização de mais estudos sobre esta problemática de modo a alargar a investigação. O primeiro estudo foi realizado por Machado, Matos e Moreira (2003) a jovens em contexto universitário, onde foi verificada a relevância social do problema. Este trabalho pretende recolher dados sobre a prevalência do fenómeno da violência no namoro na população adolescente e avaliar as atitudes e crenças dos jovens face a esta problemática, respondendo a alguns objectivos. A dimensão da amostra e as respostas dos participantes permitiram-nos recolher dados que fossem fiáveis.

O primeiro objectivo foi (1) “*Verificar a prevalência dos comportamentos abusivos nas relações íntimas dos jovens*”, sendo que foi observado que dos 503 sujeitos que responderam ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI), apenas 21 sujeitos (4,2%) não têm comportamentos abusivos nas suas relações íntimas, sendo que os rapazes reportam relações de namoro mais saudáveis do que as raparigas. Todos os outros 482 sujeitos (95,8%) reportam comportamentos abusivos, ainda que poucos.

De acordo com a literatura, a prevalência de actos abusivos encontrada nos estudos desenvolvidos em contexto de namoro ou com jovens é grande, ainda que envolva maioritariamente a chamada “pequena” violência, é suficiente para não minimizarmos este fenómeno (Matos, 2006). Isto pode resultar do facto dos agressores serem simultaneamente alvo de violência dos(as) seus/suas parceiros(as), podendo estar presentes padrões de agressão recíproca ou mútua, ocasional ou continuada (op. Cit., 2006).

Um estudo realizado por Machado, Matos e Moreira (2003), em contexto universitário português, procurou caracterizar a prevalência deste fenómeno em Portugal, bem como os valores culturais que o legitimam, tendo sido concluído que uma percentagem significativa de estudantes adoptava condutas violentas no contexto das suas relações íntimas. De acordo com os resultados, 15,5% dos participantes referiram ter sido vítimas de pelo menos um acto abusivo durante o último ano e 21,7% admitiram já ter adoptado este tipo de condutas em relação aos seus parceiros (Machado, Matos & Moreira, 2003). No estudo, também não foram encontradas diferenças de género, apesar de que as mulheres admitiam uma maior taxa de agressão (Machado, Matos & Moreira, 2003).

As pesquisas internacionais estimam uma prevalência situada entre os 21,8% e os 60% (Katz; Kuffel; Coblenz, 2002; Kaura; Allen, 2004; Magdol; Moffit; Caspi; Newman; Fagan;

Silva, 1997; Straus, 2004; cit. por Matos et al., 2006). Segundo Caridade (2008), os estudos estimam que a prevalência do abuso íntimo entre os estudantes do ensino secundário e/ou adolescentes poderá situar-se entre 12.1% (Henton et al., 1983) e 66.2% (Gray & Foshee, 1997). A proporção de participantes que relataram ter experienciado algum tipo de violência nas suas relações íntimas varia consoante os estudos, sendo que os valores oscilam de estudo para estudo (Caridade, 2008). Estes dados vão de encontro com esta investigação, sendo que tanto os rapazes como as raparigas reportam comportamentos abusivos no relacionamento íntimo por parte do próprio e do parceiro. A maior parte dos jovens relata a ocorrência de comportamentos abusivos “raramente” ou “às vezes” na díade, não existindo comportamentos abusivos frequentes por parte do casal no relacionamento.

O segundo objectivo proposto foi (2) “*Verificar a prevalência dos comportamentos violentos nas relações de namoro dos jovens*”, tendo sido observado que dos 503 sujeitos que responderam ao Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI), 195 sujeitos (38,8%) não têm comportamentos violentos por parte do próprio e do parceiro(a) na relação íntima. Todos os outros 308 sujeitos (61,2%) da amostra, apresentam comportamentos violentos no relacionamento, sendo que os rapazes reportam nas suas relações de namoro comportamentos menos violentos do que as raparigas, apesar de as diferenças observadas não serem significativas.

Segundo Berry (2000, cit. por Espinheira & Jóllyksin, 2009), 20% a 30% dos adolescentes envolvidos em relações de namoro experimentam violência nas suas relações íntimas. Magdol, Moffit, Caspi, Newman, Fagan e Silva (1997, cit. por Espinheira & Jóllyksin, 2009) estimam que a prevalência da violência entre os jovens adultos se situará entre os 21,8% e os 55%. Sugarman e Hotaling (1991, cit. por Espinheira & Jóllyksin, 2009) estimam que cerca de 28% dos homens e mulheres, em algum momento das suas vidas, terão estado ou estarão inseridos numa relação de namoro que envolve actos de violência.

Em Portugal, um estudo constituído por uma amostra de 120 alunos de uma escola do Porto, conclui que existe uma grande prevalência de comportamentos agressivos no contexto escolar sendo que 44,7% dos participantes afirmam ter sofrido alguma forma de violência (Espinheira & Jóllyksin, 2009). Oliveira e Sani (2005) realizaram um estudo com 227 estudantes do Ensino Secundário, tendo observado que 52% dos sujeitos admitiram ter adoptado comportamentos violentos, pelo menos uma vez, para com o(a) parceiro(a) amoroso(a) e 42% admitiram ter sido vítimas de pelo menos um acto abusivo. O estudo também verificou que os rapazes faziam mais uso de actos violentos nos seus relacionamentos amorosos actuais, mas também surgiram como os mais vitimados, comparativamente com as

mulheres (Oliveira & Sani, 2005). Straus e Medeiros (2006, cit. por Nascimento, 2009), observaram que há uma maior simetria na violência entre namorados do que na violência conjugal, ou seja, a violência pode ser exercida tanto pelo homem quanto pela mulher. De acordo com os resultados deste estudo, os comportamentos abusivos e violentos ocorrem por parte dos homens e das mulheres, não existindo diferenças significativas, sendo exercida por ambos.

Um estudo realizado por Nascimento (2009) a um grupo de jovens de grupos populares e camadas médias com idades compreendidas entre os 18 e os 29 anos, observou que não existem diferenças significativas entre os homens e as mulheres, sendo que ambos exercem violência na relação. Caridade e Machado (2006) realizaram uma pesquisa com casais de namorados e casados, tendo sido observado que os casais de namorados não apresentaram diferenças significativas de género, enquanto nos casados essas diferenças emergiram, sendo a mulher claramente mais vitimizada.

As opiniões dentro da literatura são divergentes quanto à questão da existência ou não da simetria da violência nas relações entre namorados (Nascimento, 2009). No estudo, foi observado que tanto as raparigas como os rapazes têm comportamentos abusivos e violentos no relacionamento. Estes dados vão de encontro a outros estudos, que referem que tanto as raparigas como os rapazes podem ser vitimizados no contexto das suas relações amorosas (e.g., Kaura & Allen, 2004, cit. por Dixe et al., 2010). Deste modo, no que diz respeito à prevalência de comportamentos violentos nas relações íntimas dos jovens deste estudo e da investigação nacional e internacional, os dados são similares, comprovando que um número significativo de jovens adota condutas violentas nas suas relações de namoro.

Relativamente ao objectivo (2.2.) “*Verificar que tipo de violência (Violência Física, Violência Psicológica, Comportamento Ameaçador, Violência Emocional/Verbal, Violência Relacional) é mais perpetrado pelos jovens nas relações de namoro*”, foi verificado que o tipo de violência mais presente nas relações de namoro dos Jovens é a Violência Emocional/ Verbal (12,5%). O tipo de Violência que está menos presente nos relacionamentos dos jovens é a Violência Física (79,1%), seguida da Violência Relacional (70,8%) e da Violência Sexual (55,3%).

De acordo com o «Projecto IUNO II», desenvolvido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, em 2005/2006 com 578 estudantes do Ensino Secundário do Norte de Portugal (utilizando o Conflict in Adolescent Dating Relationship Inventory (CADRI)), verificou-se que a Violência Emocional/ Verbal apresenta uma prevalência maior (variando de 7,1% a 31,9%) (Caridade, 2008). Este estudo também verificou que no caso da Violência Emocional e Verbal, Violência Física e Comportamentos Ameaçadores, as raparigas referiram mais frequentemente terem sido agressoras e vítimas de algum acto de violência (Caridade,

2008). Um estudo realizado por Rodrigues (2007, cit. por Caridade, 2008) a 596 estudantes de cinco regiões distintas de Portugal, com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos, utilizando o Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory (CADRI) verificou que o tipo de violência menos perpetrado pelos jovens foi a Violência física, Violência Sexual e os Comportamentos Ameaçadores; e também foi constatado que os rapazes eram mais agressivos e mais agredidos. Um estudo realizado a 318 estudantes universitários portugueses, a partir do *Revised Conflict Tactics Scales*, verificou que, em termos da perpetração e da vitimação, a agressão psicológica foi a mais prevalente (53,8-50,8%), seguindo-se a coerção sexual (18,9-25,6%) e o abuso físico sem sequelas (16,7-15,4%) (Paiva & Figueiredo, 2004).

As formas de abuso “menores” foram mais comuns comparativamente às formas de violência severa. Aldrighi (2004, cit. por Dixe et al., 2010) refere que a violência psicológica e a coerção sexual são os tipos de violência mais prevalentes nas relações íntimas dos jovens, sendo que a coerção sexual é a menos visível. O estudo dos indicadores de vitimação e perpetração dos diferentes tipos de violência apresenta uma grande dispersão ao nível das taxas de prevalência, apesar disso, a agressão psicológica é aquela que regista índices de prevalência mais elevados, quer ao nível da vitimação, quer ao nível da perpetração (Caridade, 2008).

Segundo Caridade (2008), a vitimação psicológica entre os estudantes do ensino secundário varia entre os 49%, (James, West, Deters, & Armijo, 2000) e os 96% (Jezl, Molidor, & Wright, 1996); e a perpetração desta forma de abuso situa-se entre os 50,4% (James et al., 2000) e os 90% (Muñoz-Rivas, Graña, O’Leary, & Lozano 2007). Caridade (2008) refere que, as taxas de prevalência encontradas pela grande maioria dos estudos que estimaram a perpetração da violência física nos adolescentes situam-se entre os 7.8% (Ramissetty et al., 2006) e os 40% (Jezl et al., 1996); e em relação à perpetração, verificou-se um mínimo de 25.6% (James et al., 2000) e um máximo de 40% (Muñoz-Rivas et al., 2007). Os padrões de vitimação e perpetração da violência sexual em geral registam índices de prevalência relativamente inferiores às duas outras formas de abuso, sendo que Caridade (2008) refere que os estudos estimam que os indicadores de vitimação deste tipo de violência poderão situar-se entre os 8.9% (Basile et al., 2006) e os 63% (Colli-Vézina et al., 2006). Estes dados vão de encontro com o nosso estudo, sendo que o tipo de violência mais presente na nossa amostra é um abuso “menor” (Violência Emocional/ Verbal).

O uso de violência revelou-se uma realidade comum aos dois elementos da relação e não um comportamento típico de um determinado elemento (Paiva & Figueiredo, 2004). Segundo Matos (2006), ao nível da violência envolvida, há autores que apresentam alguns padrões diferenciadores e até mesmo contraditórios entre si, sendo que alguns referem que o

tipo de violência mais comum no namoro são os actos "menos graves" (e.g., como empurrar e esbofetear) (e.g., Gelles, 1997); e outros autores referem que a violação e outras formas de abuso sexual são mais comuns e/ou mais relatados pelos jovens envolvidos em relações de namoro do que noutro tipo de relacionamentos (e.g., Berry, 2000; Michael, 1994).

Em Portugal, foi realizado um estudo com 7511 adolescentes de Escolas Públicas, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, com o objectivo de estimar a prevalência de envolvimento dos jovens na violência física, sexual e emocional (Sousa, Correia, Ramos, Fraga & Barros, 2010). O estudo conclui que o tipo de violência mais frequentemente relatada foi o abuso emocional (15,6%), seguido do abuso físico e do abuso sexual (op. Cit., 2010). Estes dados vão de encontro com os dados obtidos neste estudo. Assim, de acordo com os resultados obtidos neste estudo e com os estudos nacionais e internacionais já referidos, o tipo de violência mais perpetrada pelos jovens é a Violência Psicológica (Violência Emocional/Verbal), que apesar de ser considerada um tipo de "violência menor" (e.g., Caridade & Machado, 2006) é um comportamento abusivo e violento com maior predominância nas relações íntimas dos jovens em comparação com as outras formas de abuso íntimo. Contudo, estes dados são preocupantes, sendo que segundo Caridade (2008) refere que alguns estudos internacionais (White, Merrill & Koss, 2001) sugerem que a violência psicológica constitui um importante preditor da violência física, para além de poder resultar em consequências tão ou mais prejudiciais (e.g., Shwartz, Magee, Griffin, 2004 cit Cáceres & Cáceres, 2006).

O terceiro objectivo proposto foi (3) "*Verificar o tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas*", tendo sido observado que 29 sujeitos (5,8%) consideram que não têm estratégias de resolução de conflitos abusivas no seu relacionamento e 30 sujeitos (6,0%) consideram que o seu parceiro não tem estratégias de resolução de conflitos abusivas no relacionamento. Destaca-se ainda que, 87,1% dos sujeitos considera que não cometem ou cometem raramente estratégias de resolução de conflitos abusivas para com o seu parceiro(a), e 85,3% dos sujeitos considera que não são alvos ou são alvos raramente de comportamentos abusivos por parte do parceiro(a). Para as estratégias de resolução de conflitos positivas observou-se que 6,2% dos sujeitos acham que tem comportamentos positivos raramente nas suas relações de namoro, e 7,8% dos sujeitos acham que o seu parceiro(a) tem comportamentos positivos raramente. Também foi verificado que 162 sujeitos (32,2%) consideram que têm comportamentos positivos frequentemente e 310 (61,6%) sujeitos consideram que têm comportamentos positivos às vezes nas suas relações íntimas. Para as estratégias de resolução de conflitos positivas por parte dos parceiros observou-se que 123 sujeitos (24,5%) acham que o seu parceiro(a) tem comportamentos

positivos frequentemente e que 341 sujeitos (67,8%) consideram que o seu parceiro(a) tem comportamentos positivos às vezes nas suas relações de namoro.

Relativamente ao objectivo (3.1.) “*Verificar as diferenças de género no tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizados no contexto relacional, pelo próprio e pelo parceiro(a), se são positivas ou abusivas*”, foi observado que há diferenças significativas nas raparigas e nos rapazes relativamente ao “ter estratégias de resolução de conflitos abusivas do próprio”, sendo que as raparigas reportam ter mais comportamentos abusivos para com os seus parceiros do que os rapazes. Para as Estratégias de Resolução de conflitos Positivas observou-se que existem diferenças significativas entre os rapazes e as raparigas, sendo que os comportamentos positivos do próprio e do parceiro(a) diferem em termos de género, sendo que apenas 2,3% dos rapazes reportam não ter e que a sua parceira não tem estratégias de resolução de conflitos positivos. O facto de no nosso estudo se ter encontrado diferenças de género significativas no tipo de estratégias de resolução de conflitos utilizadas no contexto relacional é surpreendente.

De acordo com Caridade (2008), a maioria dos estudos sugere a ausência de diferenças de género quantitativas na agressão amorosa (e.g., Straus, 2004; Straus & Ramirez, 2007), contudo, outros autores encontraram diferenças de género (e.g., Avery-Leaf et al., 1997; Feiring et al., 2002; Follette & Lejeune, 1994; Follingstad et al., 1991; Gover, Kaukinen, & Fox, 2008; Luthra & Gidycz, 2006; Sears et al., 2007; Swahn et al., 2008). Segundo Caridade (2008), há investigadores (e.g., Feiring et al., 2002) que defendem que o género feminino tende mais facilmente a admitir a sua quota-parte de responsabilidade nos problemas relacionais, sendo que o género masculino tende mais a negar as suas dificuldades ao nível do relacionamento; ou que os elementos masculinos tendem a interpretar mais os seus actos como não sendo abusivos ou graves (e.g., Schiff & Zeira, 2004; Wekerle & Wolfe, 1999).

O quarto objectivo proposto foi (4) “*Comparar as atitudes e crenças acerca da violência nas relações de namoro junto da população juvenil, identificando o grau de tolerância/legitimação em relação a estes comportamentos de acordo com o género (Feminino e Masculino)*” sendo que só não foram encontradas diferenças significativas entre género na variável da Violência Física Masculina. Foi observado que, no geral, os rapazes legitimam mais os diferentes tipos/comportamentos de violência do que as raparigas, apresentando em todas as variáveis valores mais altos. O fenómeno da violência remete-nos para os conceitos de representação social, crenças e estereótipos, que estão presentes na vida social de cada sujeito (Barroso, 2007). Assim, a violência varia de acordo com as representações que cada sujeito elabora relativamente a este fenómeno (Porto, 2006, cit. por Machado, 2010) e orientam a conduta de cada sujeito (Assis et Al., 2004, cit. por Machado, 2010). Um estudo realizado por Machado (2010), a 522 estudantes de Escolas

Secundárias e Profissionais do distrito do Porto, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos, observou que as crenças e as atitudes dos jovens são valorizadas de forma diferente pelo sexo masculino e feminino, revelando que os rapazes, no geral, apresentam crenças mais erróneas relativamente ao fenómeno da violência. Caridade, Machado e Vaz (2007) referem que o género influencia as crenças. Truman, Tokar e Fisher (1996, cit. por Machado, 2010) observaram que existem diferenças significativas para o género no que diz respeito à legitimação da violência no contexto de namoro, sendo que os rapazes revelaram mais as crenças e atitudes de legitimação da violência. Um estudo desenvolvido por Jackson, Cram e Seymour (2002, cit. por Caridade, 2008) em que se procurou analisar a forma como os jovens percebiam os actos abusivos perpetrados no âmbito das suas relações amorosas, observou que os sujeitos masculinos tendiam a exprimir alguns sentimentos positivos face à violência, sendo que segundo os autores poderia ser pelo facto de os rapazes não experienciarem os episódios abusivos como tal ou porque tendem a legitimar e a tolerar mais este tipo de actos violentos.

Um estudo realizado em Portugal por Machado, Matos e Moreira (2003), com estudantes universitários, concluiu-o que os sujeitos apresentavam um baixo nível de concordância com as crenças legitimadoras da violência, contudo os estudantes masculinos revelaram percepções mais tolerantes acerca da violência. De acordo com a revisão de literatura de Caridade (2008), as atitudes e crenças de legitimação da violência, incluindo das formas mais severas de abuso (e.g., violência sexual) são claramente mais evidentes entre os participantes masculinos do que entre os femininos. Deste modo, no que concerne à relação entre as atitudes/crenças e o género, os dados sugerem uma maior legitimação da violência por parte do género masculino, sendo que de acordo com Caridade (2008) estes dados vão de encontro a estudos nacionais (e.g., Fernandes, 2006; Matos et al., 2006) e internacionais (e.g., Bookwala et al., 1992; Price et al., 1999). Segundo Caridade (2008), alguns autores (e.g., Bookwala et al., 1992; Byers et al., 2000) defendem que esta tendência poderá resultar de uma interpretação menos séria dos actos violentos e abusivos por parte dos homens.

O quinto objectivo proposto foi (5) “*Analisar a relação entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações de intimidade juvenil*” sendo que foi observado que, no geral, quanto mais os jovens legitimam a atitude/crença dos diferentes tipos de violência, maior a prevalência desse tipo de comportamentos violentos por parte do próprio e do seu parceiro(a). Também foi observado que, em muitos tipos de violência existe algum tipo de legitimação mas depois não se observam comportamentos violentos no relacionamento, nem pelo próprio nem pelo parceiro(a) (e.g., Violência Física Masculina e Violência Física Feminina). Deste modo,

podemos observar que existe uma relação entre as atitudes e crenças dos jovens face à violência e a prevalência de comportamentos violentos nas relações íntimas destes.

De acordo com diversos autores, as crenças sociais assumem particular pertinência e influência durante a adolescência pois é um período onde os rapazes e as raparigas experimentam na prática e fortificam as suas expectativas de género, que se encontram “enraizadas” por crenças tradicionais podendo potenciar a violência nas relações íntimas dos jovens (Schwartz & Dekeseredy, 1997, cit. por Machado, 2010).

A forma como cada pessoa compreende os acontecimentos violentos vai depender da maneira como ela percebe a realidade circundante, permitindo compreender as suas experiências pessoais, sociais e culturais onde se insere e está inserido (Sani, 2002, cit. por Machado, 2010). Segundo Machado (2010), outros estudos revelaram que os jovens que acreditam que o uso da violência é aceitável como meio de resolução de conflitos, tendem a agir de modo mais agressivo e violento.

Byers e Eno (1991, cit. por Caridade, 2008) comprovaram que os homens que sustentam visões tradicionais acerca dos papéis das mulheres têm mais tendência a adoptar comportamentos agressivos para com as suas parceiras amorosas ou esposas, sendo que recorrem mais ao uso da agressão na sua intimidade. O’Keefe (1998, cit. por Machado, 2010) refere a importância de analisar as crenças pessoais da violência pois estas são uma variável determinante no processo de compreensão da Violência nos relacionamentos íntimos. Jonhson, Frattanoli, Campbell, Wright, Pearson-Fields e Cheng (2005, cit. por Machado, 2010), observaram que quer os rapazes, quer as raparigas revelam sérias dificuldades em distinguir actos violentos de algum tipo de brincadeiras amorosas.

Diversos estudos internacionais documentam a relação existente entre as atitudes e crenças sobre a violência e os comportamentos violentos dos indivíduos nos seus relacionamentos íntimos (Kantor & Straus, 1987; Russell & Hulson, 1992; Stith & Farley, 1993; Kane, Staiger & Ricciardelli, 2000, cit. por Matos, 2006). O mesmo também é verificado na violência entre cônjuges, sendo que as crenças e atitudes desenvolvidas têm um papel marcante no desenvolvimento da mesma (Nascimento, 2009). Caridade (2008) refere que estudos mais recentes (e.g., Schumacher & Slep, 2004) comprovam a existência de uma relação, significativa ainda que moderada, entre as atitudes e os comportamentos violentos nas relações íntimas, em que, quer os adolescentes quer os adultos que tendem a legitimar o abuso na intimidade, relatam ter perpetrado mais actos violentos nas suas relações amorosas.

O nosso estudo verificou uma relação significativa entre os comportamentos e as atitudes dos jovens, sendo que esta relação tem sido verificada por outros estudos (Cano et al., 1998; O’Keefe, 1997; Riggs & O’Leary, 1996, cit. por Caridade, 2008). Segundo Carlson (1999,

cit. por Caridade, 2008), as atitudes e/ou crenças que tendem a justificar o comportamento violento são, em boa parte, responsáveis pela permanência da relação violenta no tempo.

De acordo com o estudo de Caridade (2008), as atitudes são importantes preditores de comportamentos violentos nas relações amorosas, sendo que estes resultados também foram verificados na investigação internacional (e.g., Avery-Leaf, Cascardi, & O'Leary, 1998; Byers & Eno, 1991; O'Keefe, 1997; Riggs & O'Leary, 1996; Slep et al., 2001). De acordo com Tontodonato e Crew (1992, cit. por Caridade, 2008), os jovens que concordam com o uso de algum tipo de violência na resolução dos conflitos tendem três vezes mais probabilidade de recorrer a comportamentos abusivos ou violentos para com o seu parceiro(a).

O sexto objectivo proposto foi (6) “*Verificar a relação entre o consumo de Drogas e Alcool e a prevalência dos comportamentos violentos nas relações íntimas dos jovens*” tendo sido observado que os sujeitos que consomem álcool e drogas reportam comportamentos mais violentos do que quem nunca tenha consumido. Segundo Machado (2010), entre os vários factores de risco que poderão predispor ao envolvimento de comportamentos violentos destaca-se o consumo de álcool e/ou drogas. De acordo com um estudo realizado por Serge e os seus colaboradores (1999), constatou-se que o comportamento violento nos jovens é mais comum nos rapazes que consomem álcool, tabaco e drogas (cit. por Machado, 2010). Diversos autores referem que o consumo de álcool e drogas é considerado um factor de risco que determina a violência, sendo que o abuso destas substâncias propicia um comportamento mais violento e, conseqüentemente, contribui para a violência na relação (Caridade & Machado, 2006; Matos, 2006; Matos et al., 2006; Nascimento, 2009; Sousa et al., 2010).

O sétimo e último objectivo foi (7) “*Verificar a prevalência de vítimas de Violência no namoro, e a prevalência do conhecimento de vítimas de violência no namoro entre o grupo de pares dos jovens*” tendo sido observado que 5,8% sujeitos da nossa amostra já foram ou são vítimas de violência no namoro, sendo que o género feminino relata mais casos de violência no namoro (86,11%). Também foi verificado que 19% da nossa amostra relatam conhecer alguém no seu grupo de pares que já tenha sido vítima de um namoro violento. Um estudo realizado em Portugal a 240 estudantes do Ensino Superior verificou que 9,1% (21) dos inquiridos foram vítimas de violência no namoro, sendo que 1,3% (3) foram rapazes e 7,9% (18) raparigas (Dixe et al., 2010). Segundo Berry (2000, cit. por Matos, 2006), os estudos internacionais de prevalência reforçam a ideia de que se trata de um problema comum.

VII. CONCLUSÃO

Os resultados obtidos neste estudo são concordantes com outros estudos, sendo que foi observado que na nossa amostra existe uma elevada percentagem de comportamentos abusivos e violentos nas relações íntimas por parte da díade. Foram verificadas diferenças de género, sendo que os rapazes reportam ter relações mais saudáveis e menos violentas que as raparigas. O tipo de violência mais presente no namoro é a Violência Emocional/Verbal, e o tipo de violência menos presente é a Violência Física. A maior parte dos sujeitos refere a existência de estratégias de resolução de conflitos positivas quando ocorre uma discussão; e as raparigas revelaram ter comportamentos abusivos mais frequentes do que os seus parceiros. Também foi verificado que quanto mais os rapazes legitimam os diferentes tipos de violência, mais atitudes e crenças existem, existindo uma relação entre as atitudes e as crenças dos jovens e a prevalência desse comportamento na relação. De acordo com os resultados, também foi verificado que os inquiridos que consomem álcool ou drogas reportam comportamentos mais violentos do que quem nunca tenha consumido. E para finalizar, observou-se que 5,8% da nossa amostra já foi vítima de violência no namoro, sendo que o género feminino apresenta mais casos; e que 19% dos inquiridos conhece vítimas de violência no namoro no seu grupo de pares. Estes dados, como verificado anteriormente, vão de encontro com os resultados obtidos em outras investigações.

Assim, este estudo contribui para uma melhor compreensão do fenómeno violência, tendo sido efectuado a jovens estudantes do Ensino Secundário, podendo ser útil na criação de projectos de prevenção deste . A presença deste fenómeno entre as novas gerações deve merecer uma maior atenção, até porque estamos hoje conscientes de que a violência nas relações amorosas juvenis é considerada um importante preditor da violência conjugal.

Contribuições e Limitações do estudo

A realização deste estudo permitiu corroborar as evidências observadas em estudos sobre a violência no namoro internacionais e nacionais, sendo que permitiu clarificar que a violência nas relações íntimas dos jovens portugueses é um problema social preocupante, não se verificando apenas nas relações maritais. O nosso estudo, foi realizado com uma amostra ampla, com jovens estudantes do Ensino Secundário, o que contraria a tendência nacional para a realização de diversos estudos neste domínio centrados no Ensino Universitário.

Para além dos contributos, é importante referir algumas limitações que este estudo teve. A primeira limitação prende-se com as questões metodológicas, sendo que embora a dimensão da amostra ter sido razoável e representativa quanto ao género, a amostra foi obtida utilizando uma amostragem por conveniência. A maior parte dos estudos realizados nesta área utilizam este tipo de amostragem, sendo que pode ser limitativa, não permitindo extrair generalizações para toda a população juvenil portuguesa. A amostra do nosso estudo é diversificada, sendo que integra jovens de diferentes anos formativos, apesar disso existe um grande desfasamento amostral relativamente aos diferentes contextos e às zonas de Lisboa onde esta amostra foi recolhida, sendo que as ambas as escolas dos participantes situam-se no centro de Lisboa. O estudo é meramente quantitativo, com recurso a dois questionários e um questionário sociodemográfico. Este tipo de estudo não permite compreender algumas questões que estão relacionadas com o contexto em que os comportamentos violentos e abusivos ocorrem, não conseguimos obter os motivos que lhes são atribuídos, o significado que esses comportamentos têm para os jovens, o tipo de conflito relativamente ao qual são usadas estratégias de resolução de conflitos. Deste modo, o estudo poderia ter beneficiado se existisse uma recolha de informação mais qualitativa.

A idade dos participantes também pode ser considerada uma das limitações do nosso estudo, sendo que a amostra poderia ter sido bastante maior, se não fosse necessária a autorização do Encarregado de Educação.

Outra limitação assenta nos instrumentos utilizados não estarem imunes à desejabilidade social ou às diferentes interpretações dos comportamentos descritos consoante o género dos participantes. O facto de a aplicação dos instrumentos ter sido realizada em contexto de grupo tendo em conta os efeitos da desejabilidade social e da pressão exercida pelos pares.

Uma outra limitação a ser apontada é a extensão dos instrumentos utilizados, sendo que ambos os questionários têm um elevado número de itens, o que, para as faixas etárias onde foi aplicado pode ser problemático, podendo existir problemas como a fadiga dos participantes.

Futuras Investigações

Os dois instrumentos utilizados neste estudo não permitem identificar se o conflito teve lugar numa relação com alguém do mesmo sexo ou do sexo oposto, sendo que um futuro estudo poderia observar os comportamentos abusivos nos relacionamentos homossexuais, tentando observar e analisar as atitudes e crenças dos jovens face à violência nos relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo género.

Para além disso, sugere-se que futuros estudos alarguem a investigação para faixas etárias mais jovens, assim como em diferentes zonas do país, de modo a observar a prevalência e as atitudes dos jovens face a esta problemática da violência no namoro.

Propõe-se para futuras investigações, a utilização de métodos quantitativos e qualitativos de forma a compreender e abordar algumas questões que estão relacionadas com o contexto em que os comportamentos violentos e abusivos ocorrem, obter os motivos que lhes são atribuídos, o significado que esses comportamentos têm para os jovens e o tipo de conflito relativamente ao qual são usadas estratégias de resolução de conflitos.

VIII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aldrighi, T., (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo- Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6 (1), 105– 120
- Almeida, L. S., Simões, M. R., Machado, C. & Gonçalves, M. (coordenação) (2004). *Avaliação Psicológica – instrumentos validados para a população portuguesa*. Quarteto, pp. 127-140
- Almeida, L. S., Simões, M. R., Machado, C. & Gonçalves, M. (coordenação) (2008). *Avaliação Psicológica – instrumentos validados para a população portuguesa*. Quarteto, pp. 135-149
- Barreiros, S. F. (2009). Diferenças de género nas percepções dos jovens acerca do uso da violência no namoro. (*Dissertação de Mestrado em Psicologia*). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Barroso, Z. (2007). *Violência nas relações amorosas: uma análise sociológica dos casos detectados nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e do Porto*. Lisboa: Edições Colibri.
- Berry, B. D. (2000). *The domestic violence sourcebook: Everything you need to know*. Los Angeles: Lowel House.
- Caridade, S. (2008) *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens (Tese de doutoramento em psicologia)*. Universidade do Minho. Instituto de educação e psicologia
- Caridade, S. & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, no.1 (XXIV), 485-493
- Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência Sexual no Namoro: Relevância da Prevenção. *Psicologia*, Vol. XXII (1), 77-104.
- Caridade, S., Machado, C. & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. *Psychologica*, 46, 197-214.
- Carmo, H., & Ferreira M. M. (1998). *Metodologia da Investigação – Guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta
- Dias, I. (2004). *Violência na Família – Uma abordagem sociológica*. Porto: Edições Afrontamento.

- Dias, A. R. C., & Machado, C. (2008) Género e violência conjugal – uma relação cultural. *Análise psicológica* V.26 n.4 Lisboa
- Dixe, M. A., Rodrigues, A. L., Freire, C., Rodrigues, G., Fernandes, M., & Dias, T. (2010). A violência de género na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamentos de violência. Recuperado a 27 de Outubro, 2012, do <http://hdl.handle.net/10400.8/334>
- Duarte, A. P., & Lima, M. L. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Espinheira, F., & Jólúksin, G. (2009). Violência e Bullying na escola: um estudo exploratório no 5º ano de escolaridade. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa. ISSN 1646-0502. 6, 106-115. Recuperado em 6 de Novembro, 2012, do http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1319/1/106-115_%20FCHS06-14.pdf (O QUE É A ITALICO?)
- Fischer, J., & Corcoran, K. (2007). *Measures for Clinical Practice and Research: A sourcebook, Volume 1: Couples, Families and Children*. New York, NY, E.E. U.U.: Oxford University Press.
- Fortin, M. F. (1999). *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures, Lusociência.
- Gelles, R. J. (1997). *Intimate Violence in Families*. Thousand Oaks: Sage. Recuperado em 28 de Outubro, 2012, do http://books.google.pt/books?id=0iInxNf0B4UC&pg=PA132&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false
- Gonçalves, R. A., & Machado, C. (coordenação) (2005). A avaliação de ofensores violentos e perigosos: o caso dos agressores conjugais. *Psicologia Clínica e Psiquiatria. Psicologia Forense*. Quarteto, 117-127
- Guimarães, S. P. & Campos, P. (2007). Norma Social Violenta: Um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(2), 188-196.
- Hamby, S. (1998). Partner violence. Preventiv and intervention. In J. Jasinky & L. Williams (eds.), *Partner violence – A comprehensive review of 20 years reaserch*. Thousand Oaks: Sage, pp. 211-260
- Jackson, S.M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of literature. In *aggression and violente behavior*, 4 (2), 233-247

- Jouriles, E. N., McDonald, R., Garrido, E., Rosenfield, D., & Brown, A. S. (2005). Assessing Aggression in Adolescent Romantic Relationships: Can We Do It Better?. *Psychological Assessment, 17* (4), 469–475.
- Kaura, S. A., & Lohman, B. J.,(2007). Dating Violence Victimization, Relationship Satisfaction, Mental Health Problems, and Acceptability of Violence: A Comparison of Men and Women. *J Fam Viol, 22*, 367- 381.
- Lewis, M. M. (2010). Parental Conflict, Anger Control, and Dating Violence Perpetration Outcomes (Thesis *Degree Master of Arts in Psychology*). Faculty of San Diego State University. San Diego State University.
- Machado, C.; Caridade, S.; & Martins, C. (2010). Violence in Juvenile Dating Relationships Self-Reported Prevalence and Attitudes in a Portuguese Sample. *J Fam Viol, 25*, 43-52.
- Machado, C.; Gonçalves, M. M; Almeida, L. S; & Simões, M. R. (2011). *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica*. Ed. 1. Coimbra: Almedina
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica, 33*, 69-83.
- Machado, L. M. (2010). Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal. (*Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde e Intervenção Comunitária*). Universidade Fernando Pessoa do Porto. Escola de Estudos Pós-Graduados e de Investigação.
- Matos, A. (2006). *Televisão e Violência – (para) Novas Formas de Olhar*. Lisboa: Edições Almedina.
- Matos, M. (2002). Violência conjugal. In C. Machado, & R. A. Gonçalves (Coords.), *Violência e vítimas de crimes. Vol I: Adultos* (pp.81-130). Coimbra: Quarteto.
- Matos, M. (2006). Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Minho.
- Matos, M. G., Gonçalves, A. & Gaspar, T. (2005). *Aventura Social e risco, prevenção do VIH numa comunidade migrante*. Lisboa: CMDT/Edições IHMT.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: Teoria e Prática, 8*(1), 55-75.

- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C. & Gaspar, T. (2009). *Violência, Bullying e Delinquência* (1ªed). Lisboa: Coisas de Ler Edições.
- May, C. W. (2002). In the name of love: violence and aggression in courtship among young adults in Hong Kong. Recuperado em 30 de Outubro, 2012, do <http://hub.hku.hk/bitstream/10722/30747/1/FullText.pdf?accept=1>
- Miller, L. M. (2011). Physical Abuse in a College Setting: A Study of Perceptions and Participation in Abusive Dating Relationships. *J Fam Viol*, 26, 71-80.
- Nascimento, F. S. (2009). Namoro e violência: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias (*Dissertação de Mestrado em Psicologia*). Universidade Federal de Pernambuco.
- Nascimento, F. S. & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 516-525.
- Offenhauer, P. (2011). Teen Dating Violence: A Literature Review and Annotated Bibliography. Recuperado em 29 de Outubro, 2012, do <https://www.ncjrs.gov/pdffiles1/nij/grants/235368.pdf>
- O'Keefe, M. (2005). Teen Dating Violence: A review of Risk Factors and Prevention Efforts. Recuperado em 2 de Novembro, 2012, do http://www.unajauladeoro.com/cd/documentos/AR_TeenDatingViolence.pdf
- Oliveira, A. & Manita, C. (2003). Prostituição, violência e vitimação. *In*: Machado, C. & Gonçalves, R.A. (Coord.). *Violência e Vítimas de Crime*, vol.1 – Adultos. (pp. 213-239). Coimbra: Quarteto Editora.
- Oliveira, M.S., & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas", Trabalho apresentado em Oliveira, M. S. & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coords.), *In Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Investigação em Educação, Braga.
- Paiva, C. & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4(2), 165-184.

- Renzetti, C. M. (1993). Violence in lesbian relationships. In M. Hansen & M. Harway (Eds). *Battering and family therapy: A feminist perspective* (pp. 188-199). Thousands Oaks: Sage.
- Ribeiro, M. C. O. & Sani A.I. (2008) Crenças de adolescentes sobre a violência interpessoal Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Sá, A. (1999). Algumas Questões Polémicas Relativas à Psicologia da Violência. *Psicologia: Teoria e Prática*, 1(2), 53-63.
- Silva, P. V. B., Lopes, J. E. & Carvalho, A. (2008). *Por uma escola que proteja. A educação e o enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes*. Paraná: Editora UEPG.
- Sousa, S., Correia, T., Ramos, E., Fraga, S. & Barros, H. (2010). Violence in adolescents: social and behavioural factors. *Gac Sanit* 24 (1), 47-52. Recuperado em 4 de Novembro, 2012, do <http://www.scielosp.org/pdf/gs/v24n1/original7.pdf>

IX. ANEXOS

Anexo I – Questionário Sociodemográfico

Os questionários que se seguem estão integrados num estudo no âmbito da Dissertação de Mestrado de Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA - Instituto Universitário). O título da investigação é “A Violência no Namoro – Estudo Exploratório”.

É pedido que responda com o máximo de sinceridade e de acordo com a sua opinião, não existindo respostas certas, nem erradas. Os dados fornecidos serão confidenciais.

Agradeço desde já a sua participação que é determinante para o sucesso deste estudo.

Questionário Sociodemográfico

Assinale com uma **X** (cruz) a resposta que for adequada ao seu caso (ou complete-a, se for caso disso), em relação às seguintes questões:

1. Idade: _____ anos
2. Género: Feminino Masculino
3. Ano que estás a frequentar: _____º ano

Questões sobre o estilo de vida:

1. Fumas?
Sim. Não.
Se sim, há quanto tempo? _____
2. Ingeres bebidas alcoólicas?
Sim.
Não.
Se sim com que frequência: _____.
3. Já consumiste drogas?
Sim.
Não.
Se sim, quais: _____.
4. Já estiveste envolvido em algum comportamento de risco (por exemplo, ter relações sexuais sem métodos contraceptivos; ter relações sexuais com diferentes parceiros, etc.).
Sim.
Não.
5. Já foste vítima de violência no namoro (violência psicológica/física)?
Sim.
Não.
Se sim, o relacionamento durou quanto tempo? _____.
6. Tens conhecimento de alguma situação de violência no namoro no teu grupo de pares?
Sim.
Não.

Anexo II - CADRI

Inventário de Conflitos nos Relacionamentos de Namoro Adolescentes (CADRI)

(Autores: Wolfe, Scott, Straatman, Grasley, & Reitzel-Jaffe, 2001; Adaptação

Portuguesa: R. Saavedra, C. Machado, C. Martins, & D. Vieira, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

PARTE I

A) ASSINALA COM UMA CRUZ (X) A OPÇÃO QUE MELHOR SE APLICA À TUA SITUAÇÃO.

- Namoro ou já namorei
- Nunca namorei (**Se escolheste esta opção não precisas responder a este questionário**)
- Saio ou saí com alguém apesar de não existir um compromisso de namoro (**Se escolheste esta opção, não precisas responder a este questionário**)

B) SE JÁ ESTIVESTE ENVOLVIDO NUMA RELAÇÃO DE NAMORO, POR FAVOR, RESPONDE À SEGUINTE QUESTÃO:

Com que idade começaste a namorar? _____

C) NAS PÁGINAS QUE SE SEGUEM SÃO FEITAS ALGUMAS QUESTÕES SOBRE OS TEUS RELACIONAMENTOS ACTUAIS OU SOBRE RELAÇÕES QUE TENHAS TIDO. POR FAVOR ASSINALA A PESSOA EM QUE ESTÁS A PENSAR QUANDO RESPONDES A ESTAS QUESTÕES:

- Estou a pensar na pessoa que é o meu (minha) namorado(a) actualmente.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) do último ano.
- Estou a pensar num(a) ex-namorado(a) há mais de um ano.

PARTE II

As perguntas que se seguem questionam-te acerca de coisas que poderão ter acontecido contigo e com o teu namorado ou namorada durante uma discussão. Assinala o quadrado que melhor identifica o número de vezes que essas coisas aconteceram com o teu /tua actual ou ex-namorado(a), no último ano. Por favor, lembra-te que todas as respostas são confidenciais. Como guia de resposta, utiliza a seguinte escala:

Nunca: isto nunca aconteceu no teu relacionamento **Raramente:** isto aconteceu apenas 1-2 vezes no teu relacionamento **Às vezes:** isto aconteceu cerca de 3-5 vezes no teu relacionamento **Frequentemente:** isto aconteceu mais do que 6 vezes no teu relacionamento

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
1. Eu apresentei os meus motivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1.1 Ele(a) apresentou os motivos dele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Eu toquei-o(a), sexualmente, contra a vontade dele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.1 Ele(a) tocou-me, sexualmente, contra a minha vontade.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Eu tentei pôr os amigos dele(a) contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.1. Ele(a) tentou pôr os meus amigos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Eu fiz alguma coisa para lhe provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.1. Ele(a) fez alguma coisa para me provocar ciúmes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Eu destruí ou ameacei destruir alguma coisa de que ele(a) gostava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5.1. Ele(a) destruiu ou ameaçou destruir alguma coisa de que eu gostava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Eu admiti que tinha alguma culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6.1. Ele(a) admitiu que tinha alguma culpa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Eu lembrei uma coisa má que ele(a) tinha feito no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7.1. Ele(a) lembrou uma coisa má que eu tinha feito no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Eu atirei-lhe alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.1. Ele(a) atirou-me alguma coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Eu disse coisas só para o(a) deixar furioso(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.1. Ele(a) disse coisas só para me deixar furiosa(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Eu dei razões para achar que ele(a) estava errado(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10.1. Ele(a) deu razões para achar que eu estava errada(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):

	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
11. Eu concordei que ele(a) estava, em parte, certo(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11.1. Ele(a) concordou que eu estava, em parte, certa(o).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Eu falei com ele(a) num tom de voz agressivo e mau.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12.1. Ele(a) falou comigo num tom de voz agressivo e mau.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Eu forcei-o(a) a ter relações sexuais comigo quando ele(a) não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13.1 Ele(a) forçou-me a ter relações sexuais com ele(a) quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Eu apresentei uma solução que achei boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14.1 Ele(a) apresentou uma solução que achou boa para os dois.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Eu ameacei-o(a), para tentar ter relações sexuais com ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15.1 Ele(a) ameaçou-me, para tentar ter relações sexuais comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Eu deixei de falar até ele(a) se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16.1 Ele(a) deixou de falar até eu me acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Eu insultei-o(a) com coisas humilhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17.1 Ele(a) insultou-me com coisas humilhantes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Eu discuti o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.1 Ele(a) discutiu o assunto calmamente.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Eu beijei-o(a) quando ele(a) não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19.1 Ele(a) beijou-me quando eu não queria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Eu contei coisas aos amigos dele(a) para os pôr contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20.1 Ele(a) contou coisas aos meus amigos para os pôr contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Eu gozei-o(a) ou fiz pouco dele(a) em frente de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21.1 Ele(a) gozou-me ou fez pouco de mim em frente de outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Eu disse-lhe o quanto aborrecida(o) estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22.1 Ele(a) disse-me o quanto aborrecido(a) estava.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Eu controlo com quem ele(a) está e onde está.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23.1 Ele(a) controla com quem eu estou e onde estou.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Eu culpei-o(a) pelo problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24.1 Ele(a) culpou-me pelo problema.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Eu dei-lhe pontapés, bati-lhe ou dei-lhe murros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25.1 Ele(a) deu-me pontapés, bateu-me ou deu-me murros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Eu abandonei a sala para me acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26.1 Ele(a) abandonou a sala para se acalmar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Eu desisti só para evitar um conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27.1 Ele(a) desistiu só para evitar um conflito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

DURANTE UMA DISCUSSÃO OU UM CONFLITO COM O MEU(MINHA) NAMORADO(A):

	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	FREQUENTEMENTE
28. Eu acusei-o(a) de se meter com outras(os) raparigas/rapazes.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28.1 Ele(a) acusou-me de me meter com outros(as) rapazes/raparigas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Eu tentei assustá-lo(a) de propósito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29.1 Ele(a) tentou assustar-me de propósito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Eu dei-lhe uma bofetada ou puxei-lhe o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30.1 Ele(a) deu-me uma bofetada ou puxou-me o cabelo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Eu ameacei magoá-lo(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31.1 Ele(a) ameaçou magoar-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Eu ameacei terminar o namoro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32.1 Ele(a) ameaçou terminar o namoro.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Eu ameacei bater-lhe ou atirar-lhe com qualquer coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33.1 Ele(a) ameaçou bater-me ou atirar-me com qualquer coisa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Eu empurrei-o(a), dei-lhe encontrões ou abanei-o(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34.1 Ele(a) empurrou-me, deu-me encontrões ou abanou-me.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Eu espalhei boatos contra ele(a).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35.1 Ele(a) espalhou boatos contra mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo III – EAVN

Escala de atitudes acerca da violência no namoro (E.A.V.N.)

(Autores: Price, Byers, & *The Dating Violence Research Team*, 1999;

Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente

Discordo

Não concordo nem discordo

Concordo

Concordo totalmente

Parte A

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Um rapaz não deve insultar a namorada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte B

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte C

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte D

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte E

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
10. Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>

Parte F

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Uma rapariga só deve tocar no namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Catarina Morgado Cristóvão, finalista do Mestrado Integrado em Psicologia do ISPA- Instituto Universitário, estou a desenvolver um estudo no âmbito da Dissertação de Mestrado de Psicologia Clínica orientado por Professor Dr. Joaquim Eduardo Nunes Sá. O título da investigação é “A violência no Namoro – Estudo Exploratório”, tendo como objectivo a avaliação da prevalência e dos papéis adoptados na relação do uso da violência para perceber as diferenças de sexo na vivência da violência nas relações de namoro.

Tendo em conta o que referido anteriormente, venho por este meio solicitar a participação do _____ para que a recolha de dados possa ser feita. A participação na pesquisa é absolutamente voluntária, sendo que qualquer participante pode decidir não participar da mesma.

É garantido a todos os participantes absoluto sigilo quanto às suas identidades, havendo confidencialidade dos dados. Assim como não será feita, posteriormente, qualquer referência às escolas onde a recolha de dados foi realizada.

Muito provavelmente os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados em futuras publicações científicas, ficando garantido, também nesses casos, o mais absoluto sigilo quanto à identidade dos participantes e das respectivas escolas envolvidas.

Os participantes podem pedir esclarecimentos à investigadora em qualquer momento da pesquisa, podendo inclusive pedir esclarecimentos em momentos posteriores à aplicação dos instrumentos, sendo disponibilizado um endereço para contacto.

Tendo _____ ciência _____ disso, eu, _____, dou meu consentimento livre e esclarecido à participação na presente pesquisa e autorizo o tratamento e publicação dos dados obtidos em futuras publicações científicas.

Lisboa, _____ de _____ de 2012.

Assinatura

Endereço para contacto:

Investigadora: Catarina Cristóvão

Correio electrónico: catarinacristovao@gmail.com

Anexo V – Carta de Consentimento Informado

Carta de consentimento informado

Foi solicitada a participação do meu (minha) filho(a) num estudo no âmbito da Dissertação de Mestrado de Psicologia Clínica orientado por Professor Dr. Joaquim Eduardo Nunes Sá. O título da investigação é “A violência no Namoro – Estudo Exploratório”, tendo como objectivo a avaliação da prevalência e dos papéis adoptados na relação, os antecedentes e as consequências do uso da violência para perceber as diferenças de sexo na vivência da violência nas relações de namoro. A responsável pelo estudo é a aluna Catarina Morgado Cristóvão, finalista do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica do Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Será pedido meu (minha) filho(a) que responda, com o máximo de sinceridade e de acordo com a sua opinião, não existindo respostas certas, nem erradas. Compreendo que não existem riscos ou desconfortos, não existindo procedimentos alternativos disponíveis para este estudo. Estou ciente de que os resultados da investigação podem ser publicados, mas que o nome ou identificação meu (minha) filho(a) não serão revelados de modo a manter a confidencialidade dos dados. Fui informado de que não existem riscos ou inconvenientes monetários, físicos e psicológicos nesta colaboração. Igualmente, não haverá benefícios psicológicos, físicos e monetários. Quaisquer dúvidas em relação ao estudo ou à participação, antes ou depois do meu consentimento, serão respondidas pelo investigador responsável. Em caso de dúvidas sobre os direitos meu (minha) filho(a) como sujeito/ participante nesta investigação, ou se sentir que foi colocado em risco, posso contactar a investigadora pelo correio electrónico catarinacristovao@gmail.com.

Declaro que li todas as informações acima. Recebi explicações sobre a natureza, demanda, riscos e benefícios do projecto. Assumo, conscientemente, os riscos envolvidos e compreendo que posso retirar o meu consentimento e interromper a participação meu (minha) filho(a), a qualquer momento, sem penalidade ou perda de benefício. Ao assinar esta carta de consentimento, não estou desistindo de quaisquer reivindicações legais ou direitos.

Feito em duplicado e assinado em Lisboa, a 03-05-2012.

Assinatura do Encarregado de Educação do(a) Participante

Assinatura da Investigadora

Assinatura do Orientador

Anexo VI - Objectivo 1

Frequência de Respostas ao Questionário CADRI

Case Processing Summary						
	Cases					
	Valid		Missing		Total	
	N	Percent	N	Percent	N	Percent
Género * Ter_RCA	503	80,0%	126	20,0%	629	100,0%

Frequência Comportamentos Violentos

RCACADRI					
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
	0	21	3,3	4,2	4,2
	1	9	1,4	1,8	6,0
	2	19	3,0	3,8	9,7
	3	11	1,7	2,2	11,9
	4	20	3,2	4,0	15,9
	5	19	3,0	3,8	19,7
	6	25	4,0	5,0	24,7
	7	16	2,5	3,2	27,8
	8	28	4,5	5,6	33,4
	9	14	2,2	2,8	36,2
	10	18	2,9	3,6	39,8
	11	15	2,4	3,0	42,7
Valid	12	19	3,0	3,8	46,5
	13	17	2,7	3,4	49,9
	14	17	2,7	3,4	53,3
	15	23	3,7	4,6	57,9
	16	24	3,8	4,8	62,6
	17	11	1,7	2,2	64,8
	18	11	1,7	2,2	67,0
	19	10	1,6	2,0	69,0
	20	14	2,2	2,8	71,8
	21	16	2,5	3,2	75,0
	22	17	2,7	3,4	78,3
	23	11	1,7	2,2	80,5
	24	10	1,6	2,0	82,5

25	6	1,0	1,2	83,7
26	8	1,3	1,6	85,3
27	9	1,4	1,8	87,1
28	5	,8	1,0	88,1
29	5	,8	1,0	89,1
30	8	1,3	1,6	90,7
31	6	1,0	1,2	91,8
32	5	,8	1,0	92,8
33	1	,2	,2	93,0
34	4	,6	,8	93,8
35	6	1,0	1,2	95,0
36	4	,6	,8	95,8
37	4	,6	,8	96,6
38	1	,2	,2	96,8
39	2	,3	,4	97,2
40	5	,8	1,0	98,2
41	3	,5	,6	98,8
42	1	,2	,2	99,0
44	1	,2	,2	99,2
48	2	,3	,4	99,6
57	1	,2	,2	99,8
67	1	,2	,2	100,0
Total	503	80,0	100,0	
Missing System	126	20,0		
Total	629	100,0		

Frequência Comportamentos Violentos no gênero Masculino

RCACADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	12	4,4	5,6	5,6
1	4	1,5	1,9	7,4
2	11	4,0	5,1	12,5
3	3	1,1	1,4	13,9
4	7	2,6	3,2	17,1
5	9	3,3	4,2	21,3
6	10	3,7	4,6	25,9
7	7	2,6	3,2	29,2

8	11	4,0	5,1	34,3
9	8	2,9	3,7	38,0
10	9	3,3	4,2	42,1
11	8	2,9	3,7	45,8
12	8	2,9	3,7	49,5
13	6	2,2	2,8	52,3
14	7	2,6	3,2	55,6
15	11	4,0	5,1	60,6
16	11	4,0	5,1	65,7
17	8	2,9	3,7	69,4
18	5	1,8	2,3	71,8
19	2	,7	,9	72,7
20	7	2,6	3,2	75,9
21	4	1,5	1,9	77,8
22	9	3,3	4,2	81,9
23	6	2,2	2,8	84,7
24	6	2,2	2,8	87,5
25	1	,4	,5	88,0
26	1	,4	,5	88,4
27	4	1,5	1,9	90,3
29	2	,7	,9	91,2
30	2	,7	,9	92,1
31	2	,7	,9	93,1
32	2	,7	,9	94,0
33	1	,4	,5	94,4
34	1	,4	,5	94,9
35	3	1,1	1,4	96,3
36	3	1,1	1,4	97,7
37	1	,4	,5	98,1
39	1	,4	,5	98,6
41	2	,7	,9	99,5
67	1	,4	,5	100,0
Total	216	79,1	100,0	
Missing System	57	20,9		
Total	273	100,0		

Frequência Comportamentos Violentos no género Feminino

RCACADRI

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	9	2,5	3,1
	1	5	1,4	4,9
	2	8	2,2	7,7
	3	8	2,2	10,5
	4	13	3,7	15,0
	5	10	2,8	18,5
	6	15	4,2	23,7
	7	9	2,5	26,8
	8	17	4,8	32,8
	9	6	1,7	34,8
	10	9	2,5	38,0
	11	7	2,0	40,4
	12	11	3,1	44,3
	13	11	3,1	48,1
	14	10	2,8	51,6
	15	12	3,4	55,7
	16	13	3,7	60,3
Valid	17	3	,8	61,3
	18	6	1,7	63,4
	19	8	2,2	66,2
	20	7	2,0	68,6
	21	12	3,4	72,8
	22	8	2,2	75,6
	23	5	1,4	77,4
	24	4	1,1	78,7
	25	5	1,4	80,5
	26	7	2,0	82,9
	27	5	1,4	84,7
	28	5	1,4	86,4
	29	3	,8	87,5
	30	6	1,7	89,5
	31	4	1,1	90,9
	32	3	,8	92,0
	34	3	,8	93,0
	35	3	,8	94,1
	36	1	,3	94,4

37	3	,8	1,0	95,5
38	1	,3	,3	95,8
39	1	,3	,3	96,2
40	5	1,4	1,7	97,9
41	1	,3	,3	98,3
42	1	,3	,3	98,6
44	1	,3	,3	99,0
48	2	,6	,7	99,7
57	1	,3	,3	100,0
Total	287	80,6	100,0	
Missing System	69	19,4		
Total	356	100,0		

Ver se há diferenças significativas entre o género

Género * Ter_RCA Crosstabulation

Count		Ter_RCA		Total
		,00	1,00	
Género	Feminino	9	278	287
	Masculino	12	204	216
Total		21	482	503

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	1,804 ^a	1	,179		
Continuity Correction ^b	1,250	1	,264		
Likelihood Ratio	1,781	1	,182		
Fisher's Exact Test				,186	,132
Linear-by-Linear Association	1,800	1	,180		
N of Valid Cases	503				

a. 0 cells (0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 9,02.

b. Computed only for a 2x2 table

Anexo VII - Objectivo 2

Frequência de Comportamentos Violentos

Comportamento_violentos_CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	195	31,0	38,8	38,8
1	42	6,7	8,3	47,1
2	73	11,6	14,5	61,6
3	31	4,9	6,2	67,8
4	44	7,0	8,7	76,5
5	22	3,5	4,4	80,9
6	18	2,9	3,6	84,5
7	12	1,9	2,4	86,9
8	14	2,2	2,8	89,7
9	9	1,4	1,8	91,5
10	4	,6	,8	92,2
11	5	,8	1,0	93,2
12	6	1,0	1,2	94,4
13	6	1,0	1,2	95,6
Valid 14	4	,6	,8	96,4
15	1	,2	,2	96,6
16	2	,3	,4	97,0
17	2	,3	,4	97,4
19	2	,3	,4	97,8
21	2	,3	,4	98,2
23	1	,2	,2	98,4
24	1	,2	,2	98,6
25	1	,2	,2	98,8
26	1	,2	,2	99,0
27	2	,3	,4	99,4
29	1	,2	,2	99,6
30	1	,2	,2	99,8
35	1	,2	,2	100,0
Total	503	80,0	100,0	
Missing System	126	20,0		
Total	629	100,0		

Frequência de Comportamentos Violentos no género masculino

Comportamento_violentos_CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	85	31,1	39,4
	1	12	4,4	44,9
	2	36	13,2	61,6
	3	12	4,4	67,1
	4	19	7,0	75,9
	5	6	2,2	78,7
	6	11	4,0	83,8
	7	8	2,9	87,5
	8	9	3,3	91,7
Valid	9	3	1,1	93,1
	11	3	1,1	94,4
	12	2	,7	95,4
	13	2	,7	96,3
	14	3	1,1	97,7
	15	1	,4	98,1
	16	1	,4	98,6
	19	1	,4	99,1
	21	1	,4	99,5
	30	1	,4	100,0
	Total	216	79,1	100,0
Missing	System	57	20,9	
Total		273	100,0	

Frequência de Comportamentos Violentos no gênero Feminino

Comportamento_violentos_CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	110	30,9	38,3
	1	30	8,4	48,8
	2	37	10,4	61,7
	3	19	5,3	68,3
Valid	4	25	7,0	77,0
	5	16	4,5	82,6
	6	7	2,0	85,0
	7	4	1,1	86,4
	8	5	1,4	88,2

9	6	1,7	2,1	90,2
10	4	1,1	1,4	91,6
11	2	,6	,7	92,3
12	4	1,1	1,4	93,7
13	4	1,1	1,4	95,1
14	1	,3	,3	95,5
16	1	,3	,3	95,8
17	2	,6	,7	96,5
19	1	,3	,3	96,9
21	1	,3	,3	97,2
23	1	,3	,3	97,6
24	1	,3	,3	97,9
25	1	,3	,3	98,3
26	1	,3	,3	98,6
27	2	,6	,7	99,3
29	1	,3	,3	99,7
35	1	,3	,3	100,0
Total	287	80,6	100,0	
Missing System	69	19,4		
Total	356	100,0		

Se há diferenças significativas entre géneros

Género * Tercomp_violentos Crosstabulation

Count		Tercomp_violentos		Total
		,00	1,00	
Género	Feminino	110	177	287
	Masculino	85	131	216
Total		195	308	503

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	,054 ^a	1	,815		
Continuity Correction ^b	,020	1	,888		
Likelihood Ratio	,054	1	,815		
Fisher's Exact Test				,853	,444
Linear-by-Linear Association	,054	1	,816		
N of Valid Cases	503				

a. 0 cells (0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 83,74.

b. Computed only for a 2x2 table

Frequência de Violência Física

VFCADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	398	63,3	79,1	79,1
	1	33	5,2	6,6	85,7
	2	26	4,1	5,2	90,9
	3	6	1,0	1,2	92,0
	4	12	1,9	2,4	94,4
	5	7	1,1	1,4	95,8
	6	9	1,4	1,8	97,6
Valid	7	2	,3	,4	98,0
	8	3	,5	,6	98,6
	9	1	,2	,2	98,8
	10	1	,2	,2	99,0
	11	1	,2	,2	99,2
	14	1	,2	,2	99,4
	17	2	,3	,4	99,8
	20	1	,2	,2	100,0
	Total	503	80,0	100,0	
Missing	System	126	20,0		
	Total	629	100,0		

Frequência da Violência Física no género Masculino

VFCADRI

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	177	64,8	81,9	81,9
	1	9	3,3	4,2	86,1
	2	15	5,5	6,9	93,1
	3	3	1,1	1,4	94,4
Valid	4	5	1,8	2,3	96,8
	5	1	,4	,5	97,2
	6	4	1,5	1,9	99,1
	8	1	,4	,5	99,5
	9	1	,4	,5	100,0
	Total	216	79,1	100,0	
Missing	System	57	20,9		
Total		273	100,0		

Frequência da Violência Física no género Feminino

VFCADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	221	62,1	77,0	77,0
	1	24	6,7	8,4	85,4
	2	11	3,1	3,8	89,2
	3	3	,8	1,0	90,2
	4	7	2,0	2,4	92,7
	5	6	1,7	2,1	94,8
	6	5	1,4	1,7	96,5
Valid	7	2	,6	,7	97,2
	8	2	,6	,7	97,9
	10	1	,3	,3	98,3
	11	1	,3	,3	98,6
	14	1	,3	,3	99,0
	17	2	,6	,7	99,7
	20	1	,3	,3	100,0
	Total	287	80,6	100,0	
Missing	System	69	19,4		
Total		356	100,0		

Frequência Violência Sexual

VSCADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	278	44,2	55,3	55,3
	1	56	8,9	11,1	66,4
	2	76	12,1	15,1	81,5
	3	31	4,9	6,2	87,7
	4	29	4,6	5,8	93,4
Valid	5	9	1,4	1,8	95,2
	6	10	1,6	2,0	97,2
	7	6	1,0	1,2	98,4
	8	5	,8	1,0	99,4
	9	2	,3	,4	99,8
	12	1	,2	,2	100,0
	Total	503	80,0	100,0	
Missing	System	126	20,0		
Total		629	100,0		

Frequência Violência Sexual no género Masculino

VSCADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	110	40,3	50,9	50,9
	1	19	7,0	8,8	59,7
	2	39	14,3	18,1	77,8
	3	14	5,1	6,5	84,3
	4	15	5,5	6,9	91,2
Valid	5	4	1,5	1,9	93,1
	6	7	2,6	3,2	96,3
	7	3	1,1	1,4	97,7
	8	3	1,1	1,4	99,1
	9	1	,4	,5	99,5
	12	1	,4	,5	100,0
	Total	216	79,1	100,0	
Missing	System	57	20,9		
Total		273	100,0		

Frequência Violência Sexual no género Feminino

VSCADRI

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	168	47,2	58,5	58,5
	1	37	10,4	12,9	71,4
	2	37	10,4	12,9	84,3
	3	17	4,8	5,9	90,2
	4	14	3,9	4,9	95,1
Valid	5	5	1,4	1,7	96,9
	6	3	,8	1,0	97,9
	7	3	,8	1,0	99,0
	8	2	,6	,7	99,7
	9	1	,3	,3	100,0
	Total	287	80,6	100,0	
Missing	System	69	19,4		
Total		356	100,0		

Frequência de Comportamentos Ameaçadores

CACADRI

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	181	28,8	36,0	36,0
	1	50	7,9	9,9	45,9
	2	96	15,3	19,1	65,0
	3	47	7,5	9,3	74,4
	4	44	7,0	8,7	83,1
	5	24	3,8	4,8	87,9
	6	20	3,2	4,0	91,8
Valid	7	12	1,9	2,4	94,2
	8	6	1,0	1,2	95,4
	9	5	,8	1,0	96,4
	10	8	1,3	1,6	98,0
	11	3	,5	,6	98,6
	12	1	,2	,2	98,8
	13	3	,5	,6	99,4
	14	1	,2	,2	99,6
	15	1	,2	,2	99,8

	18	1	,2	,2	100,0
	Total	503	80,0	100,0	
Missing	System	126	20,0		
Total		629	100,0		

Frequência de Comportamentos Ameaçadores no gênero Masculino

CACADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	76	27,8	35,2	35,2
	1	22	8,1	10,2	45,4
	2	45	16,5	20,8	66,2
	3	22	8,1	10,2	76,4
	4	21	7,7	9,7	86,1
	5	10	3,7	4,6	90,7
Valid	6	8	2,9	3,7	94,4
	7	4	1,5	1,9	96,3
	8	1	,4	,5	96,8
	9	2	,7	,9	97,7
	10	4	1,5	1,9	99,5
	15	1	,4	,5	100,0
	Total	216	79,1	100,0	
Missing	System	57	20,9		
Total		273	100,0		

Frequência de Comportamentos Ameaçadores no gênero Feminino

CACADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	105	29,5	36,6	36,6
	1	28	7,9	9,8	46,3
	2	51	14,3	17,8	64,1
Valid	3	25	7,0	8,7	72,8
	4	23	6,5	8,0	80,8
	5	14	3,9	4,9	85,7
	6	12	3,4	4,2	89,9

	7	8	2,2	2,8	92,7
	8	5	1,4	1,7	94,4
	9	3	,8	1,0	95,5
	10	4	1,1	1,4	96,9
	11	3	,8	1,0	97,9
	12	1	,3	,3	98,3
	13	3	,8	1,0	99,3
	14	1	,3	,3	99,7
	18	1	,3	,3	100,0
	Total	287	80,6	100,0	
Missing	System	69	19,4		
Total		356	100,0		

Frequência da Violência Emocional/ Verbal

VEVCADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	63	10,0	12,5
	1	19	3,0	3,8
	2	44	7,0	8,7
	3	20	3,2	4,0
	4	42	6,7	8,3
	5	17	2,7	3,4
	6	26	4,1	5,2
	7	20	3,2	4,0
	8	24	3,8	4,8
Valid	9	33	5,2	6,6
	10	27	4,3	5,4
	11	15	2,4	3,0
	12	30	4,8	6,0
	13	17	2,7	3,4
	14	20	3,2	4,0
	15	8	1,3	1,6
	16	16	2,5	3,2
	17	13	2,1	2,6
	18	18	2,9	3,6
	19	2	,3	,4

20	11	1,7	2,2	96,4
21	1	,2	,2	96,6
22	5	,8	1,0	97,6
24	3	,5	,6	98,2
25	1	,2	,2	98,4
26	2	,3	,4	98,8
27	3	,5	,6	99,4
28	1	,2	,2	99,6
33	1	,2	,2	99,8
35	1	,2	,2	100,0
Total	503	80,0	100,0	
Missing System	126	20,0		
Total	629	100,0		

Frequência da Violência Emocional/ Verbal no género Masculino

VEVCADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	32	11,7	14,8	14,8
1	6	2,2	2,8	17,6
2	20	7,3	9,3	26,9
3	8	2,9	3,7	30,6
4	15	5,5	6,9	37,5
5	10	3,7	4,6	42,1
6	12	4,4	5,6	47,7
7	7	2,6	3,2	50,9
8	11	4,0	5,1	56,0
Valid 9	18	6,6	8,3	64,4
10	15	5,5	6,9	71,3
11	6	2,2	2,8	74,1
12	10	3,7	4,6	78,7
13	7	2,6	3,2	81,9
14	6	2,2	2,8	84,7
15	4	1,5	1,9	86,6
16	8	2,9	3,7	90,3
17	6	2,2	2,8	93,1
18	6	2,2	2,8	95,8

	19	1	,4	,5	96,3
	20	5	1,8	2,3	98,6
	22	1	,4	,5	99,1
	27	1	,4	,5	99,5
	33	1	,4	,5	100,0
	Total	216	79,1	100,0	
Missing	System	57	20,9		
Total		273	100,0		

Frequência da Violência Emocional/ Verbal no género Feminino

VEVCADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	31	8,7	10,8
	1	13	3,7	15,3
	2	24	6,7	23,7
	3	12	3,4	27,9
	4	27	7,6	37,3
	5	7	2,0	39,7
	6	14	3,9	44,6
	7	13	3,7	49,1
	8	13	3,7	53,7
	9	15	4,2	58,9
	10	12	3,4	63,1
Valid	11	9	2,5	66,2
	12	20	5,6	73,2
	13	10	2,8	76,7
	14	14	3,9	81,5
	15	4	1,1	82,9
	16	8	2,2	85,7
	17	7	2,0	88,2
	18	12	3,4	92,3
	19	1	,3	92,7
	20	6	1,7	94,8
	21	1	,3	95,1
	22	4	1,1	96,5
	24	3	,8	97,6

	25	1	,3	,3	97,9
	26	2	,6	,7	98,6
	27	2	,6	,7	99,3
	28	1	,3	,3	99,7
	35	1	,3	,3	100,0
	Total	287	80,6	100,0	
Missing	System	69	19,4		
Total		356	100,0		

Frequência da Violência Relacional

VRCADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	356	56,6	70,8	70,8
	1	35	5,6	7,0	77,7
	2	41	6,5	8,2	85,9
	3	18	2,9	3,6	89,5
	4	18	2,9	3,6	93,0
	5	10	1,6	2,0	95,0
Valid	6	11	1,7	2,2	97,2
	7	3	,5	,6	97,8
	8	3	,5	,6	98,4
	9	2	,3	,4	98,8
	10	4	,6	,8	99,6
	12	1	,2	,2	99,8
	18	1	,2	,2	100,0
	Total	503	80,0	100,0	
Missing	System	126	20,0		
Total		629	100,0		

Frequência da Violência Relacional no género Masculino

VRCADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	144	52,7	66,7	66,7
	1	23	8,4	10,6	77,3

	2	20	7,3	9,3	86,6
	3	9	3,3	4,2	90,7
	4	7	2,6	3,2	94,0
	5	3	1,1	1,4	95,4
	6	3	1,1	1,4	96,8
	8	2	,7	,9	97,7
	9	1	,4	,5	98,1
	10	3	1,1	1,4	99,5
	18	1	,4	,5	100,0
	Total	216	79,1	100,0	
Missing	System	57	20,9		
Total		273	100,0		

Frequência da Violência Relacional no gênero Feminino

VRCADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	212	59,6	73,9	73,9
	1	12	3,4	4,2	78,0
	2	21	5,9	7,3	85,4
	3	9	2,5	3,1	88,5
	4	11	3,1	3,8	92,3
	5	7	2,0	2,4	94,8
Valid	6	8	2,2	2,8	97,6
	7	3	,8	1,0	98,6
	8	1	,3	,3	99,0
	9	1	,3	,3	99,3
	10	1	,3	,3	99,7
	12	1	,3	,3	100,0
	Total	287	80,6	100,0	
Missing	System	69	19,4		
Total		356	100,0		

Anexo VIII - Objectivo 3

Frequência de Estratégias de Respostas de Comportamentos Abusivos do próprio

RCA1CADRI					
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
	0	29	4,6	5,8	5,8
	1	32	5,1	6,4	12,1
	2	39	6,2	7,8	19,9
	3	41	6,5	8,2	28,0
	4	47	7,5	9,3	37,4
	5	33	5,2	6,6	43,9
	6	39	6,2	7,8	51,7
	7	38	6,0	7,6	59,2
	8	31	4,9	6,2	65,4
	9	25	4,0	5,0	70,4
	10	35	5,6	7,0	77,3
	11	21	3,3	4,2	81,5
	12	17	2,7	3,4	84,9
Valid	13	11	1,7	2,2	87,1
	14	14	2,2	2,8	89,9
	15	9	1,4	1,8	91,7
	16	12	1,9	2,4	94,0
	17	9	1,4	1,8	95,8
	18	6	1,0	1,2	97,0
	19	2	,3	,4	97,4
	20	3	,5	,6	98,0
	21	4	,6	,8	98,8
	22	2	,3	,4	99,2
	23	1	,2	,2	99,4
	24	1	,2	,2	99,6
	28	1	,2	,2	99,8
	29	1	,2	,2	100,0
	Total	503	80,0	100,0	
Missing	System	126	20,0		
Total		629	100,0		

Frequência de Estratégias de Respostas de Comportamentos Abusivos do próprio (Gênero Masculino)

RCA1CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	18	6,6	8,3
	1	16	5,9	15,7
	2	15	5,5	22,7
	3	18	6,6	31,0
	4	21	7,7	40,7
	5	18	6,6	49,1
	6	19	7,0	57,9
	7	19	7,0	66,7
	8	13	4,8	72,7
	9	8	2,9	76,4
	10	15	5,5	83,3
Valid	11	8	2,9	87,0
	12	2	,7	88,0
	13	4	1,5	89,8
	14	4	1,5	91,7
	15	3	1,1	93,1
	16	6	2,2	95,8
	17	2	,7	96,8
	18	2	,7	97,7
	19	1	,4	98,1
	21	2	,7	99,1
	22	1	,4	99,5
	29	1	,4	100,0
	Total	216	79,1	100,0
Missing	System	57	20,9	
Total		273	100,0	

Frequência de Estratégias de Respostas de Comportamentos Abusivos do próprio (Gênero Feminino)

RCA1CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	11	3,1	3,8

1	16	4,5	5,6	9,4
2	24	6,7	8,4	17,8
3	23	6,5	8,0	25,8
4	26	7,3	9,1	34,8
5	15	4,2	5,2	40,1
6	20	5,6	7,0	47,0
7	19	5,3	6,6	53,7
8	18	5,1	6,3	59,9
9	17	4,8	5,9	65,9
10	20	5,6	7,0	72,8
11	13	3,7	4,5	77,4
12	15	4,2	5,2	82,6
13	7	2,0	2,4	85,0
14	10	2,8	3,5	88,5
15	6	1,7	2,1	90,6
16	6	1,7	2,1	92,7
17	7	2,0	2,4	95,1
18	4	1,1	1,4	96,5
19	1	,3	,3	96,9
20	3	,8	1,0	97,9
21	2	,6	,7	98,6
22	1	,3	,3	99,0
23	1	,3	,3	99,3
24	1	,3	,3	99,7
28	1	,3	,3	100,0
Total	287	80,6	100,0	
Missing System	69	19,4		
Total	356	100,0		

Frequência de Estratégias de Respostas de Comportamentos Abusivos do parceiro

RCA2CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	30	4,8	6,0
	1	27	4,3	11,3
	2	38	6,0	18,9
	3	47	7,5	28,2

4	34	5,4	6,8	35,0
5	36	5,7	7,2	42,1
6	29	4,6	5,8	47,9
7	33	5,2	6,6	54,5
8	27	4,3	5,4	59,8
9	31	4,9	6,2	66,0
10	26	4,1	5,2	71,2
11	30	4,8	6,0	77,1
12	18	2,9	3,6	80,7
13	23	3,7	4,6	85,3
14	14	2,2	2,8	88,1
15	8	1,3	1,6	89,7
16	5	,8	1,0	90,7
17	7	1,1	1,4	92,0
18	4	,6	,8	92,8
19	8	1,3	1,6	94,4
20	5	,8	1,0	95,4
21	4	,6	,8	96,2
22	7	1,1	1,4	97,6
23	2	,3	,4	98,0
24	3	,5	,6	98,6
27	3	,5	,6	99,2
29	1	,2	,2	99,4
32	1	,2	,2	99,6
33	1	,2	,2	99,8
38	1	,2	,2	100,0
Total	503	80,0	100,0	
Missing System	126	20,0		
Total	629	100,0		

Frequência de Estratégias de Respostas de Comportamentos Abusivos do parceiro (Gênero Masculino)

RCA2CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	0	16	5,9	7,4
	1	10	3,7	12,0

2	10	3,7	4,6	16,7
3	23	8,4	10,6	27,3
4	15	5,5	6,9	34,3
5	16	5,9	7,4	41,7
6	13	4,8	6,0	47,7
7	15	5,5	6,9	54,6
8	14	5,1	6,5	61,1
9	14	5,1	6,5	67,6
10	11	4,0	5,1	72,7
11	11	4,0	5,1	77,8
12	9	3,3	4,2	81,9
13	13	4,8	6,0	88,0
14	6	2,2	2,8	90,7
15	3	1,1	1,4	92,1
16	2	,7	,9	93,1
17	1	,4	,5	93,5
18	4	1,5	1,9	95,4
19	3	1,1	1,4	96,8
21	2	,7	,9	97,7
22	2	,7	,9	98,6
23	1	,4	,5	99,1
32	1	,4	,5	99,5
38	1	,4	,5	100,0
Total	216	79,1	100,0	
Missing System	57	20,9		
Total	273	100,0		

Frequência de Estratégias de Respostas de Comportamentos Abusivos do parceiro (Gênero Feminino)

RCA2CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	14	3,9	4,9
	1	17	4,8	10,8
Valid	2	28	7,9	20,6
	3	24	6,7	28,9
	4	19	5,3	35,5

5	20	5,6	7,0	42,5
6	16	4,5	5,6	48,1
7	18	5,1	6,3	54,4
8	13	3,7	4,5	58,9
9	17	4,8	5,9	64,8
10	15	4,2	5,2	70,0
11	19	5,3	6,6	76,7
12	9	2,5	3,1	79,8
13	10	2,8	3,5	83,3
14	8	2,2	2,8	86,1
15	5	1,4	1,7	87,8
16	3	,8	1,0	88,9
17	6	1,7	2,1	90,9
19	5	1,4	1,7	92,7
20	5	1,4	1,7	94,4
21	2	,6	,7	95,1
22	5	1,4	1,7	96,9
23	1	,3	,3	97,2
24	3	,8	1,0	98,3
27	3	,8	1,0	99,3
29	1	,3	,3	99,7
33	1	,3	,3	100,0
Total	287	80,6	100,0	
Missing System	69	19,4		
Total	356	100,0		

Correlação de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas do Próprio no gênero

Chi-Square Tests					
	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	4,595 ^a	1	,032		
Continuity Correction ^b	3,804	1	,051		
Likelihood Ratio	4,545	1	,033		
Fisher's Exact Test				,035	,026
Linear-by-Linear Association	4,586	1	,032		
N of Valid Cases	503				

a. 0 cells (0,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 12,45.

b. Computed only for a 2x2 table

Correlação de Estratégias de Resolução de Conflitos Abusivas do Parceiro(a) no gênero

Chi-Square Tests

	Value	Df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	1,406 ^a	1	,236	,258	,160	
Continuity Correction ^b	,991	1	,319			
Likelihood Ratio	1,390	1	,238	,258	,160	
Fisher's Exact Test				,258	,160	
Linear-by-Linear Association	1,403 ^c	1	,236	,258	,160	,075
N of Valid Cases	503					

a. 0 cells (.0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 12,88.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -1,185.

Frequência de Estratégias de Resposta Positivas do Próprio

RCNA1CADRI

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	5	,8	1,0
	1	3	,5	1,6
	2	2	,3	2,0
	3	2	,3	2,4
	4	1	,2	2,6
	5	3	,5	3,2
	6	1	,2	3,4
	7	3	,5	4,0
Valid	8	4	,6	4,8
	9	7	1,1	6,2
	10	9	1,4	8,0
	11	11	1,7	10,1
	12	14	2,2	12,9
	13	15	2,4	15,9
	14	25	4,0	20,9
	15	29	4,6	26,6
	16	39	6,2	34,4
	17	46	7,3	43,5

18	57	9,1	11,3	54,9
19	65	10,3	12,9	67,8
20	39	6,2	7,8	75,5
21	41	6,5	8,2	83,7
22	24	3,8	4,8	88,5
23	25	4,0	5,0	93,4
24	16	2,5	3,2	96,6
25	7	1,1	1,4	98,0
26	7	1,1	1,4	99,4
27	2	,3	,4	99,8
48	1	,2	,2	100,0
Total	503	80,0	100,0	
Missing System	126	20,0		
Total	629	100,0		

Frequência de Estratégias de Resposta Positivas do Próprio (Gênero Masculino)

RCNA1CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	5	1,8	2,3	2,3
1	3	1,1	1,4	3,7
2	1	,4	,5	4,2
3	1	,4	,5	4,6
5	1	,4	,5	5,1
8	2	,7	,9	6,0
9	4	1,5	1,9	7,9
10	6	2,2	2,8	10,6
11	5	1,8	2,3	13,0
12	10	3,7	4,6	17,6
13	8	2,9	3,7	21,3
14	13	4,8	6,0	27,3
15	15	5,5	6,9	34,3
16	17	6,2	7,9	42,1
17	21	7,7	9,7	51,9
18	28	10,3	13,0	64,8
19	26	9,5	12,0	76,9
20	19	7,0	8,8	85,6

21	14	5,1	6,5	92,1
22	4	1,5	1,9	94,0
23	4	1,5	1,9	95,8
24	4	1,5	1,9	97,7
25	2	,7	,9	98,6
26	1	,4	,5	99,1
27	1	,4	,5	99,5
48	1	,4	,5	100,0
Total	216	79,1	100,0	
Missing System	57	20,9		
Total	273	100,0		

Frequência de Estratégias de Resposta Positivas do Próprio (Género Feminino)

RCNA1CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
2	1	,3	,3	,3
3	1	,3	,3	,7
4	1	,3	,3	1,0
5	2	,6	,7	1,7
6	1	,3	,3	2,1
7	3	,8	1,0	3,1
8	2	,6	,7	3,8
9	3	,8	1,0	4,9
10	3	,8	1,0	5,9
11	6	1,7	2,1	8,0
Valid 12	4	1,1	1,4	9,4
13	7	2,0	2,4	11,8
14	12	3,4	4,2	16,0
15	14	3,9	4,9	20,9
16	22	6,2	7,7	28,6
17	25	7,0	8,7	37,3
18	29	8,1	10,1	47,4
19	39	11,0	13,6	61,0
20	20	5,6	7,0	67,9
21	27	7,6	9,4	77,4
22	20	5,6	7,0	84,3

	23	21	5,9	7,3	91,6
	24	12	3,4	4,2	95,8
	25	5	1,4	1,7	97,6
	26	6	1,7	2,1	99,7
	27	1	,3	,3	100,0
	Total	287	80,6	100,0	
Missing	System	69	19,4		
Total		356	100,0		

Frequência de Estratégias de Resposta Positivas do Parceiro(a)

RCNA2CADRI					
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative	
				Percent	
	0	5	,8	1,0	1,0
	1	2	,3	,4	1,4
	2	2	,3	,4	1,8
	3	3	,5	,6	2,4
	4	2	,3	,4	2,8
	5	3	,5	,6	3,4
	6	2	,3	,4	3,8
	7	7	1,1	1,4	5,2
	8	6	1,0	1,2	6,4
	9	7	1,1	1,4	7,8
	10	13	2,1	2,6	10,3
Valid	11	14	2,2	2,8	13,1
	12	31	4,9	6,2	19,3
	13	27	4,3	5,4	24,7
	14	39	6,2	7,8	32,4
	15	44	7,0	8,7	41,2
	16	43	6,8	8,5	49,7
	17	40	6,4	8,0	57,7
	18	50	7,9	9,9	67,6
	19	40	6,4	8,0	75,5
	20	21	3,3	4,2	79,7
	21	38	6,0	7,6	87,3
	22	28	4,5	5,6	92,8
	23	20	3,2	4,0	96,8

	24	9	1,4	1,8	98,6
	25	5	,8	1,0	99,6
	26	1	,2	,2	99,8
	27	1	,2	,2	100,0
	Total	503	80,0	100,0	
Missing	System	126	20,0		
Total		629	100,0		

Frequência de Estratégias de Resposta Positivas do Parceiro(a) (G)

RCNA2CADRI					
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent	
	0	5	1,8	2,3	2,3
	1	2	,7	,9	3,2
	2	1	,4	,5	3,7
	3	2	,7	,9	4,6
	4	1	,4	,5	5,1
	5	1	,4	,5	5,6
	7	1	,4	,5	6,0
	8	5	1,8	2,3	8,3
	9	5	1,8	2,3	10,6
	10	7	2,6	3,2	13,9
	11	7	2,6	3,2	17,1
	12	16	5,9	7,4	24,5
Valid	13	16	5,9	7,4	31,9
	14	20	7,3	9,3	41,2
	15	21	7,7	9,7	50,9
	16	20	7,3	9,3	60,2
	17	20	7,3	9,3	69,4
	18	20	7,3	9,3	78,7
	19	13	4,8	6,0	84,7
	20	5	1,8	2,3	87,0
	21	10	3,7	4,6	91,7
	22	8	2,9	3,7	95,4
	23	5	1,8	2,3	97,7
	24	2	,7	,9	98,6
	25	2	,7	,9	99,5

	26	1	,4	,5	100,0
	Total	216	79,1	100,0	
Missing	System	57	20,9		
Total		273	100,0		

Frequência de Estratégias de Resposta Positivas do Parceiro(a) (Gênero Feminino)

RCNA2CADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	2	1	,3	,3	,3
	3	1	,3	,3	,7
	4	1	,3	,3	1,0
	5	2	,6	,7	1,7
	6	2	,6	,7	2,4
	7	6	1,7	2,1	4,5
	8	1	,3	,3	4,9
	9	2	,6	,7	5,6
	10	6	1,7	2,1	7,7
	11	7	2,0	2,4	10,1
	12	15	4,2	5,2	15,3
	13	11	3,1	3,8	19,2
Valid	14	19	5,3	6,6	25,8
	15	23	6,5	8,0	33,8
	16	23	6,5	8,0	41,8
	17	20	5,6	7,0	48,8
	18	30	8,4	10,5	59,2
	19	27	7,6	9,4	68,6
	20	16	4,5	5,6	74,2
	21	28	7,9	9,8	84,0
	22	20	5,6	7,0	90,9
	23	15	4,2	5,2	96,2
	24	7	2,0	2,4	98,6
	25	3	,8	1,0	99,7
	27	1	,3	,3	100,0
	Total	287	80,6	100,0	
Missing	System	69	19,4		
Total		356	100,0		

Correlação de Estratégias de Resposta Positivas do Próprio entre Género

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2- sided)	Exact Sig. (2- sided)	Exact Sig. (1- sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	6,710 ^a	1	,010	,014	,014	
Continuity Correction ^b	4,564	1	,033			
Likelihood Ratio	8,520	1	,004	,014	,014	
Fisher's Exact Test				,014	,014	
Linear-by-Linear Association	6,697 ^c	1	,010	,014	,014	,014
N of Valid Cases	503					

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,15.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -2,588.

Correlação de Estratégias de Resposta Positivas do Parceiro entre Género

Chi-Square Tests

	Value	df	Asymp. Sig. (2- sided)	Exact Sig. (2- sided)	Exact Sig. (1- sided)	Point Probability
Pearson Chi-Square	6,710 ^a	1	,010	,014	,014	
Continuity Correction ^b	4,564	1	,033			
Likelihood Ratio	8,520	1	,004	,014	,014	
Fisher's Exact Test				,014	,014	
Linear-by-Linear Association	6,697 ^c	1	,010	,014	,014	,014
N of Valid Cases	503					

a. 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 2,15.

b. Computed only for a 2x2 table

c. The standardized statistic is -2,588.

Anexo IX - Objectivo 4

Aplicação dos critérios Paramétricos

Distribuição Normal

Tests of Normality							
	Género	Kolmogorov-Smirnov ^a			Shapiro-Wilk		
		Statistic	df	Sig.	Statistic	df	Sig.
VPM_EAVN	Feminino	,054	356	,015	,986	356	,002
	Masculino	,049	273	,200*	,991	273	,090
VFM_EAVN	Feminino	,128	356	,000	,917	356	,000
	Masculino	,124	273	,000	,926	273	,000
VSM_EAVN	Feminino	,108	356	,000	,934	356	,000
	Masculino	,082	273	,000	,962	273	,000
VPF_EAVN	Feminino	,073	356	,000	,981	356	,000
	Masculino	,099	273	,000	,972	273	,000
VFF_EAVN	Feminino	,076	356	,000	,974	356	,000
	Masculino	,076	273	,001	,984	273	,004
VSF_EAVN	Feminino	,108	356	,000	,949	356	,000
	Masculino	,074	273	,001	,984	273	,004

*. This is a lower bound of the true significance.

a. Lilliefors Significance Correction

Teste de Levene – Homogeneidade

Test of Homogeneity of Variances				
	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
VPM_EAVN	21,525	1	627	,000
VFM_EAVN	11,112	1	627	,001
VSM_EAVN	54,099	1	627	,000
VPF_EAVN	,924	1	627	,337
VFF_EAVN	,183	1	627	,669
VSF_EAVN	35,489	1	627	,000

Teste Não Paramétrico Mann-Whitney

Test Statistics ^a						
	VPM_EAVN	VFM_EAVN	VSM_EAVN	VPF_EAVN	VFF_EAVN	VSF_EAVN
Mann-Whitney U	29270,000	45212,500	27202,500	37310,000	36778,500	19241,500
Wilcoxon W	92816,000	108758,500	90748,500	100856,000	100324,500	82787,500
Z	-8,563	-1,501	-9,487	-5,001	-5,235	-13,010
Asymp. Sig. (2-tailed)	,000	,133	,000	,000	,000	,000

a. Grouping Variable: G nero

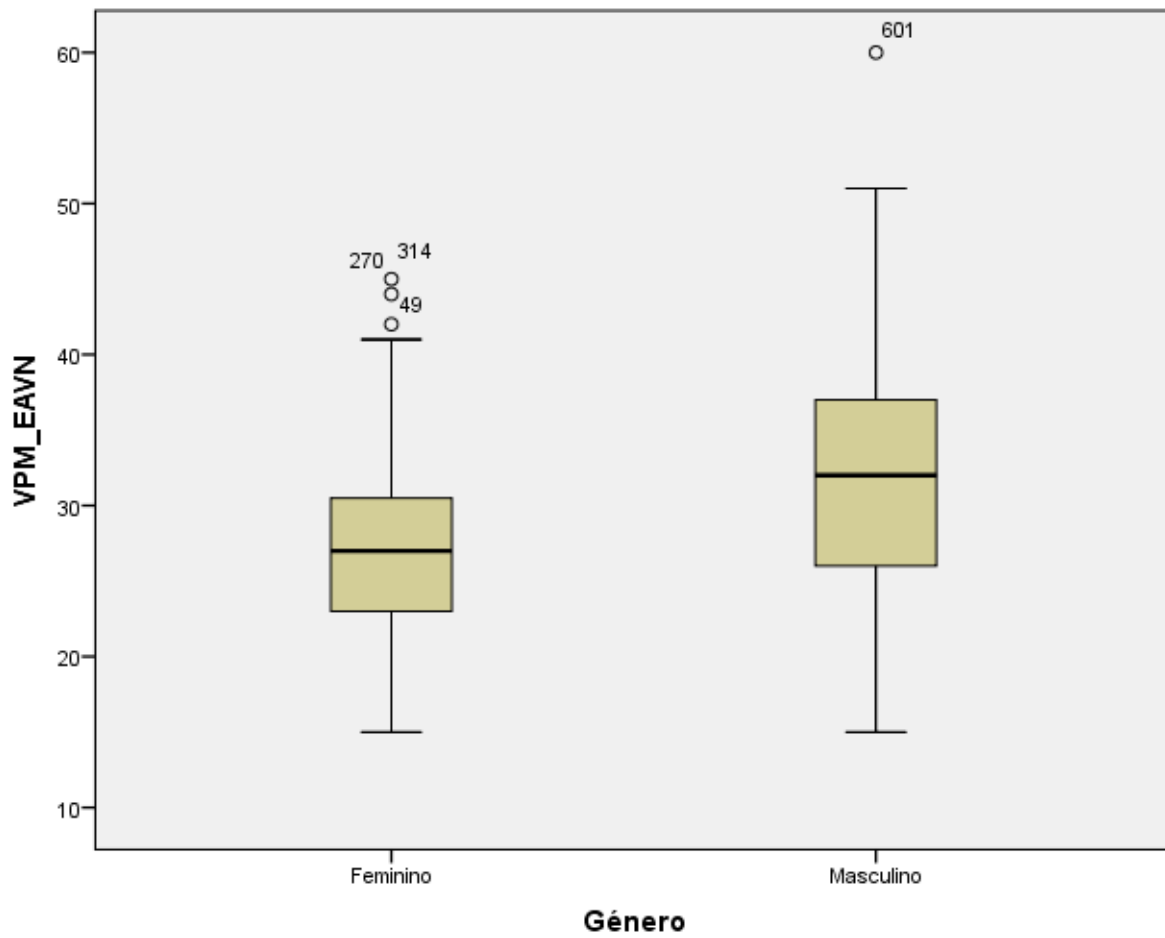
Violência Psicológica Masculina

Frequência da Violência Psicológica Masculina no g nero Feminino

Statistics		
<u>VPM_EAVN</u>		
N	Valid	356
	Missing	0
Median		27,00
Std. Deviation		5,848
Minimum		15
Maximum		45

Frequência da Violência Psicológica Masculina no g nero Masculino

Statistics		
<u>VPM_EAVN</u>		
N	Valid	273
	Missing	0
Median		32,00
Std. Deviation		7,710
Minimum		15
Maximum		60



Violência Física Masculina

Frequência da Violência Física Masculina no gênero Feminino

Statistics		
VFM_EAVN		
N	Valid	356
	Missing	0
Median		18,00
Std. Deviation		6,087
Minimum		12
Maximum		38

Frequência da Violência Física Masculina no gênero Masculino

Statistics

VFM_EAVN

N	Valid	273
	Missing	0
Median		19,00
Std. Deviation		7,055
Minimum		10
Maximum		42

Violência Sexual Masculina

Frequência da Violência Sexual Masculina no gênero Feminino

Statistics

VSM_EAVN

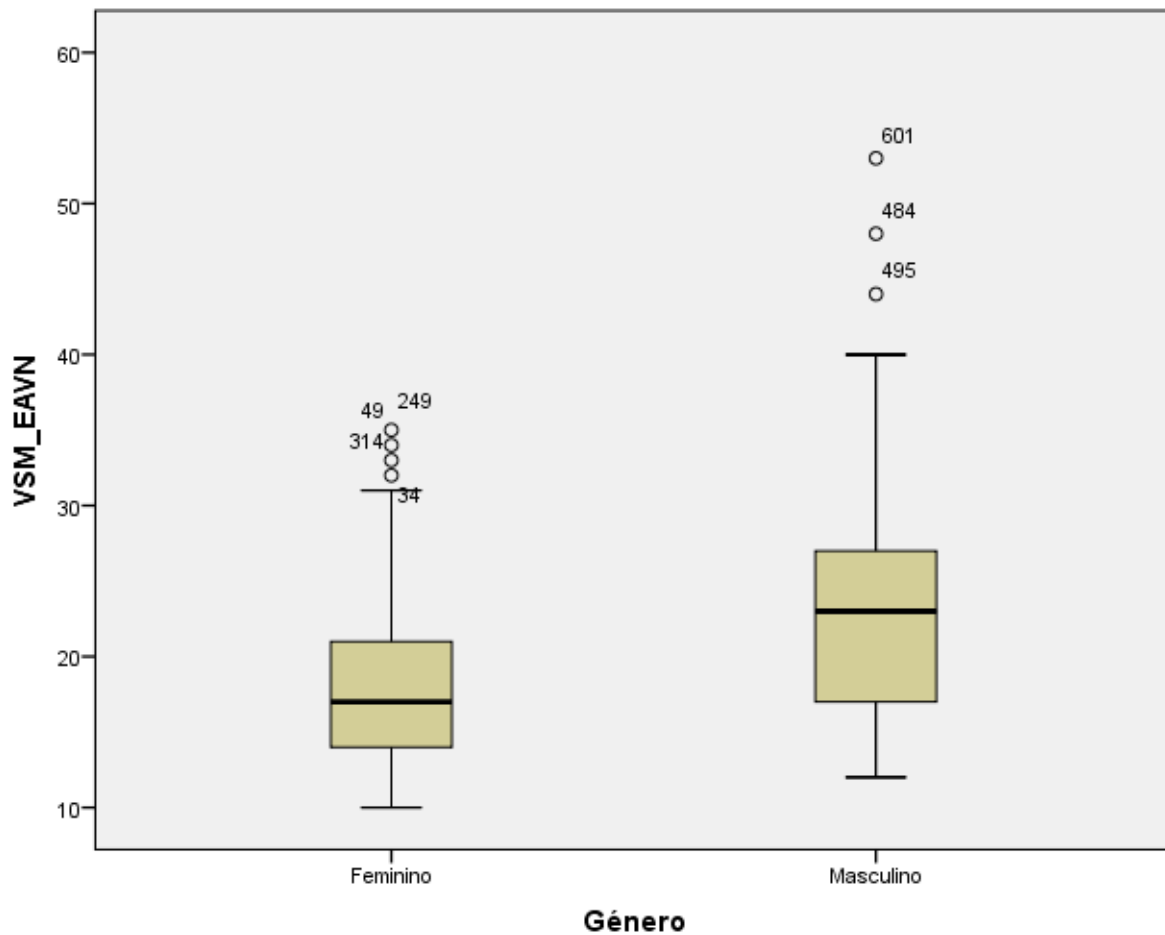
N	Valid	356
	Missing	0
Median		17,00
Std. Deviation		4,683
Minimum		10
Maximum		35

Frequência da Violência Sexual Masculina no gênero Masculino

Statistics

VSM_EAVN

N	Valid	273
	Missing	0
Median		23,00
Std. Deviation		7,171
Minimum		12
Maximum		53



Violência Psicológica Feminina

Frequência da Violência Psicológica Feminina no gênero Feminino

Statistics

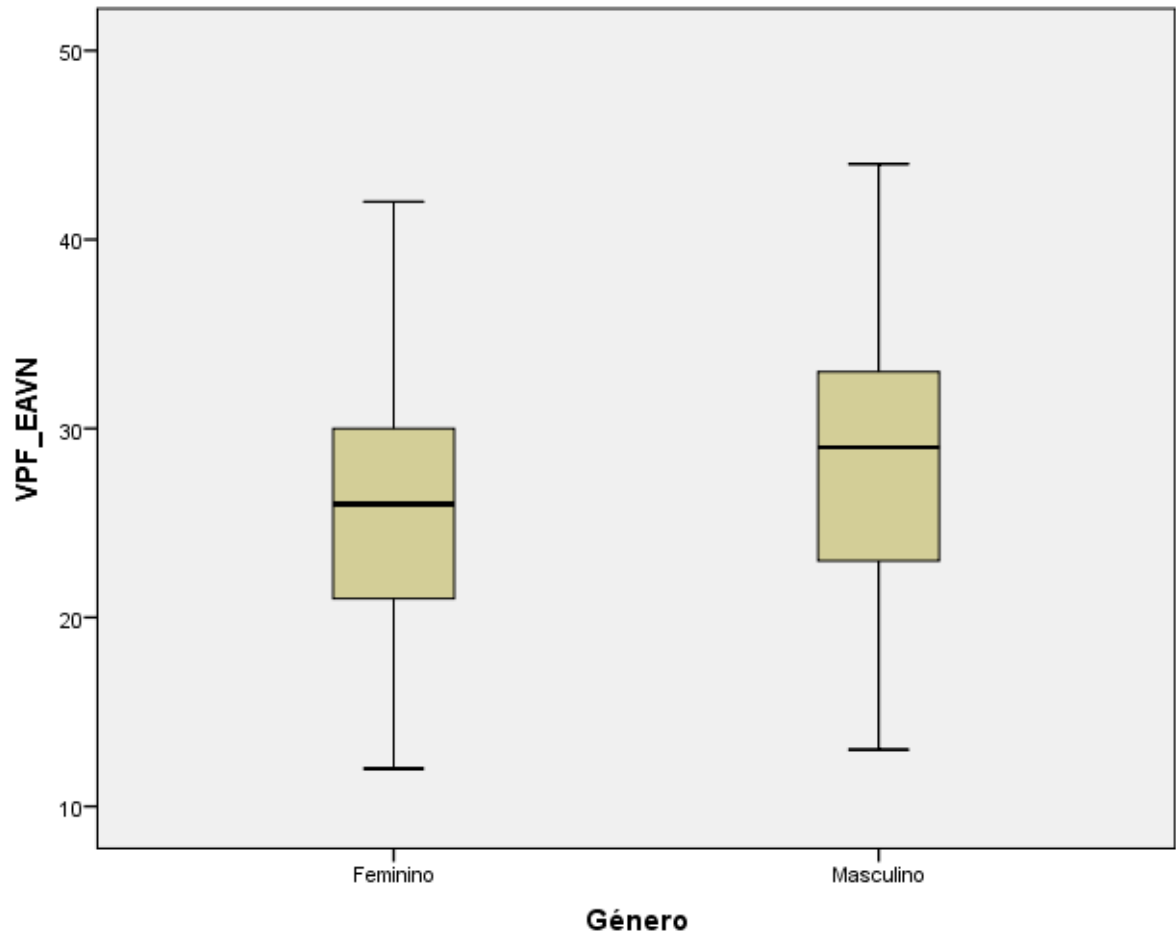
VPF_EAVN		
N	Valid	356
	Missing	0
Median		26,00
Std. Deviation		6,068
Minimum		12
Maximum		42

Frequência da Violência Psicológica Feminina no gênero Masculino

Statistics

VPF_EAVN		
N	Valid	273
	Missing	0
Median		29,00
Std. Deviation		6,428

Minimum	13
Maximum	44



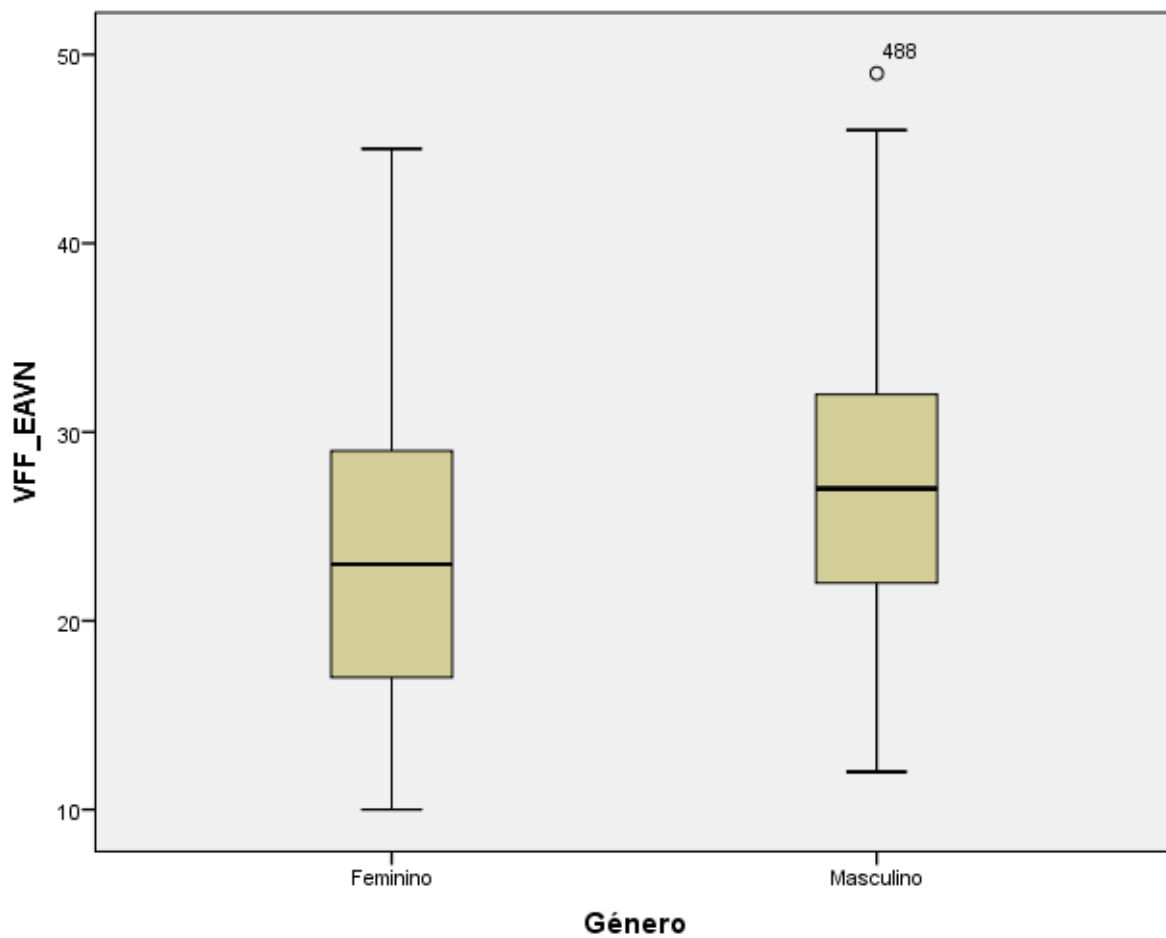
Violência Física Feminina

Frequência da Violência Física Feminina no gênero Feminino

Statistics		
VFF_EAVN		
N	Valid	356
	Missing	0
Median		23,00
Std. Deviation		7,363
Minimum		10
Maximum		45

Frequência da Violência Física Feminina no gênero Masculino

Statistics		
VFF_EAVN		
N	Valid	273
	Missing	0
Median		27,00
Std. Deviation		7,662
Minimum		12
Maximum		49



Violência Sexual Feminina

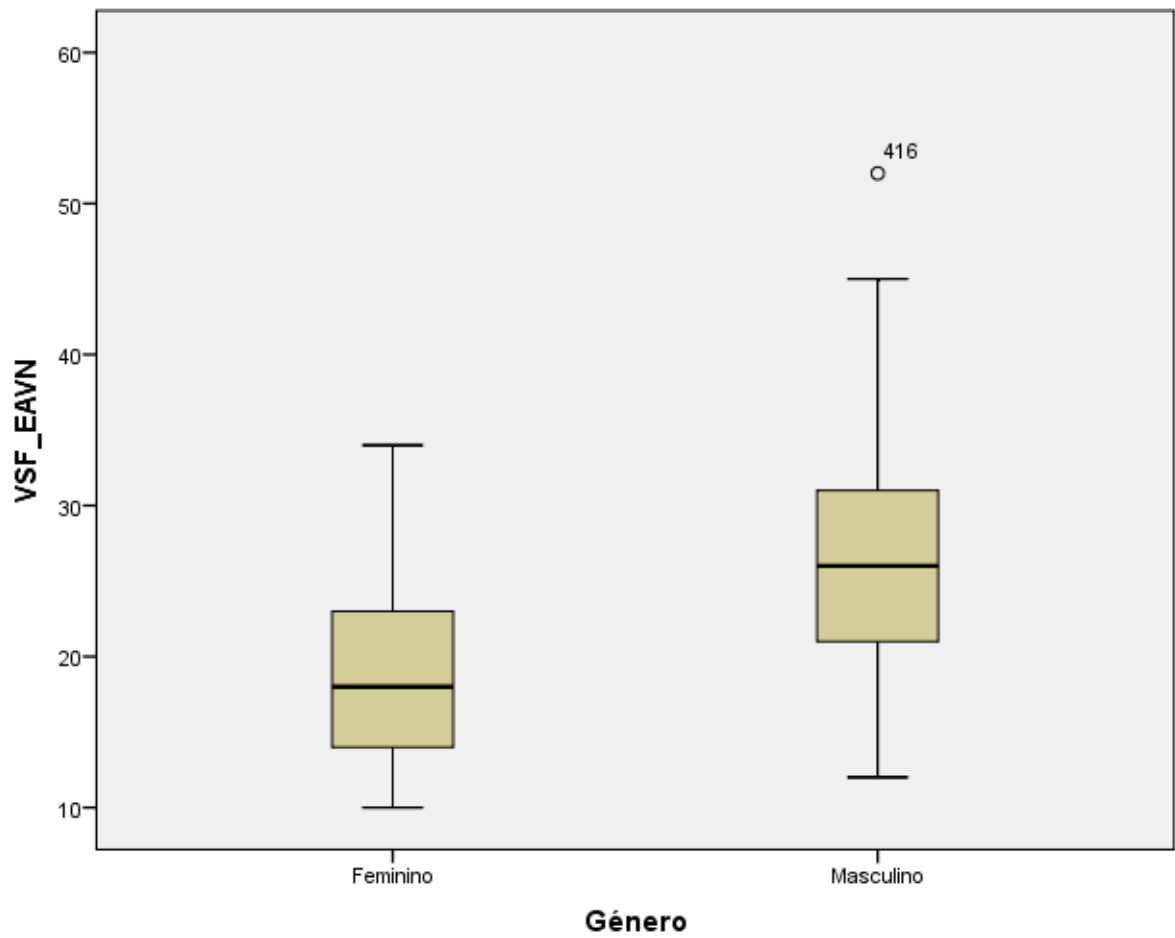
Frequência da Violência Sexual Feminina no gênero Feminino

Statistics		
VSF_EAVN		
N	Valid	356
	Missing	0
Median		18,00

Std. Deviation	4,915
Minimum	10
<u>Maximum</u>	<u>34</u>

Frequência da Violência Sexual Feminina no gênero Masculino

Statistics		
<u>VSF_EAVN</u>		
N	Valid	273
	Missing	0
Median		26,00
Std. Deviation		7,555
Minimum		12
<u>Maximum</u>		<u>52</u>

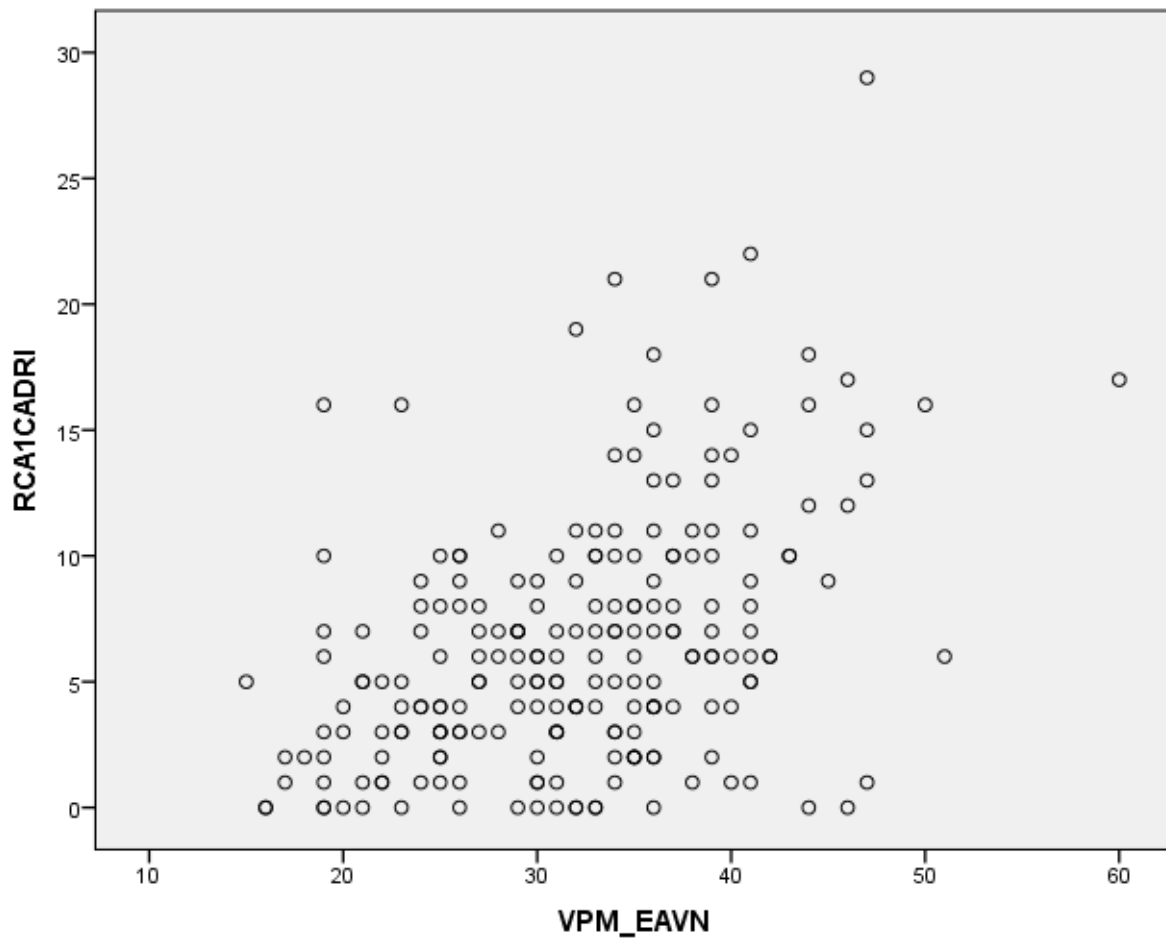


Anexo X - Objetivo 5
Gênero Masculino

Correlação da Variável Violência Psicológica Masculina e Comportamentos abusivos do próprio

Correlations			
		RCA1CADRI	VPM_EAVN
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,404**
	RCA1CADRI Sig. (1-tailed)	.	,000
	N	216	216
VPM_EAVN	Correlation Coefficient	,404**	1,000
	VPM_EAVN Sig. (1-tailed)	,000	.
	N	216	273

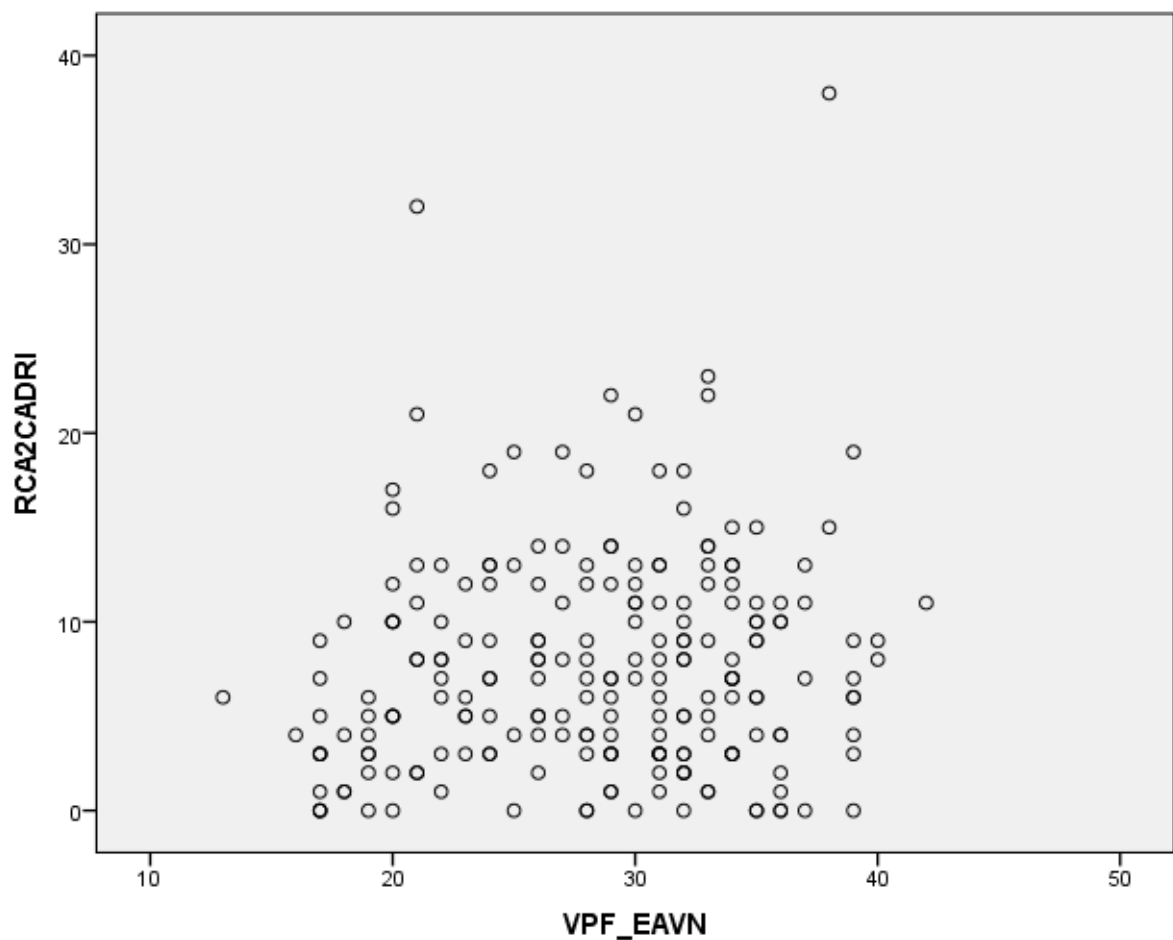
** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).



Correlação da Variável Violência Psicológica Feminina e os Comportamentos abusivos da parceira

Correlations			
		RCA2CADRI	VPF_EAVN
Spearman's rho		Correlation Coefficient	1,000
	RCA2CADRI	Sig. (1-tailed)	,113*
		N	216
		Correlation Coefficient	,113*
	VPF_EAVN	Sig. (1-tailed)	,049
		N	216
			273

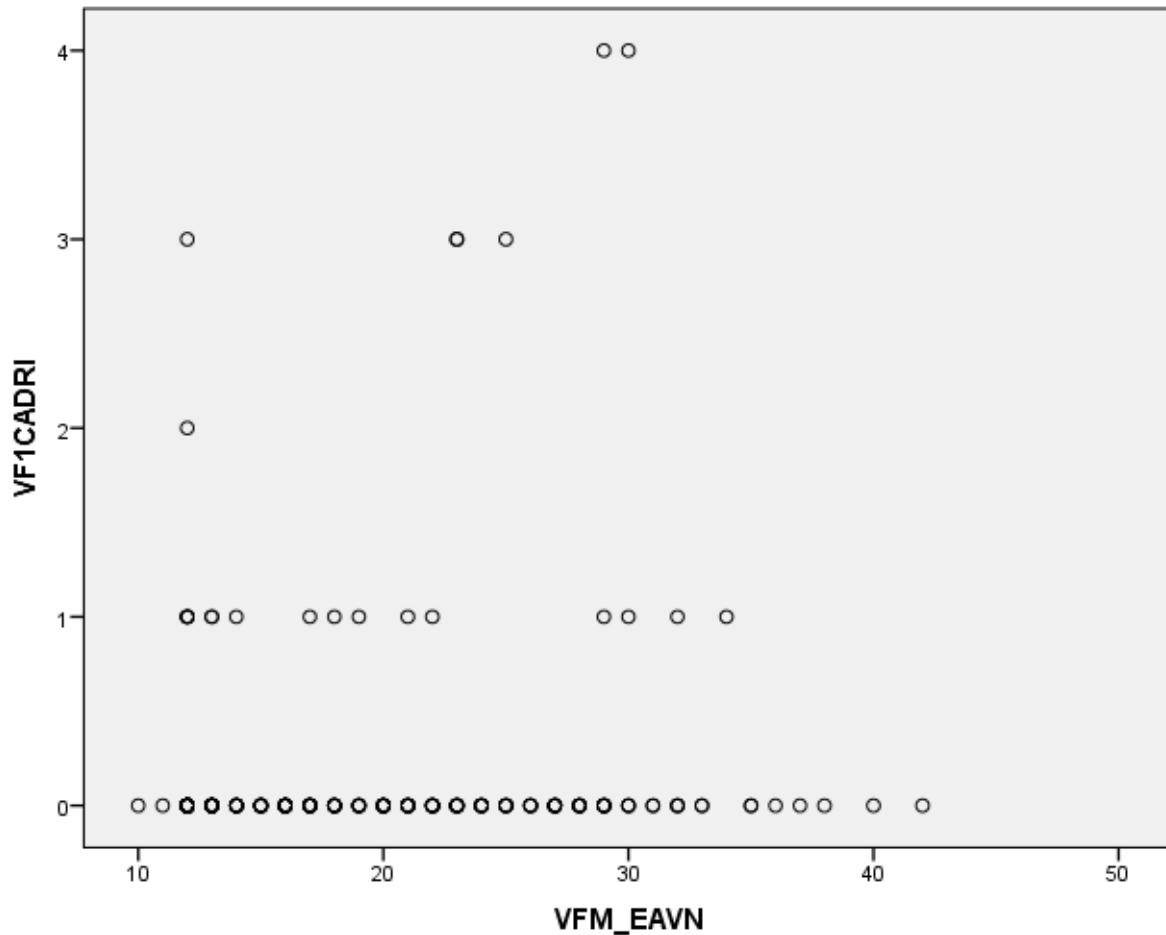
*. Correlation is significant at the 0.05 level (1-tailed).



Correlação da Variável Violência Física Masculina e a Violência Física do próprio

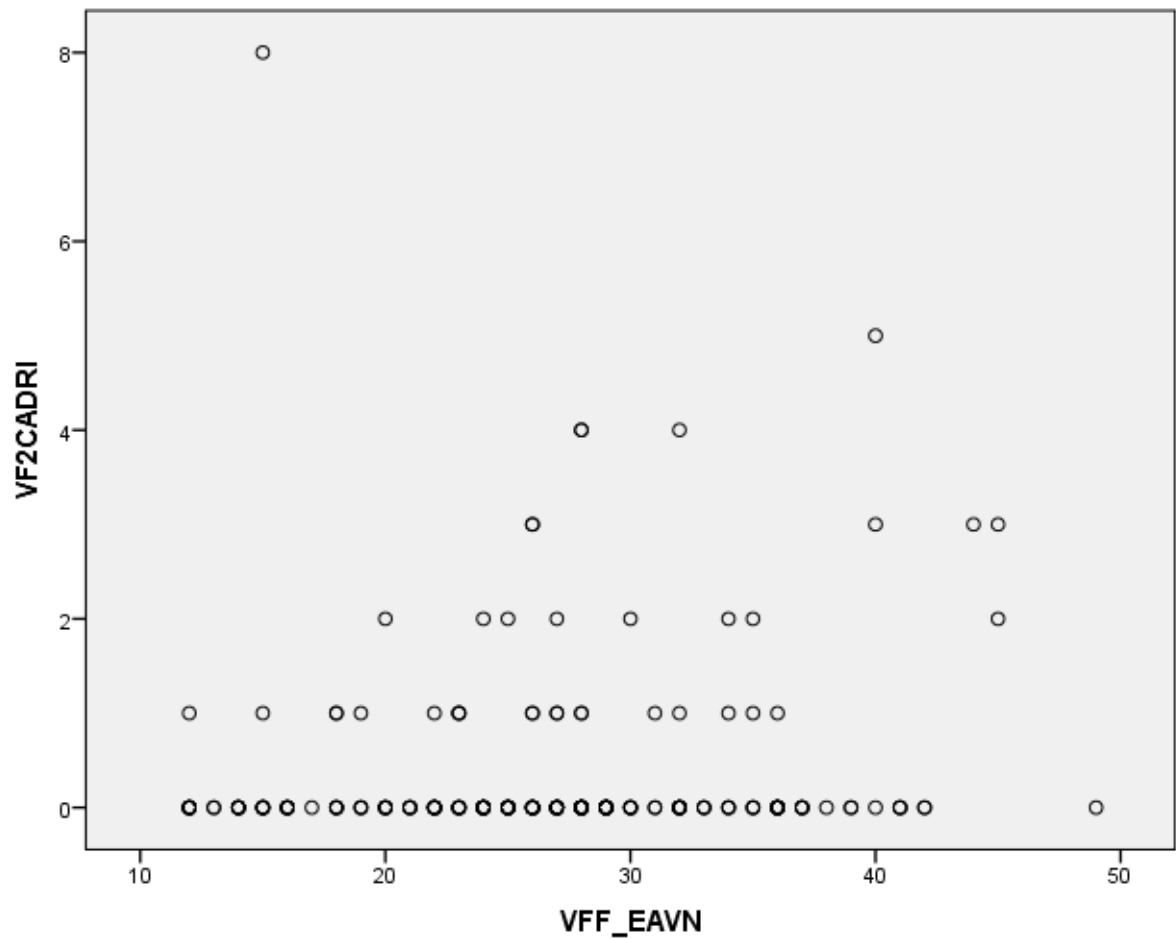
Correlations			
		VF1CADRI	VFM_EAVN
<u>Spearman's rho</u>	<u>VF1CADRI</u>	Correlation Coefficient	1,000
			,018

	Sig. (1-tailed)	.	,399
	N	216	216
	Correlation Coefficient	,018	1,000
VFM_EAVN	Sig. (1-tailed)	,399	.
	N	216	273



Correlação da Variável Violência Física Feminina e a Violência Física da parceira

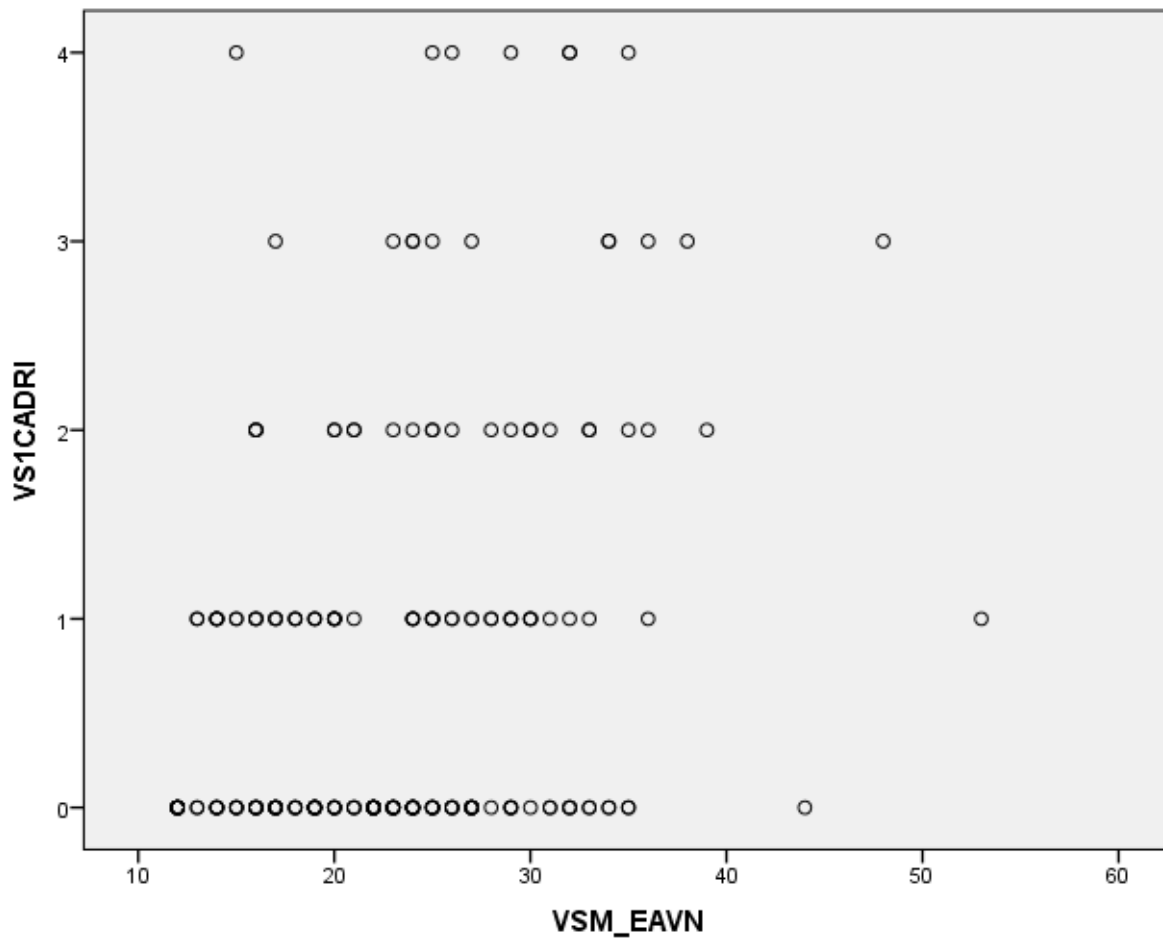
Correlations			
		VF2CADRI	VFF_EAVN
	Correlation Coefficient	1,000	,091
VF2CADRI	Sig. (1-tailed)	.	,090
	N	216	216
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,091	1,000
VFF_EAVN	Sig. (1-tailed)	,090	.
	N	216	273



Correlação da Variável Violência Sexual Masculina e a Violência Física do próprio

Correlations			
		VS1CADRI	VSM_EAVN
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,262**
	VS1CADRI Sig. (1-tailed)	.	,000
	N	216	216
	Correlation Coefficient	,262**	1,000
	VSM_EAVN Sig. (1-tailed)	,000	.
	N	216	273

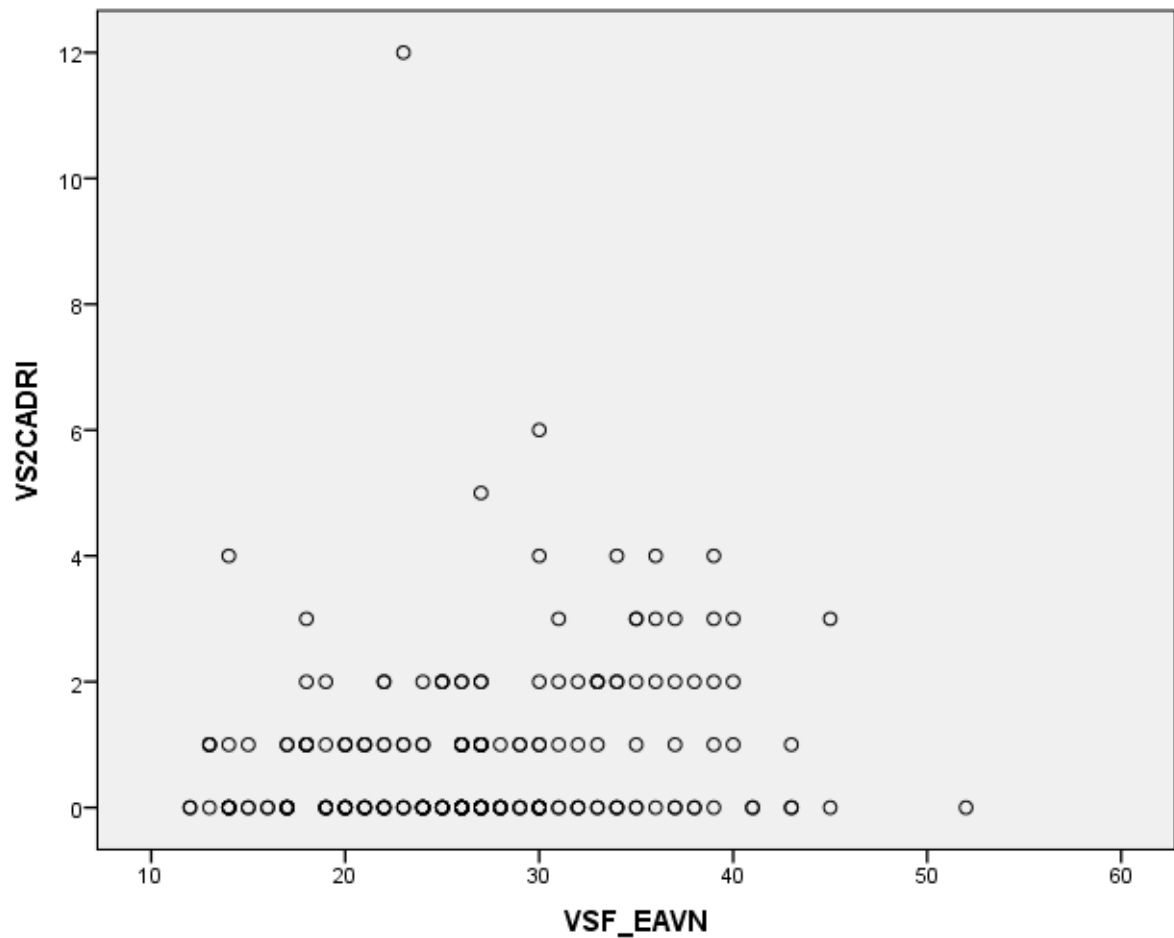
** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).



Correlação da Variável Violência Sexual Feminina e a Violência Física da parceira

Correlations			
		VS2CADRI	VSF_EAVN
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,197**
	VS2CADRI Sig. (1-tailed)	.	,002
	N	216	216
	Correlation Coefficient	,197**	1,000
	VSF_EAVN Sig. (1-tailed)	,002	.
	N	216	273

** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).

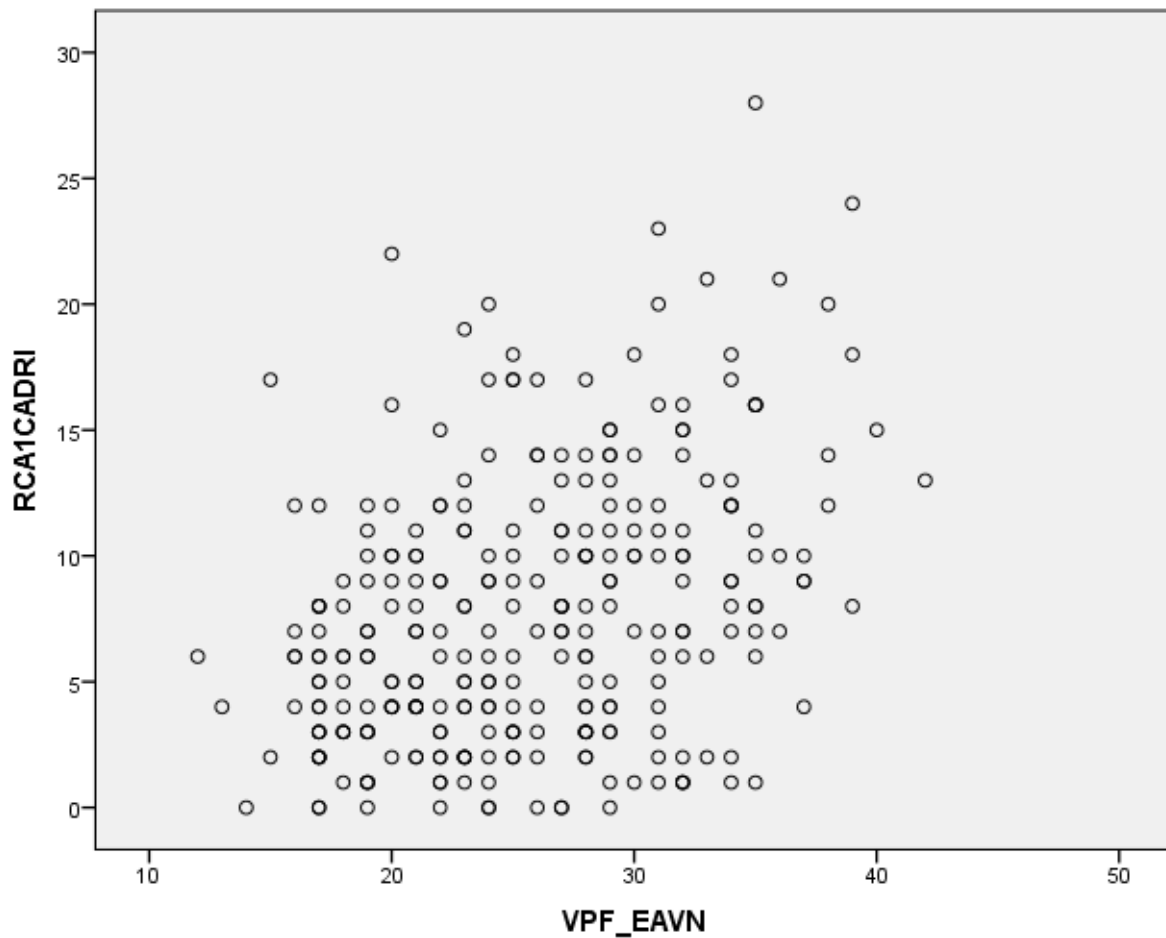


Género Feminino

Correlação da Variável Violência Psicológica Feminina e os Comportamentos Abusivos do próprio

Correlations			
		RCA1CADRI	VPF_EAVN
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,333**
	RCA1CADRI Sig. (1-tailed)	.	,000
	N	287	287
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,333**	1,000
	VPF_EAVN Sig. (1-tailed)	,000	.
	N	287	356

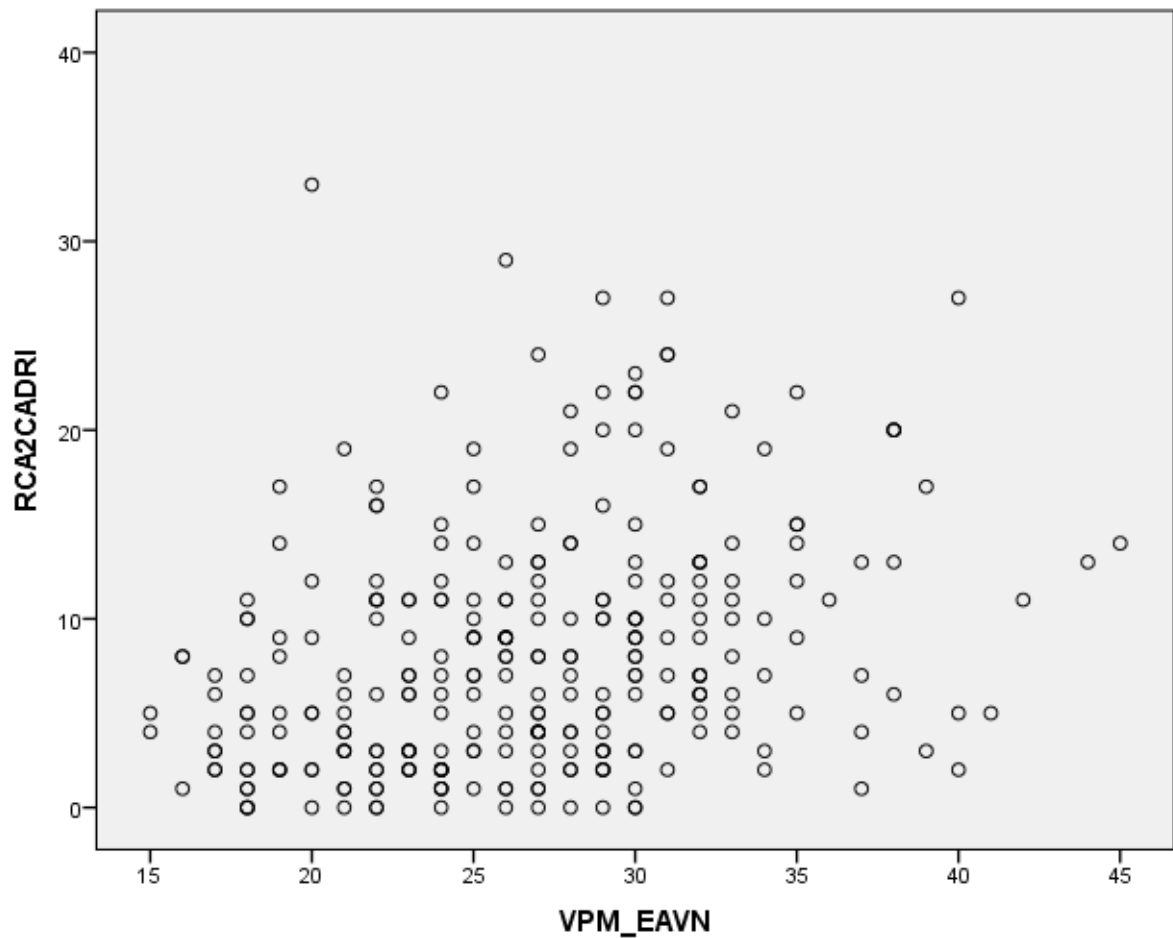
** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).



Correlação da Variável Violência Psicológica Masculina e os Comportamentos Abusivos do parceiro

Correlations			
		RCA2CADRI	VPM_EAVN
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,338**
	RCA2CADRI Sig. (1-tailed)	.	,000
	N	287	287
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,338**	1,000
	VPM_EAVN Sig. (1-tailed)	,000	.
	N	287	356

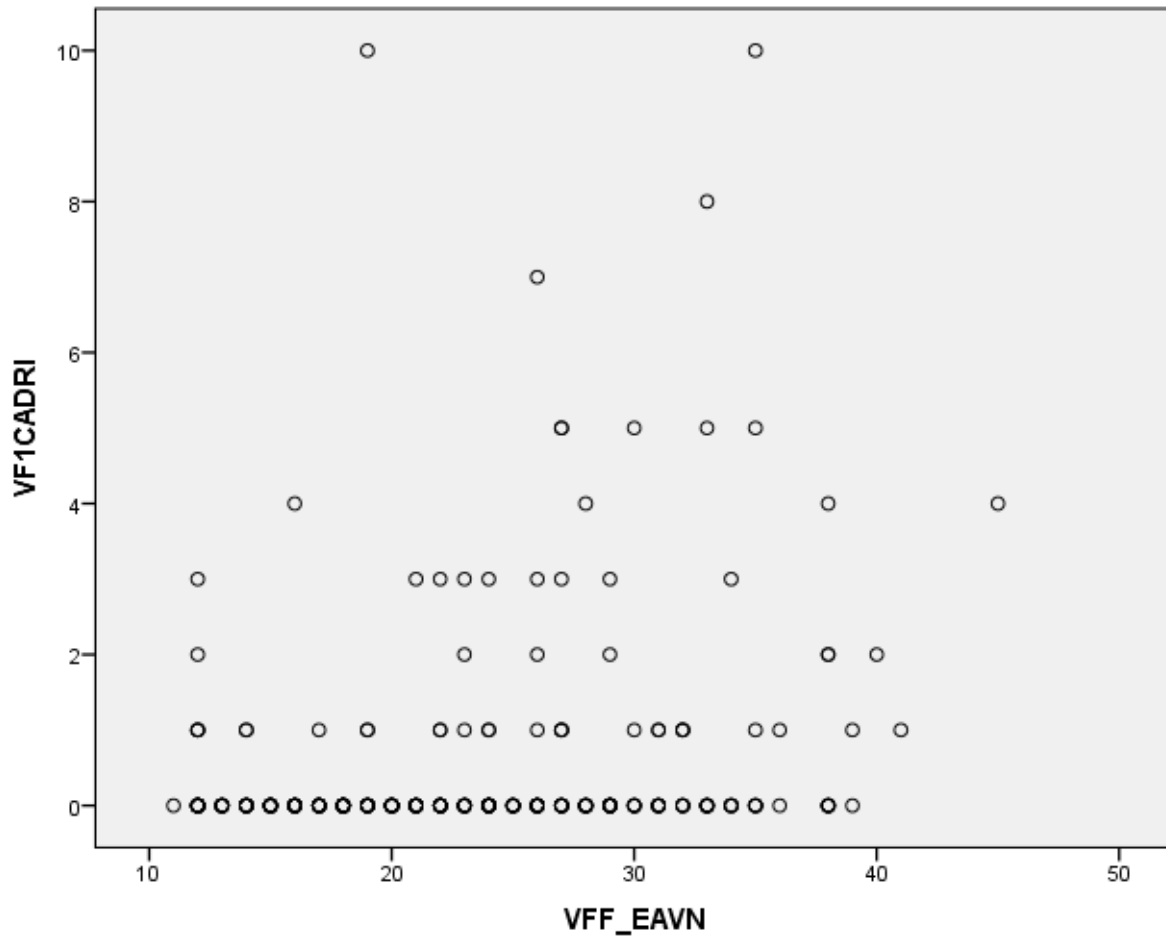
** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).



Correlação da Variável Violência Física Feminina e a Violência Física do próprio

Correlations			
		VF1CADRI	VFF_EAVN
	Correlation Coefficient	1,000	,236**
VF1CADRI	Sig. (1-tailed)	.	,000
	N	287	287
Spearman's rho	Correlation Coefficient	,236**	1,000
VFF_EAVN	Sig. (1-tailed)	,000	.
	N	287	356

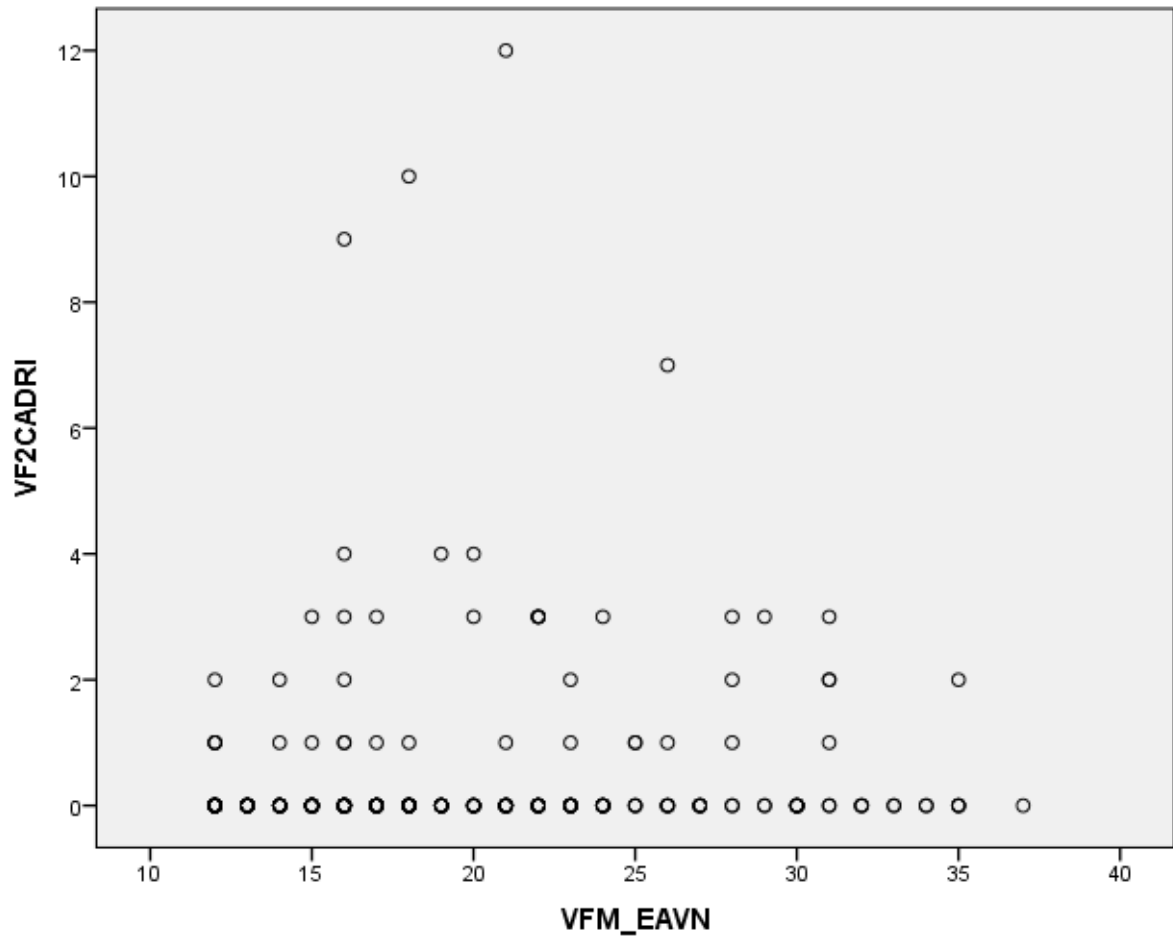
** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).



Correlação da Variável Violência Física Masculina e a Violência Física do parceiro

Correlations			
		VF2CADRI	VFM_EAVN
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,166**
	VF2CADRI Sig. (1-tailed)	.	,002
	N	287	287
	Correlation Coefficient	,166**	1,000
	VFM_EAVN Sig. (1-tailed)	,002	.
	N	287	356

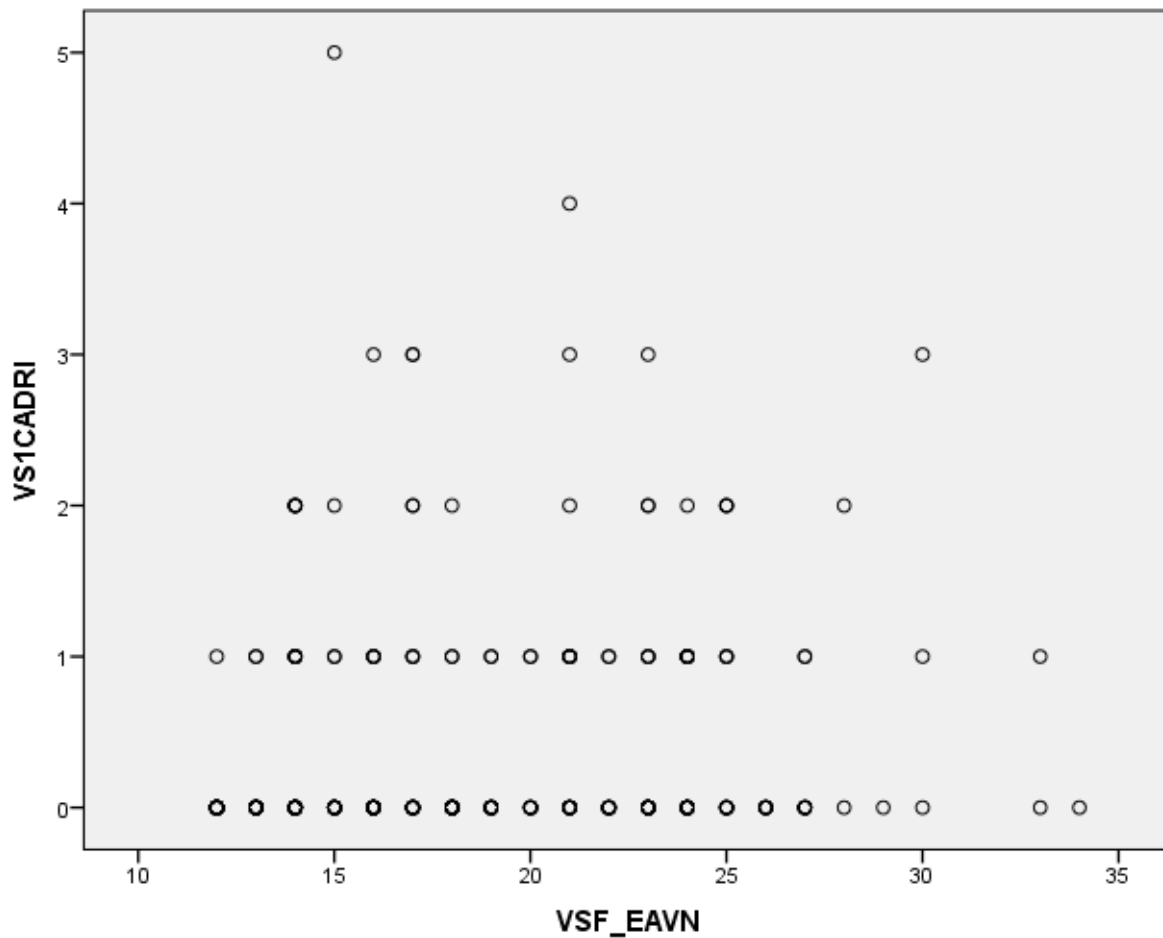
** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).



Correlação da Variável Violência Sexual Feminina e a Violência Física do próprio

Correlations			
		VS1CADRI	VSF_EAVN
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,158**
	VS1CADRI Sig. (1-tailed)	.	,004
	N	287	287
	Correlation Coefficient	,158**	1,000
	VSF_EAVN Sig. (1-tailed)	,004	.
	N	287	356

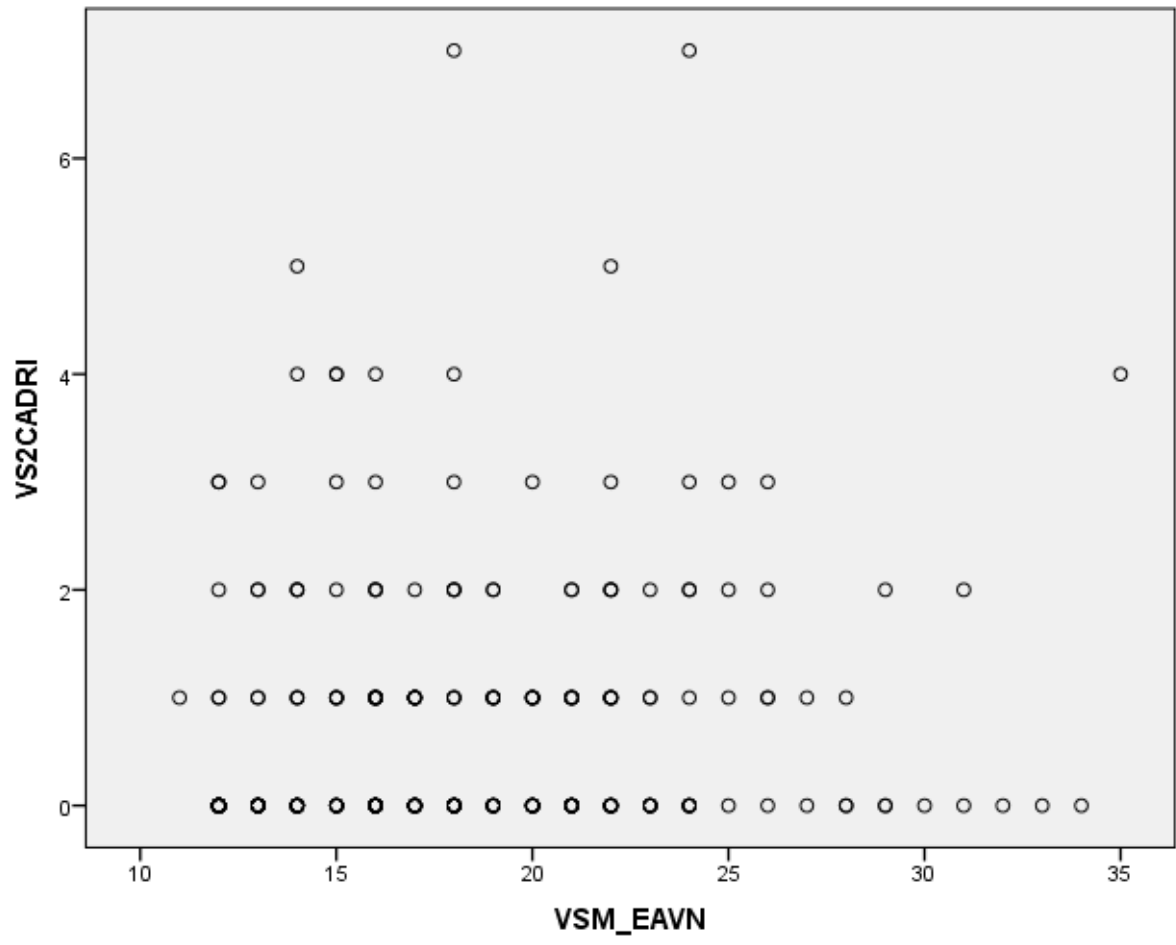
** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).



Correlação da Variável Violência Sexual Masculina e a Violência Física do parceiro

Correlations			
		VS2CADRI	VSM_EAVN
Spearman's rho	Correlation Coefficient	1,000	,179**
	VS2CADRI Sig. (1-tailed)	.	,001
	N	287	287
	Correlation Coefficient	,179**	1,000
	VSM_EAVN Sig. (1-tailed)	,001	.
	N	287	356

** . Correlation is significant at the 0.01 level (1-tailed).



Anexo XI - Objectivo 6

Frequência de Consumo de Drogas

Consumiste_drogas					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sim	151	24,0	24,0	24,0
Valid	Não	477	75,8	76,0	100,0
	Total	628	99,8	100,0	
Missing	333	1	,2		
	Total	629	100,0		

Análise Descritiva Consumo de Drogas

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	Variance
	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Std. Error	Statistic
Consumiste_drogas	151	1	1	1,00	,000	,000
Comportamento_violentos_CADRI	137	0	35	4,93	,577	6,754
Valid N (listwise)	137					

Correlação dos Comportamentos Violentos e consumo de Drogas

Comportamento_violentos_CADRI

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	43	28,5	31,4	31,4
1	8	5,3	5,8	37,2
2	17	11,3	12,4	49,6
3	9	6,0	6,6	56,2
4	14	9,3	10,2	66,4
5	3	2,0	2,2	68,6
Valid	7	4,6	5,1	73,7
7	8	5,3	5,8	79,6
8	2	1,3	1,5	81,0
9	5	3,3	3,6	84,7
10	2	1,3	1,5	86,1
11	2	1,3	1,5	87,6
12	2	1,3	1,5	89,1

13	4	2,6	2,9	92,0
14	1	,7	,7	92,7
16	1	,7	,7	93,4
17	1	,7	,7	94,2
19	1	,7	,7	94,9
21	1	,7	,7	95,6
24	1	,7	,7	96,4
26	1	,7	,7	97,1
27	1	,7	,7	97,8
29	1	,7	,7	98,5
30	1	,7	,7	99,3
35	1	,7	,7	100,0
Total	137	90,7	100,0	
Missing System	14	9,3		
Total	151	100,0		

Correlação Comportamentos Violentos e não ter consumido Drogas

Comportamento_violentos_CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
0	152	31,9	41,6	41,6
1	34	7,1	9,3	51,0
2	56	11,7	15,3	66,3
3	22	4,6	6,0	72,3
4	30	6,3	8,2	80,5
5	19	4,0	5,2	85,8
6	11	2,3	3,0	88,8
7	4	,8	1,1	89,9
8	12	2,5	3,3	93,2
9	4	,8	1,1	94,2
10	2	,4	,5	94,8
11	2	,4	,5	95,3
12	4	,8	1,1	96,4
13	2	,4	,5	97,0
14	3	,6	,8	97,8
15	1	,2	,3	98,1
16	1	,2	,3	98,4
17	1	,2	,3	98,6

	19	1	,2	,3	98,9
	21	1	,2	,3	99,2
	23	1	,2	,3	99,5
	25	1	,2	,3	99,7
	27	1	,2	,3	100,0
	Total	365	76,5	100,0	
Missing	System	112	23,5		
Total		477	100,0		

Frequência de Consumo de Álcool
Análise Descritiva Consumo de Álcool

Ingerir_alcool					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sim	207	58,1	58,3	58,3
Valid	Não	148	41,6	41,7	100,0
	Total	355	99,7	100,0	
Missing	333	1	,3		
Total		356	100,0		

Descriptive Statistics

	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation	Variance
	Statistic	Statistic	Statistic	Statistic	Std. Error	Statistic
Comportamento_violentos_C ADRI	168	0	19	2,33	,259	3,361
Ingerir_alcool	244	2	2	2,00	,000	,000
Valid N (listwise)	168					

Correlação dos Comportamentos Violentos e Consumo de Álcool

Comportamento_violentos_CADRI					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	0	119	31,0	35,6	35,6
	1	25	6,5	7,5	43,1
Valid	2	50	13,0	15,0	58,1
	3	23	6,0	6,9	65,0
	4	32	8,3	9,6	74,6
	5	10	2,6	3,0	77,5

6	15	3,9	4,5	82,0
7	12	3,1	3,6	85,6
8	9	2,3	2,7	88,3
9	4	1,0	1,2	89,5
10	3	,8	,9	90,4
11	4	1,0	1,2	91,6
12	4	1,0	1,2	92,8
13	6	1,6	1,8	94,6
14	3	,8	,9	95,5
16	2	,5	,6	96,1
17	2	,5	,6	96,7
19	1	,3	,3	97,0
21	2	,5	,6	97,6
23	1	,3	,3	97,9
24	1	,3	,3	98,2
26	1	,3	,3	98,5
27	2	,5	,6	99,1
29	1	,3	,3	99,4
30	1	,3	,3	99,7
35	1	,3	,3	100,0
Total	334	87,0	100,0	
Missing System	50	13,0		
Total	384	100,0		

Correlação dos Comportamentos Violentos e não consumo de Álcool

Comportamento_violentos_CADRI				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 0	76	31,1	45,2	45,2
1	17	7,0	10,1	55,4
2	23	9,4	13,7	69,0
3	8	3,3	4,8	73,8
4	12	4,9	7,1	81,0
5	12	4,9	7,1	88,1
6	3	1,2	1,8	89,9
8	5	2,0	3,0	92,9
9	5	2,0	3,0	95,8

	10	1	,4	,6	96,4
	11	1	,4	,6	97,0
	12	2	,8	1,2	98,2
	14	1	,4	,6	98,8
	15	1	,4	,6	99,4
	19	1	,4	,6	100,0
	Total	168	68,9	100,0	
Missing	System	76	31,1		
Total		244	100,0		

Anexo XII - Objectivo 7

Frequências Vítimas de Violência no Namoro

		Vitima violência namoro			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sim	36	5,7	5,8	5,8
Valid	Não	588	93,5	94,2	100,0
	Total	624	99,2	100,0	
Missing	333	5	,8		
Total		629	100,0		

Frequência de Vítimas de Violência no Namoro no género Feminino

		Vitima violência namoro			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sim	31	8,7	8,8	8,8
Valid	Não	321	90,2	91,2	100,0
	Total	352	98,9	100,0	
Missing	333	4	1,1		
Total		356	100,0		

Frequência de Vítimas de Violência no Namoro no género Masculino

		Vitima violência namoro			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Sim	5	1,8	1,8	1,8
Valid	Não	267	97,8	98,2	100,0
	Total	272	99,6	100,0	
Missing	333	1	,4		
Total		273	100,0		

Frequência de Conhecimento de Vítimas no Namoro no Grupo de Pares

Conheces_caso_violência_namoro

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	sim	119	18,9	19,0	19,0
	não	508	80,8	81,0	100,0
	Total	627	99,7	100,0	
Missing	333	2	,3		
Total		629	100,0		